

MAPA DA VIOLÊNCIA III

O s J o v e n s d o B r a s i l

JUVENTUDE, VIOLÊNCIA E CIDADANIA

JACOBO WASELFISZ



Originalmente este estudo contou com o apoio e a participação da Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça.

O autor é responsável pela escolha e pela apresentação dos fatos contidos nesta publicação e pelas opiniões aqui expressas, que não são necessariamente as da UNESCO e não comprometem a Organização. As designações empregadas e a apresentação do material não implicam a expressão de qualquer opinião que seja, por parte da UNESCO, no que diz respeito ao *status* legal de qualquer país, território, cidade ou área, ou de suas autoridades, ou no que diz respeito à delimitação de suas fronteiras ou de seus limites.

Conselho Editorial da UNESCO

Jorge Werthein
Maria Dulce Almeida Borges
Célio da Cunha

Comitê para a Área de Ciências Sociais e Desenvolvimento Social

Julio Jacobo Waiselfisz
Carlos Alberto Vieira
Marlova Jovchelovitch Noletto

Revisão: Mirna Saad

Editoração Eletrônica: Fernando Brandão

Assistente Editorial: Larissa Vieira Leite

Design gráfico: Edson Fogaça

□ UNESCO, 2002

Waiselfisz, Julio Jacobo

Mapa da Violência III / Julio Jacobo Waiselfisz. – Brasília :
UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Ministério da Justiça/SEDH, 2002.

138p.

ISBN: 85-87853-50-3

1. Problemas Sociais-Brasil 2. Violência 3. Juventude 4. Educação
I. Abramovay, Miriam II. UNESCO III. Título.

CDD 362

Division of Women, Youth and Special Strategies
Youth Coordination Unit/UNESCO-Paris



Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura

Representação no Brasil

SAS, Quadra 5 Bloco H, Lote 6,
Ed. CNPq/IBICT/UNESCO, 9º andar.
70070-914 – Brasília – DF – Brasil

Tel.: (55 61) 321-3525

Fax: (55 61) 322-4261

E-mail: UHBRZ@unesco.org

Sumário

Apresentação	7
Abstract	11
Introdução	13
CAPÍTULO 1	
Notas Conceituais e Técnicas	17
1.1 Notas Conceituais	17
1.2 Notas Técnicas	20
CAPÍTULO 2	
Marco da Mortalidade Juvenil no Brasil	25
CAPÍTULO 3	
Homicídios	29
3.1 Evolução dos Homicídios no País	29
3.2 Evolução dos Homicídios nas Capitais	32
3.3 A Questão Etária	41
3.4 Homicídios e Sexo	47
3.5 Sazonalidade dos Homicídios	50
3.6 As Comparações Internacionais	53
3.7 Vitimização Juvenil por Homicídios	53
CAPÍTULO 4	
Acidentes de Transporte	63
4.1 Evolução dos Óbitos por Acidentes de Transporte no País	63
4.2 Evolução dos Óbitos por Acidentes de Transporte nas Capitais	66
4.3 As Idades	75

4.4	Óbitos por Acidentes de Transporte e Sexo	77
4.5	Sazonalidade dos Óbitos por Acidentes de Transporte	80
4.6	Comparações Internacionais	82
4.7	Vitimização Juvenil por Acidentes de Transporte	84

CAPÍTULO 5

Suicídios	91
5.1 Evolução dos Suicídios no País	91
5.2 Evolução dos Suicídios nas Capitais	97
5.3 A Idade dos Suicidas	97
5.4 Os Suicídios por Sexo	104
5.5 Comparações Internacionais	104

CAPÍTULO 6

As Armas de Fogo	109
------------------------	-----

CAPÍTULO 7

Sobre os Padrões Internacionais	121
---------------------------------------	-----

CAPÍTULO 8

Fidedignidade, Sub-registro e Subimputação	125
--	-----

CAPÍTULO 9

Considerações Finais	135
----------------------------	-----

Bibliografia	138
--------------------	-----

Bibliografia Unesco	139
---------------------------	-----

Nota sobre o autor	141
--------------------------	-----

Apresentação

Este trabalho, fruto de uma colaboração histórica entre a UNESCO, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos e o Instituto Ayrton Senna, pretende contribuir para o enfrentamento de um dos grandes desafios de nossa modernidade, qual seja, a constituição efetiva do respeito aos direitos humanos de um dos segmentos mais vulneráveis de nossa sociedade - a sua juventude.

As várias formas de violência contra nossa juventude abordadas neste estudo, sejam homicídios, mortes em acidentes de transporte, ou ainda suicídios, não são visualizadas, via de regra, como violações aos direitos humanos. Aparecem, na maior parte dos casos, como resultados da ação de entes privados, sem a responsabilidade direta ou imediata do Estado. Nesta visão simplificada, ao Estado só caberia a repressão do delito, a punição dos culpados ou, ainda, no melhor dos casos, a diagramação de políticas que possibilitem a redução destes flagelos.

Mas não só no plano nacional, onde nossa Constituição estabelece cabalmente os direitos individuais, mas também no plano internacional, esta visão resulta estreita e limitada. Na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, a pessoa passa a ser sujeito de direito na ordem internacional. Antes apenas os Estados e as organizações internacionais tinham essa prerrogativa. A partir da Declaração de 1948, o ser humano transforma-se em sujeito de direito na comunidade internacional para ser protegido. Esta garantia está plenamente indicada em todo o conjunto de convenções e tratados de direitos humanos ratificados pelo Brasil e também no Programa Nacional de Direitos Humanos do governo brasileiro.

E que falar então do mais fundamental dos direitos humanos: o direito à vida, sem o qual todos os outros direitos tornam-se inúteis, palavras mortas.

Não é um fato novo a preocupação de todos os cidadãos e das autoridades constituídas com a violência cotidiana que a sociedade enfrenta. Embora não seja recente, nosso problema atual centra-se nas proporções inéditas que o fenômeno vem assumindo. A violência urbana tomou vulto e intensidade nos últimos 15 anos e atualmente se alça na forma de insegurança coletiva que atemoriza a vida de toda a sociedade. A violência hoje atinge os mais diversos grupos sociais, abatendo-se a vitimização com especial intensidade sobre os grupos mais pobres e vulneráveis. A sociedade por inteiro se sente ameaçada pelo medo do crime que arrisca impedir o exercício dos mais básicos direitos que a vida social exige. As atuais manifestações de violência assumem formas mais amplas e complexas, como a criminalidade organizada, as quadrilhas do narcotráfico, os grupos de extermínio, e as gangues, pondo em risco muitas vezes a própria coesão social.

É esta enorme complexidade que nos permite falar não de uma violência unívoca, mas de diversas violências, cada uma com suas próprias lógicas e seus próprios determinantes. Assim falamos, em nosso país, de violência doméstica, violência criminal, violência nas ruas, no trânsito, nas escolas, no campo, contra o jovem, a criança, a mulher, os idosos, os portadores de deficiências, os afrodescendentes e os homossexuais. O mundo hoje nos apresenta um enorme e variado repertório de violências políticas, étnicas, religiosas, entre outras. E esta enorme multiplicidade de significações e manifestações é a que torna seu combate e enfrentamento mais complexo e desafiador.

Mas, o presente trabalho não se propõe abranger essa diversidade. Trata-se de uma tarefa mais precisa, a de fornecer dados sobre a morte de nossa juventude por causas violentas, principalmente por homicídios, por suicídios e em acidentes de trânsito. Como o próprio estudo estabelece, trata-se aqui de formas de violência em seu grau extremo, o que indica as diversas contradições, questões sociais ainda não resolvidas e direitos ainda por serem protegidos. Se nos últimos anos temos avançado a passos largos tanto no respeito do estado de direito quanto nas preocupações públicas e privadas pelos direitos humanos, ainda temos um longo caminho a percorrer.

Este estudo nos traz boas, mas também más notícias. A partir da vigência da nova lei de trânsito e da mobilização conseqüente, tanto da sociedade civil quanto do próprio governo, conseguimos reduzir

significativamente os níveis de mortalidade nas ruas, dando um claro exemplo de que a violência não é um fenômeno inevitável e que a correta formulação de políticas públicas juntamente com a mobilização cidadã em torno delas, podem enfrentar uma de nossas barbáries cotidianas.

Também é boa a notícia que, tomando em conjunto as três causas de mortalidade de nossa população – homicídios, acidentes de transporte e suicídios – as taxas de óbitos, crescentes até 1997, tendem a cair a partir dessa data. Se isso acontece quando olhamos para o conjunto da população, o preocupante é verificar que, entre os jovens, o crescimento da espiral de violência fatal parece não ter fim.

Uma conclusão estarrecedora do presente trabalho é o contínuo aumento dos homicídios, sobretudo entre os jovens. Mais preocupante ainda é o fato de que o aumento dos homicídios juvenis é o responsável absoluto pelo incremento da violência homicida nos últimos 20 anos de nossa história.

Não cabe dúvida de que este terceiro Mapa da Violência, como foram os anteriores, deverá ser de extrema utilidade para o balizamento das políticas públicas de enfrentamento da violência. Mais ainda, motivo de reflexão sobre a situação de nossa juventude e da necessidade de se formular estratégias e políticas de inclusão e proteção dos direitos da juventude que, pelos dados, apresenta-se altamente vulnerável em nossa sociedade. Se conseguirmos este intento, certamente valeu o esforço conjunto empreendido pela UNESCO, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos e o Instituto Ayrton Senna.

Paulo Sérgio Pinheiro
Secretário de Estado dos
Direitos Humanos
Ministério da Justiça

Viviane Senna
Presidente do
Instituto Ayrton Senna

Jorge Wertheim
Diretor da UNESCO
no Brasil

Abstract

Providing continuity for a series of projects that UNESCO Brazil has been developing in relation to the theme of youth and violence, this study analyzes the causes of youth mortality in the decade of 1991/2000. Using death records as a source, the evolution and structure of violent deaths caused by homicides, suicides, traffic accidents, and firearms are studied. For each one of these themes, quantitative elements and population rates for the total population and the youth population are compared for the 27 states and in the capitals. In addition to this, incidence by age group, sex, and season (prevalent days of the week and months) are studied for each cause. International comparisons were performed and the levels of victimization experienced by youths were studied. Finally, definitive international standards of the production of violent deaths and the problems of the reliability of the utilized information were analyzed as well.

The study's conclusion is that suicide rates remained unaltered over the time period and that the rate of death by traffic accident fell considerably, basically due to the enforcement of the new Traffic Law. Yet, homicide rates, which were already high, grew significantly over the period, principally among youths in large urban centers. The study also proves that homicidal violence over the past two decades can be explained exclusively by the increase in youth victimization.

Introdução

O presente trabalho forma parte duma linha de estudos e atividades de maior alcance que a Representação da UNESCO no Brasil vem desenvolvendo e coordenando desde o ano de 1997, com o apoio e parceria de um grande número de organismos nacionais e internacionais. Trata-se duma metódica tarefa de prospecção das características, valores, atitudes e comportamentos de nossa juventude para, ao mesmo tempo, colaborar com a análise e estruturação de políticas destinadas a enfrentar um dos flagelos que caracterizam e manifestam as modalidades de exclusão vulnerabilizante dessa juventude: a violência.

Seria longo demais enumerar a extensa produção conceitual e prospectiva realizada pela UNESCO neste último quinquênio. Promovendo, coordenando e divulgando diversos estudos e pesquisas, prestando assistência técnica e material a diversos programas do governo federal, de diversos estados, municípios e entidades não-governamentais do país, a UNESCO tem contribuído para colocar o tema da vulnerabilidade e da violência juvenil na pauta de preocupações dos gestores de nossas políticas públicas.

Mas uma dessas atividades deve ainda ser destacada por ser um antecedente direto do presente trabalho. Trata-se da elaboração dos Mapas da Violência, publicados nos anos de 1998 e 2000.

Ainda no ano de 1998, a UNESCO, com o concurso do Instituto Ayrton Senna, organizou e divulgou o primeiro *Mapa da Violência*¹. Nesse trabalho, pretendia-se realizar uma leitura social das mortes violentas dos jovens brasileiros. Considerava-se que as mortes originadas de causas violentas representavam a ponta do *iceberg* da violência geral que afeta e vitima nossa

¹ WAISELFISZ, J. *Mapa da Violência: os Jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Garamond, 1998.

juventude. Nem todas, nem sequer a grande maioria das violências cotidianas terminam em morte; mas a morte representa o grau extremo da violência. Da mesma forma que as taxas de mortalidade infantil não só tratam da quantidade de crianças que estão morrendo, mas indicam também a existência (ou a ausência) de infra-estrutura de atendimento infantil, epidemias, condições de higiene, mecanismos culturais, políticos e sociais de tratamento das crianças, etc, as taxas de mortalidade juvenil, e especificamente as atribuíveis a causas violentas nos indicam também os modos de sociabilidade, as circunstâncias políticas e econômicas, os mecanismos específicos de negação da cidadania. Três grandes categorias de mortandade violenta entre os jovens foram abordadas nesse estudo:

- a) óbitos por *acidentes de transporte*, como indicativo da violência cotidiana nas ruas e nos âmbitos de convivência;
- b) *homicídios*, como o indicador, por excelência, de diversas manifestações de violência que resultam em morte;
- c) *suicídios*, como indicador de violência que o ser humano dirige contra si próprio.

Para tanto, foram utilizadas as informações de óbitos, no período 1979/1996, disponibilizadas pela Base de Dados Nacional do Sistema de Informações de Mortalidade (SIM), do DATASUS, Ministério da Saúde, para as faixas etárias de 15 a 24 anos e para o conjunto da população.

No ano 2000, por diversas demandas internas e externas, o Mapa², abrangendo o período 1989/1998, foi atualizado.

Com as novas informações disponibilizadas pelo Sistema de Informações de Mortalidade, agora foi possível cobrir a década 1991/2000. Respeitando para o atual período as análises que vem sendo realizadas desde a primeira publicação, foram incorporados nesta versão alguns refinamentos.

Em primeiro lugar, uma maior leque de países para as comparações internacionais, aprofundando a análise, num capítulo específico, sobre as tendências internacionais que os dados apontam.

Em segundo lugar, uma análise da fidedignidade dos dados disponibilizados pelo Sistema de Informações de Mortalidade, o que possibilitou realizar estimativas mais ajustadas das informações de mortalidade.

² Waiselfisz, J. *Mapa da Violência II: os jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Ministério da Justiça, 2000.

Também foi aberta, para cada causa de mortalidade violenta, uma análise específica sobre os níveis de incidência sobre a juventude, que denominamos vitimização juvenil.

Para contribuir com o debate sobre a questão da violência, sensibilizar as autoridades sobre a gravidade da situação, e também como subsídio aos restantes estudos e atividades que a UNESCO vem desenvolvendo sobre o tema nas várias regiões do Brasil, o presente estudo se propõe traçar um panorama da evolução da mortalidade na juventude brasileira e, mais especificamente, da mortalidade derivada de situações violentas, como mecanismo metodológico que possibilite redefinir o perfil dos novos núcleos dinâmicos da violência no país.

Esperamos que as informações aqui trabalhadas e expostas possam servir de base para estudos mais aprofundados sobre o tema e, fundamentalmente, que contribuam para a diagramação de políticas e estratégias que possibilitem inverter o quadro e as tendências observadas. Só isso já justificaria o esforço empreendido.

CAPÍTULO 1

Notas Conceituais e Técnicas

1.1 NOTAS CONCEITUAIS

O contínuo incremento da violência cotidiana configura-se como aspecto representativo e problemático da atual organização da vida social, especialmente nos grandes centros urbanos, manifestando-se nas diversas esferas da vida societal. Mas assistimos, neste fim de século, a uma profunda mudança nas formas de manifestação, de percepção e de abordagem de um fenômeno que parece ser uma das características marcantes de nossa época: a violência. Como assevera Wieviorka³, “mudanças tão profundas estão em jogo que é legítimo acentuar as inflexões e as rupturas da violência, mais do que as continuidades”. Efetivamente; assistimos, por um lado, a um incremento constante dos indicadores objetivos da violência: taxas de homicídios, conflitos étnicos, religiosos, raciais, etc, índices de criminalidade, incluindo nessa categoria o narcotráfico, etc. Mas também assistimos, nas últimas décadas, a um alargamento do entendimento da violência, uma reconceitualização, pelas suas peculiaridades atuais e pelos novos significados que o conceito assume (...) de modo a incluir e a nomear como violência acontecimentos que passavam anteriormente por práticas costumeiras de regulamentação das relações sociais”⁴, como a violência intrafamiliar, contra a mulher ou as crianças, a violência simbólica contra grupos, categorias sociais ou etnias, etc.

³ WIEVIORKA, M. O novo paradigma da violência. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, V.9, nº1, 1997.

⁴ PORTO, M. S. G. *A violência entre a inclusão e a exclusão social*. VII Congresso Sociedade Brasileira de Sociologia, Brasília, agosto, 1997.

Ainda que existam dificuldades para definir o que se nomeia como violência, alguns elementos consensuais sobre o tema podem ser delimitados: noção de coerção ou força; dano que se produz em indivíduo ou grupo de indivíduos pertencentes a determinada classe ou categoria social, gênero ou etnia. Concorde-se, neste trabalho, com o conceito de que “há violência quando, em uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou a mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais”.⁵.

Os estudos mais recentes sobre a violência têm-se concentrado na área urbana, o que se explica pelo fato de que as grandes questões da sociedade se localizam principalmente nas grandes cidades. Segundo Dubet⁶, o espaço urbano aparece como sintoma, símbolo, representação “da civilização e da barbárie modernas”. Isso explica os níveis de desagregação das informações utilizados no presente estudo: Unidades Federadas e capitais dessas Unidades.

Também a definição de juventude pode adquirir conotações diversas e passíveis de ser identificadas segundo os interesses de cada área do conhecimento. A alternativa fácil do recorte etário, se por um lado introduz uma referência concreta, não permite superar o problema da caracterização do conceito de juventude. Mas, inclusive com relação à faixa etária, também existem divergências na identificação da categoria juventude. Neste documento, seguiremos as definições da Organização Pan-americana da Saúde e da Organização Mundial da Saúde – OPS/OMS, nas quais adolescência e juventude se diferenciariam pelas suas especificidades fisiológicas, psicológicas e sociológicas. Para a OPS/OMS⁷ a adolescência constituiria um processo fundamentalmente biológico durante o qual se acelera o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Abrangeria as idades de 10 a 19 anos, divididas nas etapas de pré-adolescência (de 10 a 14 anos) e de adolescência propriamente dita (de 15 a 19 anos). Já o conceito juventude resumiria uma categoria essencialmente sociológica, que indicaria o processo de preparação para os indivíduos assumirem o papel de adulto na sociedade, tanto no plano familiar quanto no profissional, estendendo-se dos 15 aos 24 anos.

⁵ MICHAUD, Y. *A Violência*, São Paulo, Ática, 1989

⁶ DUBET, F. *Penser le sujet*. S/l. Fayard, 1995.

⁷ OPS/OMS. *La salud del adolescente y el joven en las Américas*. Washington, DC., 1985.

Faltaria ainda apontar o porquê da utilização das mortes por violência como indicador geral de violência na sociedade e também o sentido atribuído, neste trabalho, ao conceito. Dois grupos de argumentos justificam essa decisão de utilizar os óbitos violentos como indicador geral de violência. Em primeiro lugar, como já apontamos, a violência, como anteriormente definida, cobre um espectro significativamente mais amplo de comportamentos do que as mortes por violência. Nem todas, nem sequer a maior parte das violências cotidianas conduzem necessariamente à morte de algum dos protagonistas implicados. Mas a morte revela, *per se*, a violência levada a seu grau extremo. Da mesma forma que a virulência de uma epidemia é indicada, freqüentemente, pela quantidade de mortes que originou, também a intensidade dos diversos tipos de violência guarda uma estreita relação com o número de mortes que origina.

Em segundo lugar, porque não existem muitas outras alternativas. O registro de queixas à polícia sobre diversas formas de violência, como ficou evidenciado em nossa pesquisa no DF⁸, tem uma abrangência extremamente limitada. Nos casos de violência física, só 6,4% dos jovens denunciaram à polícia; nos casos de assalto/furto, só 4%; nos casos de violência no trânsito, só 15%. Já no campo dos óbitos, contamos com um Sistema de Informações sobre Mortalidade, que centraliza informações sobre os óbitos em todo o país, e cobre um universo bem significativo das mortes acontecidas, e de suas causas.

Dada a utilização desse Sistema, entenderemos como morte violenta os óbitos acontecidos por acidentes de transporte, por homicídios ou agressões fatais e por suicídios. Que nos permite unificar, numa categoria única, circunstâncias aparentemente pouco semelhantes? Diferentemente das mortes por causas endógenas, que nos remetem a uma deterioração da saúde causada por algum tipo de enfermidade ou doença, nesses casos a morte é resultado de uma intervenção humana, ou seja, resultado de alguma ação dos indivíduos, seja contra si, como no caso dos suicídios, seja pela intervenção, intencional ou não, de outras pessoas.

Se cada uma dessas mortes tem sua história individual, seu conjunto de determinantes e causas, diferentes e específicas para cada caso, irreduzíveis em sua diversidade e compreensíveis só a partir de seu contexto específico,

⁸ WAISELFISZ, J.J. Juventude, Violência e Cidadania. Os Jovens de Brasília. S.Paulo, Cortez/UNESCO, 1998.

sociologicamente falando temos que notar, como será desenvolvida ao longo do trabalho, sua regularidade e constância. Todo o ano acontece um número determinado de mortes violentas, levemente maior ou menor que as mortes ocorridas no ano anterior. Sem muito esforço, a partir desses dados, poderíamos prognosticar, com uma certa margem de erro, quantos jovens morrerão em nosso país no próximo ano por causas violentas. E são essas regularidades que nos possibilitam inferir que, longe de ser resultado de decisões individuais tomadas por indivíduos isolados, estamos perante fenômenos de natureza social, produto de conjuntos de determinantes que se originam na convivência dos grupos e nas estruturas da sociedade.

Durkheim⁹, em fins do século passado, escreveu um tratado sobre o tema do suicídio que pode ser considerado uma das pedras fundamentais da moderna sociologia. Ressaltava o autor que a taxa de suicídios representa um excelente indicador da situação social, e que seus movimentos se encontram fortemente associados a problemas gerais que afetam o conjunto societal. Entendia ele que a sociedade não é simplesmente o produto da ação e da consciência individual. Pelo contrário, as maneiras coletivas de agir e de pensar resultam de uma realidade exterior aos indivíduos que, em cada momento, a elas se conformam. O tratamento do crime, da violência e do suicídio como um fato social, permitir-lhe-ia reabilitar cientificamente esses fenômenos e demonstrar que a prática de um crime depende não tanto do indivíduo, senão das diversas formas de coesão e de solidariedade social. Da mesma forma, ao longo deste trabalho, pretendemos indicar que as diversas formas de violência abordadas, longe de ser produtos aleatórios de atores isolados, configuram “tendências” que encontram sua explicação nas situações sociais, políticas e econômicas que o país atravessa.

1.2 NOTAS TÉCNICAS

A partir do ano de 1979, o Ministério da Saúde passou a implementar o Subsistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) cujas bases de dados foram utilizadas para a elaboração do presente relatório.

⁹ DURKHEIM, E. O *Suicídio: Estudo Sociológico*. Lisboa: Presença, 1996

Pela legislação vigente no Brasil (Lei nº 015, de 31/12/73, com as alterações introduzidas pela Lei nº 6.216, de 30/06/75), nenhum sepultamento pode ser feito sem a certidão de registro de óbito correspondente. Esse registro deve ser feito à vista de atestado médico ou, na falta de médico na localidade, por duas pessoas qualificadas que tenham presenciado ou constatado a morte.

A certidão normalmente fornece dados quanto à idade, sexo, estado civil, profissão, naturalidade e local de residência. Determina igualmente a legislação, que o registro do óbito seja sempre feito “no lugar do falecimento”, isto é, no local da ocorrência do evento. Dado o interesse do presente trabalho de isolar áreas ou locais de “produção” de violência, utilizou-se este último dado, o do local de ocorrência, para a localização espacial dos óbitos. Mas isto não deixa de trazer alguns problemas que, no formato atual da certidão de registro, não tem solução. É o caso das situações onde o “incidente” causante do óbito difere do local onde teve lugar o falecimento. Feridos em “incidentes” levados para hospitais localizados em outros municípios, ou até em outros Estados, aparecem contabilizados no “lugar do falecimento”.

Uma outra informação relevante para nosso estudo, exigida pela legislação, é a causa da morte. Até 1995, tais causas eram classificadas pelo SIM seguindo os capítulos da nona revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-9). A partir daquela data, o Ministério da Saúde adotou a décima revisão (CID-10). Como na época da elaboração do primeiro Mapa da Violência, que abrange desde 1979 até 1996, o SIM só tinha disponibilizado, com a nova classificação, os dados referentes a 1996, para simplificar a exposição e a comparabilidade dos dados, optou-se pela utilização das categorias do CID-9, re-tabulando-se, quando necessário, as informações de 1996.

Já para a segunda versão do Mapa da Violência (1989/1998), tendo três anos classificados com a CID-10 (1996 a 1998), optou-se por realizar o caminho inverso. Os dados do período 1989 a 1995 foram re-tabulados utilizando-se as categorias do CID-10. Desta reclassificação surgiram algumas diferenças numéricas entre os dois Mapas.

Já para esta terceira versão do Mapa (1991/2000), foram utilizadas as re-tabulações do Mapa II (CID-10), incorporando-se os dados correspondentes aos anos de 1999 e 2000, já fornecidos no mesmo esquema classificatório.

Os aspectos de interesse para o presente estudo estão contidos no que o CID-10, em seu Capítulo XX, classifica como “causas externas de morbidade

e mortalidade”. Quando um óbito devido a causas externas (acidentes, envenenamento, queimadura, afogamento, etc.) é registrado, descreve-se tanto a natureza da lesão como as circunstâncias que a originaram. Assim, para a codificação dos óbitos, foi utilizada a causa básica, entendida como o tipo de fato, violência ou acidente causante da lesão que levou à morte. Das causas de óbito estabelecidas pelo CID-10 foram utilizadas as seguintes:

- **Acidentes de Transporte**, que correspondem às categorias V01 A V99 do CID-10 e que incorporam, além dos comumente denominados “acidentes de trânsito”, outros acidentes derivados das atividades de transporte, como aéreo, por água, etc.
- **Homicídios**, que correspondem à somatória das categorias X85 a Y09 que recebem o título genérico de *Agressões*. Tem como característica a presença de uma agressão de terceiros, que utilizam qualquer meio para provocar danos, lesões ou a morte da vítima.
- **Suicídios**, que correspondem às categorias X60 a X84, todas sob o título *Lesões Autoprovocadas Intencionalmente*.
- **Óbitos por uso de Armas de Fogo**, ou, simplesmente, como será denominado ao longo do trabalho, Armas de Fogo. Trata-se de todos aqueles óbitos acidentais, por agressão de terceiros, autoprovocados intencionalmente ou de intencionalidade desconhecida, cuja característica comum foi a morte causada por uma arma de fogo. Agrupa os casos de utilização de arma de fogo nas categorias W32 a W34 dos óbitos por traumatismos acidentais; X72 a X74 das Lesões Autoprovocadas Intencionalmente; X93 a X95 das Agressões e Y22 a Y24 do capítulo de Intenção Indeterminada.

Para as comparações internacionais, foram utilizadas as bases de dados de mortalidade da Organização Mundial da Saúde¹⁰ – OMS, em cuja metodologia é baseado o nosso SIM, pois ambas séries de dados são totalmente compatíveis, possibilitando as comparações. A partir desta base de dados, foi possível completar os dados de mortalidade de 58 países do mundo. Mas, como os países demoram em atualizar essa base de dados, não foi possível nivelar todos os dados para o mesmo ano. Assim, foram utilizados os últimos dados disponibilizados pela OMS que, segundo o país, variam de 1996 a 1999. Os dados da Colômbia, por estarem desatualizados

¹⁰ WHOSIS, World Mortality Databases

nessa base, foram obtidos diretamente do Departamento Administrativo Nacional de Estatística – DANE – da Colômbia. Para a análise da incidência das armas de fogo, os dados dos Estados Unidos foram obtidos do U.S. National Center for Health Statistics (NCHS).

Não se pode negar que as informações do sistema de registro de óbitos ainda estão sujeitas a uma série de limitações e críticas, expostas pelo próprio SIM¹¹, e também por outros autores que trabalharam com o tema (Mello Jorge¹²; Ramos de Souza et ali¹³).

A primeira grande limitação, assumida pelo próprio SIM, é o sub-registro devido, por um lado, à ocorrência de inúmeros sepultamentos sem o competente registro, determinando uma redução do número de óbitos declarados. Por outro lado, também a incompleta cobertura do sistema, fundamentalmente nas regiões norte e nordeste, faz com que a fidedignidade das informações diminua com a distância dos centros urbanos e com o tamanho e disponibilidades dos municípios. O próprio SIM¹⁴ estima que os dados apresentados em 1992 podem representar algo em torno de 80% dos óbitos acontecidos no país. Mas, pelas evidências existentes, esse sub-registro afeta bem mais as mortes por causas naturais do que as mortes violentas.

Não só a quantidade, mas também a qualidade dos dados tem sofrido reparos: mortes sem assistência médica que impedem o apontamento correto das causas e ou lesões; deficiências no preenchimento adequado da certidão, etc. Mas, apesar dessas limitações, existe ampla coincidência em indicar, por um lado, a enorme importância desse sistema e, por outro, a necessidade de seu aprimoramento.

Para o cálculo das taxas de mortalidade, foram utilizadas as estimativas intercensitárias disponibilizadas pelo DATASUS, baseadas nas estimativas populacionais do IBGE. Mas estas estimativas intercensitárias oficiais não estão desprovidas de uma certa margem de erro. Assim, por exemplo, as estimativas oficiais utilizadas para o ano 2000 (inclusive pelo TCU para os

¹¹ SIM/DATASUS/MS. *O Sistema de Informações sobre Mortalidade*. S/1, 1995

¹² MELLO JORGE, M.H.P. Como Morrem Nossos Jovens. In: CNPD. *Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas*. Brasília, 1998.

¹³ RAMOS de SOUZA, et alli. Qualidade da informação sobre violência: um caminho para a construção da cidadania. *INFORMARE – Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação*. Rio de Janeiro, v.2, n. 1, jan/jun 1996.

¹⁴ SIM/DATASUS/MS op. cit.

fundos de participação) davam conta de uma população total de 166,1 milhões de habitantes para o Brasil. Mas o Censo Demográfico desse ano revelou que, em realidade, existiam 169,8 milhões, o que representa um erro de 2,2% nas estimativas. Quando da elaboração do Mapa II, as informações populacionais disponíveis e utilizadas foram as estimativas do IBGE. Já nesta versão, contando com os dados preliminares do Censo 2000, foram re-estimados os dados populacionais a partir de 1996 para dar maior precisão às taxas, pois entre a versão II e a III podem existir pequenas diferenças nas taxas, fundamentalmente entre os anos de 1996 e 1998.

Sérias anomalias encontradas nas bases de dados da Bahia, principalmente a partir do ano de 1998, levaram à necessidade de utilizar, para os anos de 1998, 1999 e 2000 a mesma estrutura de dados do ano de 1997, incrementando os valores em função do aumento de sua população.

Também para os Estados de Minas Gerais e Rondônia, que não tinham finalizado a tabulação de suas informações do ano 2000, foi feita uma estimativa dos registros faltantes a partir da estrutura de dados já tabulada pelo Estado.

Uma última ressalva deve ser ainda colocada. Refere-se à peculiar situação do Distrito Federal, cuja organização administrativa específica determina que os parâmetros da UF coincidam com os de Brasília como capital. Em muitos casos, quando tratada como UF, apresenta valores relativamente altos, devido a sua peculiar forma de organização.

Marco da Mortalidade Juvenil no Brasil

Para o ano 2000, o país contava com um contingente de 34,1 milhões de jovens na faixa de 15 a 24 anos e que representa 17,3% do total de 169,8 milhões de habitantes do país. Essa proporção já foi bem maior. Em 1980, se existiam só 25,1 milhões de jovens, no total dos 118,7 milhões de habitantes, essa faixa representava 21,1%.

Nas capitais dos estados, a proporção de jovens é maior do que a média nacional, indicando uma maior concentração da juventude nessas áreas. Efetivamente, para o ano 2000, dos 40,5 milhões de moradores das capitais, 89,2 milhões eram jovens na faixa de 15 a 24 anos, o que representa 20,3% do total das capitais.

Mas esse crescimento do número absoluto de jovens, dadas as recentes mudanças nas curvas demográficas do país, resultado das quedas nas taxas de fecundidade e do aumento das taxas de mortalidade por causas externas, objeto do presente estudo, tenderá a declinar nos próximos anos.

Se a taxa global de mortalidade da população brasileira caiu de 633 em 100.000 habitantes em 1980, para 573 em 2000, a taxa referente aos jovens cresceu, passando de 128 para 133 no mesmo período, fato já altamente preocupante. Mas a mortalidade entre os jovens não só aumentou, como também mudou sua configuração, a partir do que se pode denominar como os “novos padrões de mortalidade juvenil”.

Estudos históricos realizados em São Paulo e Rio de Janeiro (Vermeelho e Mello Jorge¹⁵) mostram que as epidemias e doenças infecciosas que

¹⁵ VERMELHO, L.L. e MELLO JORGE, M.H.P. Mortalidade de jovens: análise do período de 1930 a 1991 (a transição epidemiológica para a violência). Revista de Saúde Pública. 30 (4). 1996. Apud: MELLO JORGE, M.H.P. Como Morrem Nossos Jovens. In: CNPD. *Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas*. Brasília, 1998.

eram as principais causas de morte entre os jovens, há cinco ou seis décadas, foram sendo substituídas, progressivamente, pelas denominadas “causas externas” de mortalidade, principalmente, os acidentes de trânsito e os homicídios. Os dados do SIM permitem verificar essa forte tendência. Em 1980, as “causas externas” já eram responsáveis por aproximadamente a metade (52,9%) do total de mortes dos jovens do país. Vinte anos depois, dos 45.310 óbitos juvenis, 31.851 foram originados por causas externas, pois esse percentual elevou-se de forma drástica. No ano 2000 acima de 2/3 de nossos jovens (70,3%) morrem por causas externas e, como veremos ao longo deste trabalho, o maior responsável são os homicídios.

Vemos, pela tabela 2.1 que, no conjunto da população, só 12,2% do total de mortes no país são atribuíveis a causas externas. Já entre os jovens, as causas externas são responsáveis por mais de 70% dos óbitos. Se na população total só 4,7% dos óbitos devem-se a homicídios, entre os jovens os homicídios são responsáveis por 39,2% das mortes. Mas, em alguns estados, como Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, algo em torno da metade, ou mais ainda, das mortes de jovens são produtos de homicídios. Acidentes de Transporte são responsáveis por mais 14,2% dos óbitos juvenis, e suicídios, por mais 3%. Em conjunto, estas três causas são responsáveis por mais da metade (56,4%) dos óbitos juvenis.

Nas capitais dos estados (tabela 2.2), é possível verificar que essa dinâmica das mortes juvenis é bem semelhante à dos estados: um padrão bem diferenciado com respeito ao restante da população, padrão que se destaca pela forte incidência das causas externas e da violência em suas várias formas de manifestação, formas que analisaremos nos capítulos a seguir.

TABELA 2.1
Estrutura da Mortalidade por UF e Região
População Total e Jovens 15 a 24 Anos
Ano: 2000 (em %)

UF/ REGIÃO	POPULAÇÃO TOTAL				15 A 24 ANOS			
	Causas Externas	Acid. Transp.	Homicí- dios	Suicí- dios	Causas Externas	Acid. Transp.	Homicí- dios	Suicí- Dios
Acre	11,3	3,5	4,0	1,0	48,6	6,9	28,6	6,9
Amazonas	12,3	3,1	5,0	0,7	60,9	12,4	34,7	3,9
Amapá	17,7	5,1	8,1	0,8	70,5	12,6	44,3	5,5
Pará	9,8	3,1	3,6	0,5	47,7	12,9	22,6	3,2
Rondônia	20,9	5,6	8,7	1,1	72,8	15,2	38,5	3,9
Roraima	25,0	9,8	9,3	1,6	70,8	19,7	38,7	5,1
Tocantins	14,9	7,2	3,7	0,8	58,8	25,0	20,9	5,1
Norte	12,9	4,0	4,8	0,7	57,3	14,1	29,5	4,0
Alagoas	11,2	3,8	4,9	0,5	60,8	15,5	36,1	1,8
Bahia	13,0	2,3	4,3	0,4	62,7	10,0	32,3	1,4
Ceará	11,3	3,7	3,5	0,8	61,6	16,7	26,6	4,2
Maranhão	9,6	2,7	2,1	0,4	47,4	12,6	14,6	2,3
Paraíba	7,4	2,3	2,8	0,2	54,6	13,8	28,0	1,1
Pernambuco	13,5	2,6	7,8	0,5	75,6	10,1	55,8	1,9
Piauí	8,7	3,5	1,8	0,6	48,8	16,9	15,9	2,9
Rio Grande do N.	11,4	3,5	1,9	0,6	66,5	18,5	14,1	2,7
Sergipe	11,7	3,6	4,1	0,5	64,0	16,5	30,4	3,5
Nordeste	11,6	2,9	4,5	0,5	63,6	12,9	34,6	2,3
Espírito Santo	16,2	4,5	7,9	0,6	76,0	16,5	49,5	1,0
Minas Gerais	8,0	2,3	1,9	0,5	55,8	15,3	22,3	3,4
Rio de Janeiro	13,0	2,3	6,4	0,3	77,3	9,5	54,0	1,0
São Paulo	13,6	2,4	6,3	0,6	79,5	10,4	50,4	2,0
Sudeste	12,4	2,4	5,4	0,5	75,3	11,2	47,0	1,9
Paraná	11,5	4,3	3,0	1,0	71,6	23,7	27,9	6,2
Rio Grande do S.	9,3	2,7	2,4	1,5	67,0	19,0	26,7	7,8
Santa Catarina	11,7	5,4	1,5	1,5	73,1	38,9	10,7	6,8
Sul	10,5	3,8	2,4	1,3	70,1	24,7	24,2	6,9
Distrito Federal	15,9	5,2	6,9	0,8	71,2	17,6	45,2	3,2
Goiás	15,5	6,1	4,4	1,4	71,2	26,7	28,2	6,0
Mato Grosso do S.	20,2	3,5	5,4	1,4	74,0	10,1	27,0	7,2
Mato Grosso	14,3	6,6	8,7	1,2	71,6	31,0	46,6	7,0
Centro-Oeste	16,3	5,5	5,9	1,3	71,9	21,6	35,0	5,9
Brasil	12,2	3,0	4,7	0,7	70,3	14,2	39,2	3,0

Fonte: SIM/DATASUS

TABELA 2.2
Estrutura da Mortalidade nas Capitais
População Total e Jovens 15 a 24 Anos
Ano: 2000 (em %)

CAPITAL/	POPULAÇÃO TOTAL				15 A 24 ANOS			
REGIÃO	Causas Externas	Acid. Transe.	Homicídios	Suicídios	Causas Externas	Acid. Transe.	Homicídios	Suicídios
Belém	9,3	2,6	3,7	0,5	50,4	10,3	28,0	3,5
Boa Vista	20,7	8,4	7,9	1,8	68,5	13,0	44,6	6,5
Macapá	17,4	5,4	8,3	0,8	67,3	13,3	42,7	4,7
Manaus	13,2	3,5	5,9	0,8	67,7	13,8	40,4	4,6
Palmas	21,3	11,8	4,5	1,3	57,7	28,8	9,6	9,6
Porto Velho	20,8	3,3	5,3	0,3	73,6	7,5	26,1	0,8
Rio Branco	13,8	4,3	5,3	1,2	63,1	7,2	40,5	9,0
Norte	13,5	3,7	5,2	0,7	62,5	11,7	33,9	4,2
Aracaju	9,6	2,8	3,2	0,4	56,2	13,8	30,1	2,5
Fortaleza	12,5	3,4	4,6	0,6	62,6	12,0	31,6	3,6
João Pessoa	10,3	3,6	4,7	0,2	64,6	14,8	42,2	0,8
Maceió	11,6	3,7	5,5	0,2	58,1	12,5	40,0	0,2
Natal	11,5	2,8	1,3	0,3	58,9	9,4	8,7	1,1
Recife	12,1	2,4	6,7	0,4	66,9	7,2	52,7	1,1
Salvador	17,4	0,4	0,7	0,0	66,4	1,3	4,6	0,1
São Luís	10,1	2,0	2,6	0,5	48,3	8,9	16,9	2,6
Teresina	10,6	4,1	2,9	0,6	49,7	13,5	22,3	2,2
Nordeste	12,5	2,5	4,0	0,4	61,7	8,6	29,4	1,4
Belo Horizonte	10,3	2,5	3,7	0,5	62,1	11,1	38,0	2,4
Rio de Janeiro	11,7	1,8	5,7	0,3	74,3	7,6	55,0	0,8
São Paulo	14,2	0,9	8,6	0,5	79,6	3,9	61,9	1,6
Vitória	11,8	3,2	5,2	0,4	60,5	14,0	39,9	0,8
Sudeste	12,7	1,5	6,9	0,4	75,5	6,1	56,6	1,4
Curitiba	11,1	3,8	3,4	0,5	62,8	16,1	32,0	2,6
Florianópolis	9,2	3,4	1,3	1,0	58,4	25,8	10,1	4,5
Porto Alegre	8,6	2,3	3,4	0,8	62,0	12,9	37,3	5,2
Sul	9,6	3,0	3,2	0,7	62,1	15,3	32,9	4,0
Brasília	15,9	5,2	6,9	0,8	71,2	17,6	45,2	3,2
Campo Grande	13,2	3,3	6,0	0,8	65,5	12,3	42,5	3,6
Cuiabá	15,1	4,1	8,1	0,5	68,2	15,1	45,0	2,3
Goiânia	12,3	5,3	3,4	1,0	62,8	26,4	26,4	5,0
Centro-Oeste	14,2	4,8	5,8	0,8	67,6	18,8	39,8	3,6
Brasil (Capitais)	12,6	2,4	5,6	0,5	68,7	9,3	43,6	2,1

Fonte: SIM/DATASUS

3.1 EVOLUÇÃO DOS HOMICÍDIOS NO PAÍS

Na década decorrida entre os anos de 1991 e 2000, o número total de homicídios registrados pelo SIM no país passou de 30.556 para 45.919, o que representa um aumento de 50,2%, bem superior ao incremento populacional, que foi de 15,6% no mesmo período.

Em termos regionais (ver tabela 3.1.1), os maiores incrementos registram-se nas regiões nordeste (60,7%), sudeste (55,8%) e centro-oeste, com um aumento de 55,9%.

Observando as Unidades Federadas, ficam evidentes modos de evolução altamente heterogêneos, com extremos que vão da Bahia, que registra um aumento de 247,7% ao Maranhão, com queda de 24,6%.

Já a tabela 3.1.2 permite acompanhar a evolução do número de homicídios na população jovem do país. Em primeiro lugar, podemos verificar que o aumento decenal nessa faixa etária (77,0%) foi bem superior ao experimentado pela população total (50,2%). Destacam-se, pelos seus elevados incrementos, as regiões nordeste e centro-oeste. Mais preocupante ainda é a situação de algumas UFs onde os números decenais mais que duplicaram, como os casos da Bahia, Amapá, Piauí e Mato Grosso.

Esta é uma primeira evidência que permite afirmar que a escalada da violência homicida no país avança, vitimando preferentemente a sua juventude. Em todas as regiões do país, o aumento decenal das vítimas jovens é maior do que o aumento registrado na população total.

As taxas de homicídios (por grupo de 100.000 habitantes) permitem relacionar o número de homicídios com o total da população, do que resulta um indicador sobre os níveis relativos de incidência, quando comparadas áreas com diferentes volumes de população.

TABELA 3.1.1
Número de Óbitos por Homicídios
Faixa Etária: População Total
Local: UF e Regiões / Período: 1991 / 2000

UF/ REGIÃO	ANO										%
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	Aumento
Acre	105	106	114	88	103	102	100	109	51	107	1,9
Amazonas	402	349	347	382	424	449	467	536	527	553	37,6
Amapá	52	73	65	122	125	164	137	163	193	155	198,1
Pará	813	762	625	716	696	688	746	769	637	805	-1,0
Rondônia	494	398	494	397	327	300	357	489	434	482	-2,4
Roraima	79	96	72	78	88	107	90	132	154	128	62,0
Tocantins	93	67	93	107	75	128	121	136	148	177	90,3
NORTE	2.038	1.851	1.810	1.890	1.838	1.938	2.018	2.334	2.144	2.407	18,1
Alagoas	675	592	619	616	731	740	642	585	552	724	7,3
Bahia	586	825	1.504	1.743	1.533	1.880	1.975	1.996	2.017	2.037	247,7
Ceará	615	544	703	630	845	881	1.021	941	1.108	1.226	99,3
Maranhão	455	418	395	309	382	350	320	266	251	343	-24,6
Paraíba	398	341	363	394	455	628	491	420	404	518	30,2
Pernambuco	2.755	2.534	2.746	2.569	2.710	3.015	3.710	4.428	4.200	4.140	50,3
Piauí	113	95	121	103	121	126	153	141	131	232	105,3
Rio Grande do N.	221	198	244	209	249	237	237	223	226	256	15,8
Sergipe	322	463	313	346	257	238	190	176	338	393	22,0
NORDESTE	6.140	6.010	7.008	6.919	7.283	8.095	8.739	9.176	9.227	9.869	60,7
Espírito Santo	975	844	1.104	1.173	1.162	1.199	1.426	1.692	1.543	1.446	48,3
Minas Gerais	1.211	1.103	1.199	1.096	1.186	1.225	1.307	1.471	1.546	1.970	62,7
Rio de Janeiro	5.055	4.516	5.362	6.414	8.226	8.049	7.966	7.570	7.249	7.331	45,0
São Paulo	9.691	9.027	9.219	9.995	11.566	12.350	12.552	14.001	15.810	15.632	61,3
SUDESTE	16.932	15.490	16.884	18.678	22.140	22.823	23.251	24.734	26.148	26.379	55,8
Paraná	1.226	1.092	1.238	1.265	1.388	1.373	1.586	1.633	1.698	1.769	44,3
Rio Grande do S.	1.685	1.562	1.169	1.331	1.430	1.466	1.633	1.514	1.523	1.658	-1,6
Santa Catarina	355	347	358	337	404	404	415	399	381	423	19,2
SUL	3.266	3.001	2.765	2.933	3.222	3.243	3.634	3.546	3.602	3.850	17,9
Distrito Federal	533	465	604	610	687	698	668	720	723	770	44,5
Goiás	815	789	698	739	732	705	695	636	800	1.004	23,2
Mato Grosso do S.	392	425	459	514	626	727	735	669	572	644	64,3
Mato Grosso	450	356	358	320	600	659	767	846	825	996	121,3
Centro-Oeste	2.190	2.035	2.119	2.183	2.645	2.789	2.865	2.871	2.920	3.414	55,9
BRASIL	30.566	28.387	30.586	32.603	37.128	38.888	40.507	42.661	44.041	45.919	50,2

Fonte: SIM/DATASUS

TABELA 3.1.2
Número de Óbitos por Homicídios
Faixa Etária: 15 a 24 Anos
Local: UF e Regiões / Período: 1991 / 2000

UF/ REGIÃO	ANO										%
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	Aumento
Acre	34	43	47	36	37	34	43	51	14	50	47,1
Amazonas	173	112	129	170	176	186	213	256	241	249	43,9
Amapá	23	34	27	49	53	59	73	70	90	81	252,2
Pará	254	244	191	249	215	230	263	298	195	289	13,8
Rondônia	112	88	114	108	93	71	97	146	113	157	40,2
Roraima	13	30	14	21	30	35	26	45	53	53	307,7
Tocantins	20	14	23	27	24	40	36	39	48	62	210,0
NORTE	629	565	545	660	628	655	751	905	754	941	49,6
Alagoas	129	145	164	152	172	216	169	172	196	279	116,3
Bahia	171	259	572	671	535	697	783	791	799	807	371,9
Ceará	189	172	232	187	268	278	322	313	347	432	128,6
Maranhão	134	98	101	83	110	99	93	77	70	133	-0,7
Paraíba	115	103	112	129	165	194	150	138	137	213	85,2
Pernambuco	795	682	903	911	920	1007	1407	1.810	1640	1696	113,3
Piauí	24	23	37	37	37	33	54	54	52	89	270,8
Rio Grande do N.	70	55	69	75	63	77	77	89	57	77	10,0
Sergipe	87	139	96	120	71	85	72	53	112	140	60,9
NORDESTE	1.714	1.676	2.286	2.365	2.341	2.686	3.127	3.497	3410	3866	125,6
Espírito Santo	238	208	343	333	392	402	492	593	573	531	123,1
Minas Gerais	338	276	322	329	355	348	381	456	520	741	119,2
Rio de Janeiro	1.757	1.482	1.725	2.106	2.886	2.773	2.895	2.749	2710	2816	60,3
São Paulo	3.782	3.555	3.484	4.006	4.225	4.450	4.676	5.376	6133	6430	70,0
SUDESTE	6.115	5.521	5.874	6.774	7.858	7.973	8.444	9.174	9936	10518	72,0
Paraná	303	301	342	356	424	446	472	510	546	616	103,3
Rio Grande do S.	545	460	383	423	461	434	520	465	511	533	-2,2
Santa Catarina	89	81	89	91	101	117	113	106	97	105	18,0
SUL	937	842	814	870	986	997	1105	1081	1154	1254	33,8
Distrito Federal	221	198	255	245	275	284	259	294	332	341	54,3
Goiás	232	184	185	218	200	187	212	227	257	351	51,3
Mato Grosso do S.	102	111	124	141	192	219	193	201	172	213	108,8
Mato Grosso	86	84	90	57	123	185	179	227	218	278	223,3
Centro-Oeste	641	577	654	661	790	875	843	949	979	1183	84,6
BRASIL	10.036	9.181	10.173	11.330	12.603	13.186	14.270	15.606	16233	17762	77,0

Fonte: SIM/DATASUS

Pela tabela 3.1.3, é possível observar que a taxa do país, em 1991, foi de 20,9 homicídios por 100.000 habitantes. Essa taxa experimentou um aumento gradual, com diversas oscilações, ao longo do período, passando, já em 2000, para 27,0 homicídios em 100.000 habitantes, o que representa um aumento relativo de 29,4% no lapso considerado.

As maiores taxas de homicídios (em torno de 50 em cada 100.000 habitantes), no ano 2000, registram-se nos estados de Pernambuco, Rio de Janeiro e Espírito Santo. As menores (entre 6 e 9 homicídios em 100.000 habitantes) em Santa Catarina, Maranhão, Piauí e Rio Grande do Norte.

Se as taxas de homicídios de jovens em 1991 já eram bem mais elevadas do que as da população total (20,9 em 100.000 para a população total e 35,2 para os jovens), dez anos depois, as diferenças cresceram mais ainda. Se as taxas da população total cresceram 29,4% na década, as taxas juvenis cresceram a um ritmo superior: 48,1%. Com isto, entre os jovens, a taxa elevou-se para 52,1 homicídios em 100.000 no ano 2000.

Mas, como pode ser visto pela tabela 3.1.4, a situação entre estados e regiões é muito heterogênea. Num extremo, em estados como Rio de Janeiro e Pernambuco, a taxa de mortalidade juvenil supera o marco dos 100 óbitos por 100.000 jovens. Num outro extremo, em estados como Santa Catarina e Maranhão, a taxa mal supera os 10 homicídios em 100.000.

Uma melhor idéia sobre a situação dos homicídios nos estados pode ser obtida analisando os dados contidos na tabela 3.1.5, que ordena as UFs pela sua taxa de homicídios (em 100.000) habitantes, tanto para a população total quanto para a faixa de 15 a 24 anos de idade, nos anos extremos da década analisada. Em geral, pode-se perceber que não existem diferenças dramáticas de posição relativa das UFs. Estados que tinham, em 1991, as maiores taxas do país, continuam, o mesmo acontecendo com as UFs que tinham baixas taxas. As exceções podem ser as escaladas de Mato Grosso e Amapá, e as quedas de Acre e Rondônia.

3.2 EVOLUÇÃO DOS HOMICÍDIOS NAS CAPITAIS.

Considerando exclusivamente as capitais dos estados, é possível verificar que os aumentos no número de homicídios são bem maiores que os experimentados no país como um todo. Com 12.023 homicídios em 1991, as capitais passam para 19.099 em 2000, o que implica um incremento de

TABELA 3.1.3
Taxa de Óbitos por Homicídios
Faixa Etária: População Total
Local: UF e Regiões / Período: 1991/2000

UF/ REGIÃO	ANO									
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Acre	25,3	24,8	25,9	19,4	22,0	20,6	19,6	20,7	9,4	19,2
Amazonas	19,2	16,3	15,8	17,0	18,4	18,0	18,1	20,2	19,3	19,7
Amapá	18,1	24,0	20,2	35,9	35,0	41,7	33,1	37,4	42,3	32,5
Pará	16,5	15,1	12,1	13,5	12,9	12,2	12,9	13,0	10,5	13,0
Rondônia	44,2	35,0	42,6	33,6	27,2	23,6	27,5	36,9	32,1	34,9
Roraima	36,9	43,6	31,8	33,6	36,9	38,6	31,2	43,9	49,3	39,5
Tocantins	10,2	7,1	9,6	10,8	7,4	12,2	11,2	12,3	13,1	15,3
Norte	20,5	18,1	17,3	17,6	16,7	16,7	16,9	19,0	17,0	18,7
Alagoas	27,0	23,4	24,3	23,9	28,1	27,6	23,6	21,2	19,8	25,6
Bahia	5,0	6,9	12,4	14,3	12,4	15,0	15,6	15,6	15,6	15,6
Ceará	9,7	8,5	10,8	9,5	12,6	12,7	14,4	13,1	15,2	16,5
Maranhão	9,3	8,4	7,8	6,1	7,4	6,6	5,9	4,8	4,5	6,1
Paraíba	12,5	10,6	11,2	12,1	13,9	18,8	14,6	12,4	11,8	15,0
Pernambuco	38,8	35,2	37,6	34,7	36,1	39,8	48,5	57,2	53,6	52,3
Piauí	4,4	3,7	4,6	3,9	4,6	4,6	5,6	5,1	4,7	8,2
Rio Grande do N.	9,2	8,1	9,9	8,4	9,9	9,1	8,9	8,3	8,3	9,2
Sergipe	21,7	30,7	20,4	22,1	16,2	14,4	11,3	10,2	19,3	22,0
Nordeste	14,5	14,0	16,2	15,8	16,4	17,8	19,0	19,7	19,6	20,7
Espírito Santo	37,7	32,1	41,3	43,3	42,2	41,7	48,6	56,6	50,7	46,7
Minas Gerais	7,7	6,9	7,5	6,7	7,2	7,2	7,6	8,4	8,8	11,0
Rio de Janeiro	39,6	35,0	41,2	48,9	62,2	58,8	57,5	53,9	51,0	50,9
São Paulo	30,8	28,2	28,4	30,3	34,6	35,7	35,6	39,1	43,4	42,2
Sudeste	27,1	24,4	26,3	28,7	33,6	33,5	33,6	35,2	36,7	36,4
Paraná	14,5	12,8	14,3	14,4	15,7	15,1	17,3	17,5	18,0	18,5
Rio Grande do S.	18,5	17,0	12,6	14,2	15,0	15,1	16,6	15,2	15,1	16,3
Santa Catarina	7,8	7,6	7,7	7,1	8,4	8,1	8,2	7,7	7,2	7,9
Sul	14,8	13,4	12,2	12,8	13,9	13,6	15,1	14,5	14,5	15,3
Distrito Federal	33,5	28,4	35,9	35,4	38,9	37,7	35,1	36,9	36,1	37,5
Goiás	20,4	19,3	16,6	17,2	16,7	15,4	14,9	13,3	16,3	20,1
Mato Grosso do S.	22,1	23,6	25,1	27,6	33,1	37,4	37,1	33,3	28,0	31,0
Mato Grosso	22,5	17,4	17,1	15,0	27,5	28,7	32,7	35,3	33,7	39,8
Centro-Oeste	23,4	21,2	21,6	21,8	25,9	26,2	26,3	25,8	25,6	29,3
Brasil	20,9	19,1	20,3	21,4	24,0	24,4	25,0	25,9	26,3	27,0

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

TABELA 3.1.4
Taxa de Óbitos por Homicídios
Faixa Etária: 15 a 24 Anos
Local: UF e Regiões / Período: 1991 /2000

UF/ REGIÃO	ANO									
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Acre	40,0	48,4	50,6	37,1	36,6	31,9	38,8	44,3	11,7	40,5
Amazonas	39,9	24,9	27,6	35,1	35,0	34,4	37,9	43,9	39,9	39,8
Amapá	38,6	52,8	39,0	66,1	67,1	68,6	80,0	72,6	88,5	75,8
Pará	25,1	23,3	17,7	22,4	18,8	19,1	21,1	23,3	14,8	21,3
Rondônia	47,6	36,7	46,5	43,2	36,5	26,3	35,2	51,8	39,2	53,4
Roraima	29,2	65,3	29,6	43,1	59,9	59,3	42,1	69,8	78,8	75,7
Tocantins	10,8	7,3	11,5	13,1	11,2	18,1	15,8	16,6	19,8	24,9
Norte	30,6	26,5	24,8	29,0	26,8	26,3	29,2	34,1	27,5	33,3
Alagoas	24,6	27,3	30,5	28,0	31,3	37,8	29,1	29,2	32,8	46,0
Bahia	7,1	10,5	22,8	26,2	20,5	26,0	28,6	28,3	28,1	27,8
Ceará	15,1	13,6	18,1	14,4	20,3	20,0	22,7	21,6	23,5	28,7
Maranhão	14,1	10,1	10,1	8,1	10,5	8,8	8,1	6,5	5,7	10,6
Paraíba	18,0	16,0	17,2	19,6	24,9	28,5	21,8	19,8	19,5	29,9
Pernambuco	54,7	46,3	60,4	60,1	59,9	64,3	88,7	112,6	100,7	102,8
Piauí	4,6	4,3	6,9	6,8	6,7	5,7	9,2	9,0	8,5	14,3
Rio Grande do N.	14,5	11,2	14,0	15,0	12,5	14,5	14,2	16,2	10,2	13,5
Sergipe	27,9	43,7	29,6	36,4	21,1	24,2	20,1	14,5	29,9	36,7
Nordeste	20,1	19,3	25,9	26,3	25,7	28,3	32,4	35,5	34,0	37,9
Espírito Santo	46,7	40,0	64,6	61,5	71,0	69,4	82,9	97,7	92,3	83,6
Minas Gerais	11,1	8,9	10,3	10,3	11,0	10,4	11,2	13,2	14,9	20,9
Rio de Janeiro	76,2	63,6	73,2	88,4	120,0	111,9	115,2	107,9	105,0	107,6
São Paulo	64,1	59,0	56,6	63,8	65,9	67,3	69,2	78,0	87,2	89,6
Sudeste	52,0	46,1	48,2	54,7	62,4	61,3	63,7	68,0	72,3	75,2
Paraná	17,9	17,7	20,0	20,7	24,5	25,3	26,5	28,4	30,2	33,8
Rio Grande do Sul	34,2	28,6	23,6	25,8	27,8	25,2	29,8	26,2	28,4	29,2
Santa Catarina	10,1	9,2	10,0	10,1	11,1	12,2	11,6	10,8	9,7	10,4
Sul	22,5	20,1	19,2	20,4	22,9	22,4	24,6	23,8	25,1	26,9
Distrito Federal	62,8	54,4	67,9	63,2	68,8	68,9	61,1	67,5	74,2	74,3
Goiás	27,5	21,3	21,0	24,2	21,7	19,8	22,0	23,0	25,6	34,2
Mato Grosso do Sul	28,8	30,9	34,0	38,1	51,1	56,6	49,0	50,3	42,3	51,6
Mato Grosso	20,3	19,4	20,4	12,7	26,8	38,5	36,4	45,2	42,5	53,2
Centro-Oeste	32,5	28,6	31,7	31,3	36,6	39,3	37,1	40,9	41,3	48,9
Brasil	35,2	31,7	34,5	37,7	41,3	41,7	44,3	47,5	48,5	52,1

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

TABELA 3.1.5
Ordenamento das UF por Taxa de Homicídios
Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos
Local: UF e Regiões / Período: 1991/2000

UF	População Total		
	Posição em		Taxa
	1991	2000	
Pernambuco	3º	1º	52,3
Rio de Janeiro	2º	2º	50,9
Espírito Santo	4º	3º	46,7
São Paulo	7º	4º	42,2
Mato Grosso	10º	5º	39,8
Roraima	5º	6º	39,5
Distrito Federal	6º	7º	37,5
Rondônia	1º	8º	34,9
Amapá	16º	9º	32,5
Mato Grosso do Sul	11º	10º	31,0
Alagoas	8º	11º	25,6
Sergipe	12º	12º	22,0
Goiás	13º	13º	20,1
Amazonas	14º	14º	19,7
Acre	9º	15º	19,2
Paraná	18º	16º	18,5
Ceará	21º	17º	16,5
Rio Grande do Sul	15º	18º	16,3
Bahia	26º	19º	15,6
Tocantins	20º	20º	15,3
Paraíba	19º	21º	15,0
Pará	17º	22º	13,0
Minas Gerais	25º	23º	11,0
Rio Grande do N.	23º	24º	9,2
Piauí	27º	25º	8,2
Santa Catarina	24º	26º	7,9
Maranhão	22º	27º	6,1

UF	População 15 a 24 anos		
	Posição em		Taxa
	1991	2000	
Rio de Janeiro	1º	1º	107,6
Pernambuco	4º	2º	102,8
São Paulo	2º	3º	89,6
Espírito Santo	6º	4º	83,3
Amapá	9º	5º	75,8
Roraima	11º	6º	75,7
Distrito Federal	3º	7º	74,5
Rondônia	5º	8º	53,4
Mato Grosso	17º	9º	53,2
Mato Grosso do Sul	12º	10º	51,6
Alagoas	16º	11º	46,5
Acre	7º	12º	40,5
Amazonas	8º	13º	39,8
Sergipe	13º	14º	36,7
Goiás	14º	15º	34,4
Paraná	19º	16º	34,1
Paraíba	18º	17º	29,2
Rio Grande do Sul	10º	18º	29,1
Ceará	20º	19º	28,7
Bahia	26º	20º	27,6
Tocantins	24º	21º	24,9
Pará	15º	22º	22,2
Minas Gerais	23º	23º	21,2
Piauí	27º	24º	14,3
Rio Grande do N.	21º	25º	13,4
Maranhão	22º	26º	10,5
Santa Catarina	25º	27º	10,2

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

58,9% na década considerada (contra 50,6% de aumento no país como um todo). Desta forma, as capitais, que representam 23,8% da população do país, foram responsáveis por 41,5% do total de homicídios do ano 2000.

Em termos de suas capitais, foi a região nordeste a que experimentou o maior aumento da década (90,6%), seguida pela região centro-oeste (75,7%) e a sul (67,5%).

TABELA 3.2.1
Número de Óbitos por Homicídios
Faixa Etária: População Total
Local: Capitais e Regiões / Período: 1991/2000

CAPITAL/ REGIÃO	ANO										%
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	Aumento
Belém	338	336	222	307	274	260	284	341	179	332	-1,8
Boa Vista	61	64	56	63	70	83	55	84	86	81	32,8
Macapá	40	61	51	91	99	136	109	125	164	131	227,5
Manaus	382	326	314	358	383	409	421	498	443	467	22,3
Palmas	3	6	6	7	10	8	7	14	24	30	900,0
Porto Velho	161	127	120	121	72	97	115	214	172	159	-1,2
Rio Branco	92	97	103	76	80	82	88	96	44	92	0,0
Norte	1.077	1.017	872	1.023	988	1.075	1.079	1.372	1.112	1.292	20,0
Aracaju	111	296	145	202	123	124	84	76	157	182	64,0
Fortaleza	367	324	389	388	555	482	543	419	529	603	64,3
João Pessoa	96	105	127	130	180	200	187	216	210	226	135,4
Maceió	284	273	287	286	331	357	287	255	243	360	26,8
Natal	101	75	103	98	114	115	121	110	66	74	-26,7
Recife	901	842	937	848	955	1.061	1.430	1.559	1.368	1.363	51,3
Salvador	39	215	701	863	653	846	935	959	983	1.007	2482,1
São Luís	196	155	138	145	194	180	178	135	107	144	-26,5
Teresina	65	57	67	61	77	87	113	121	97	159	144,6
Nordeste	2.160	2.342	2.894	3.021	3.182	3.452	3.878	3.850	3.760	4.118	90,6
Belo Horizonte	308	280	274	261	373	396	436	436	574	718	133,1
Rio de Janeiro	1.919	1.060	1.802	2.236	3.474	3.742	3.665	3.497	2.998	3.311	72,5
São Paulo	4.850	4.416	4.352	4.606	5.722	5.686	5.607	6.065	6.890	6.765	39,5
Vitória	165	131	206	238	250	223	277	284	293	230	39,4
Sudeste	7.242	5.887	6.634	7.341	9.819	10.047	9.985	10.282	10.755	11.024	52,2
Curitiba	203	204	256	270	299	326	404	352	410	416	104,9
Florianópolis	13	17	23	14	28	30	26	26	25	35	169,2
Porto Alegre	372	381	226	308	373	382	483	410	432	534	43,5
Sul	588	602	505	592	700	738	913	788	867	985	67,5
Brasília	533	465	604	610	687	698	667	733	723	770	44,5
Campo Grande	131	143	129	153	192	255	259	259	200	261	99,2
Cuiabá	57	29	43	32	165	192	244	341	311	336	489,5
Goiânia	235	215	230	247	276	237	226	235	318	313	33,2
C.Oeste	956	852	1.006	1.042	1.320	1.382	1.396	1.568	1.552	1.680	75,7
Brasil (Capitais)	12.023	10.700	11.911	13.019	16.009	16.694	17.251	17.860	18.046	19.099	58,9

Fonte: SIM/DATASUS

TABELA 3.2.2
Número de Óbitos por Homicídios
Faixa Etária: 15 a 24 Anos
Local: Capitais e Regiões / Período: 1991 / 2000

CAPITAL/ REGIÃO	ANO										%
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	Aumento
Belém	124	125	87	137	112	114	103	147	81	152	22,6
Boa Vista	11	25	11	17	27	32	19	34	37	41	272,7
Macapá	19	31	23	41	45	50	59	57	76	64	236,8
Manaus	167	108	120	161	165	176	200	242	217	210	25,7
Palmas	0	0	3	2	2	2	1	5	4	5	
Porto Velho	61	36	40	51	33	30	42	82	48	66	8,2
Rio Branco	33	36	43	30	33	30	37	45	45	45	36,4
Norte	415	361	327	439	417	434	461	612	508	583	40,5
Aracaju	45	90	55	88	45	55	40	29	56	83	84,4
Fortaleza	128	120	150	127	203	169	197	162	184	237	85,2
João Pessoa	29	32	45	52	84	84	66	86	88	111	282,8
Maceió	70	78	88	79	93	128	88	91	113	163	132,9
Natal	46	32	39	55	38	50	49	45	25	23	-50,0
Recife	298	245	361	355	401	424	640	716	595	631	111,7
Salvador	19	96	349	408	296	390	438	451	464	477	2410,5
São Luís	74	55	52	56	77	68	63	46	35	59	-20,3
Teresina	16	14	28	23	32	25	47	46	44	71	343,8
Nordeste	725	762	1167	1243	1269	1393	1628	1672	1604	1855	155,9
Belo Horizonte	105	92	92	91	133	138	140	140	241	342	225,7
Rio de Janeiro	679	353	613	722	1218	1307	1328	1352	1137	1341	97,5
São Paulo	2065	1921	1732	1970	2163	2122	2134	2335	2666	2797	35,4
Vitória	55	36	73	78	110	81	111	109	142	97	76,4
Sudeste	2904	2402	2510	2861	3624	3648	3713	3936	4186	4577	57,6
Curitiba	73	61	82	89	111	107	148	122	152	171	134,2
Florianópolis	2	4	12	4	8	10	10	14	10	9	350,0
Porto Alegre	135	148	78	109	149	119	176	156	176	217	60,7
Sul	210	213	172	202	268	236	334	292	338	397	89,0
Brasília	221	198	255	245	275	284	283	339	332	341	54,3
Campo Grande	41	32	41	54	62	85	83	83	80	107	161,0
Cuiabá	17	10	20	10	48	63	85	133	110	140	723,5
Goiânia	89	66	74	88	88	69	65	79	122	128	43,8
C.Oeste	368	306	390	397	473	501	516	634	644	716	94,6
Brasil (Capitais)	4622	4044	4566	5142	6051	6212	6652	7146	7280	8128	75,9

Fonte: SIM/DATASUS

TABELA 3.2.3
Taxa de Óbitos por Homicídios
Faixa Etária: População Total
Local: UF e Regiões / Período: 1991 / 2000

UF/ REGIÃO	ANO									
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Belém	27,3	27,8	18,9	26,8	24,6	22,7	24,1	28,1	46,0	56,1
Boa Vista	43,0	43,7	37,1	40,5	43,7	50,1	31,6	45,9	44,8	40,4
Macapá	22,4	32,3	25,6	43,3	44,9	61,5	46,1	49,6	61,3	46,2
Manaus	38,1	31,6	29,6	32,9	34,3	35,3	34,5	38,9	33,0	33,2
Palmas	12,7	16,8	12,6	11,7	13,9	9,3	7,1	12,5	19,3	21,8
Porto Velho	56,7	43,3	39,7	38,9	22,5	33,0	37,8	68,1	53,0	47,5
Rio Branco	47,0	47,4	48,2	34,1	34,5	35,8	37,5	39,8	17,8	36,4
Norte	35,1	32,7	27,7	32,0	30,5	32,6	31,3	38,1	40,2	43,1
Aracaju	27,7	73,0	35,3	48,6	29,2	29,0	19,2	17,1	34,6	39,4
Fortaleza	20,8	18,0	21,2	20,7	29,0	24,5	27,0	20,4	25,2	28,2
João Pessoa	19,4	20,8	24,6	24,7	33,6	36,4	33,3	37,7	35,8	37,8
Maceió	45,5	42,4	43,4	42,0	47,3	49,4	38,7	33,5	31,2	45,1
Natal	16,7	12,2	16,5	15,5	17,7	17,5	18,1	16,1	9,5	10,4
Recife	69,5	63,6	69,4	61,6	68,0	78,8	104,7	112,6	97,5	95,8
Salvador	1,9	10,3	33,1	40,2	30,0	38,3	41,2	41,2	41,2	41,2
São Luís	28,3	21,6	18,5	18,7	24,2	23,1	22,2	16,4	12,6	16,6
Teresina	10,9	9,4	10,8	9,7	12,0	13,3	16,9	17,7	13,8	22,2
Nordeste	25,3	26,9	32,6	33,4	34,5	37,1	40,7	39,5	37,8	40,5
Belo Horizonte	15,3	13,8	13,4	12,7	18,0	18,9	20,5	20,1	8,1	14,8
Rio de Janeiro	35,1	19,3	32,8	40,6	62,9	67,4	65,1	61,3	51,9	56,5
São Paulo	50,4	45,7	44,9	47,3	58,6	57,8	56,1	59,8	67,0	64,8
Vitória	64,0	50,5	79,0	90,7	94,7	83,9	101,7	101,8	102,6	78,7
Sudeste	41,7	33,8	37,9	41,8	55,7	56,6	55,4	56,2	55,8	56,5
Curitiba	15,5	15,2	18,6	19,2	20,8	22,1	26,9	23,0	26,3	26,2
Florianópolis	5,1	6,6	8,8	5,3	10,5	11,1	9,0	8,5	7,7	10,2
Porto Alegre	29,5	30,1	17,8	24,1	29,1	29,6	37,0	30,9	32,2	39,2
Sul	20,8	21,0	17,4	20,1	23,4	24,3	29,5	24,9	26,9	29,9
Brasília	33,5	28,4	35,9	35,4	38,9	38,3	35,5	37,9	36,3	37,5
Campo Grande	25,1	26,7	23,4	27,0	33,1	42,5	42,0	41,0	30,9	39,3
Cuiabá	14,3	7,2	10,4	7,7	38,9	44,3	54,7	74,4	66,1	69,5
Goiânia	25,6	23,0	24,2	25,5	28,1	23,6	22,0	22,4	29,7	28,6
Centro-Oeste	27,9	24,3	28,0	28,4	35,1	35,8	35,2	38,5	37,1	39,2
Brasil (Capitais)	34,1	30,0	33,1	35,7	43,5	44,8	45,3	46,0	45,5	47,2

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

TABELA 3.2.4
Taxa de Óbitos por Homicídios
Faixa Etária: 15 a 24 Anos
Local: Capitais e Regiões / Período: 1991/2000

UF/ REGIÃO	ANO									
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Belém	43,3	44,8	32,0	51,8	43,6	42,8	37,9	53,0	28,6	52,7
Boa Vista	35,6	78,2	33,3	49,9	76,9	88,6	49,5	83,8	86,4	91,0
Macapá	49,9	75,4	52,0	86,7	89,4	97,3	107,7	98,0	123,5	98,6
Manaus	73,4	45,8	49,2	63,9	63,5	65,3	70,7	81,6	70,0	64,9
Palmas			27,1	14,2	11,7	9,7	4,2	18,4	13,2	14,9
Porto Velho	102,1	58,2	62,6	77,3	48,5	47,6	64,3	121,4	68,7	91,5
Rio Branco	78,7	81,3	92,2	61,2	64,3	58,7	70,4	83,4	81,2	79,2
Norte	60,2	51,4	45,8	60,4	56,4	57,3	58,4	74,5	59,6	65,9
Aracaju	49,8	98,3	59,3	93,7	47,3	57,0	40,7	29,0	55,0	80,1
Fortaleza	34,2	31,5	38,8	32,3	50,8	41,5	47,1	37,8	41,8	52,6
João Pessoa	27,8	30,0	41,3	46,8	74,1	72,5	55,7	71,0	71,1	87,8
Maceió	49,6	54,1	59,6	52,4	60,3	81,0	54,7	55,6	67,8	96,2
Natal	36,2	24,8	29,9	41,6	28,4	36,8	35,2	31,5	17,0	15,3
Recife	110,1	89,5	130,4	126,8	141,7	153,9	230,3	255,5	210,5	221,3
Salvador	4,3	21,3	75,5	86,2	61,1	78,4	85,5	85,5	85,5	85,5
São Luís	45,4	32,0	28,8	29,6	38,9	36,3	32,6	23,1	17,1	28,0
Teresina	12,1	10,3	20,1	16,2	22,0	16,7	30,6	29,2	27,2	42,7
Nordeste	39,3	40,4	60,6	63,2	63,2	68,9	78,6	78,8	73,9	83,6
Belo Horizonte	26,5	22,9	22,6	22,0	31,7	32,4	32,3	31,8	53,9	75,4
Rio de Janeiro	73,5	38,0	65,6	76,8	128,7	137,2	136,9	136,9	113,1	131,1
São Paulo	115,7	106,4	94,9	106,7	115,8	112,2	111,0	119,5	134,3	138,8
Vitória	110,0	71,0	142,0	149,7	208,4	151,2	200,7	191,2	241,8	160,5
Sudeste	92,1	75,4	78,0	88,0	110,3	109,7	109,8	114,5	119,8	128,8
Curitiba	28,3	23,0	30,1	31,9	38,7	36,3	49,5	40,2	49,4	54,8
Florianópolis	4,1	8,0	23,5	7,7	15,1	18,5	17,2	22,6	15,2	12,9
Porto Alegre	64,9	69,8	36,2	49,6	66,7	52,2	75,5	65,4	72,2	87,2
Sul	40,8	40,4	31,9	36,7	47,6	40,9	56,6	48,3	54,7	62,9
Brasília	62,8	54,4	67,9	63,2	68,8	68,7	66,6	77,7	74,1	74,3
Campo Grande	39,3	29,8	37,1	47,5	53,1	70,7	67,0	65,1	61,0	79,4
Cuiabá	20,4	11,7	22,7	11,1	51,9	66,2	86,6	131,6	105,7	130,8
Goiânia	43,7	31,9	35,1	41,1	40,5	31,2	28,7	34,2	51,8	53,3
C.Oeste	49,5	40,0	49,7	49,3	57,2	58,9	59,1	70,8	70,1	76,1
Brasil (Capitais)	66,5	57,2	63,6	70,4	81,5	82,5	86,3	90,7	90,4	98,8

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

TABELA 3.2.5
Ordenamento das Capitais por Taxa de Homicídios
Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos
Período: 1991/2000

UF	População Total		
	Posição em		Taxa 2000
	1991	2000	
Recife	1º	1º	95,8
Vitória	2º	2º	78,7
Cuiabá	23º	3º	69,5
São Paulo	4º	4º	64,8
Rio de Janeiro	9º	5º	56,5
Belém	14º	6º	56,1
Porto Velho	3º	7º	47,5
Macapá	17º	8º	46,2
Maceió	6º	9º	45,1
Salvador	27º	10º	41,2
Boa Vista	7º	11º	40,4
Aracaju	13º	12º	39,4
Campo Grande	16º	13º	39,3
Porto Alegre	11º	14º	39,2
João Pessoa	19º	15º	37,8
Brasília	10º	16º	37,5
Rio Branco	5º	17º	36,4
Manaus	8º	18º	33,2
Goiânia	15º	19º	28,6
Fortaleza	18º	20º	28,2
Curitiba	21º	21º	26,2
Teresina	25º	22º	22,2
Palmas	24º	23º	21,8
São Luís	12º	24º	16,6
Belo Horizonte	22º	25º	14,8
Natal	20º	26º	10,4
Florianópolis	26º	27º	10,2

UF	População 15 a 24		
	Posição em		Taxa 2000
	1991	2000	
Recife	2º	1º	221,3
Vitória	3º	2º	160,5
São Paulo	1º	3º	138,8
Rio de Janeiro	6º	4º	131,1
Cuiabá	23º	5º	130,8
Macapá	10º	6º	98,6
Maceió	12º	7º	96,2
Porto Velho	4º	8º	91,5
Boa Vista	18º	9º	91,0
João Pessoa	21º	10º	87,8
Porto Alegre	8º	11º	87,2
Salvador	25º	12º	85,5
Aracaju	11º	13º	80,1
Campo Grande	16º	14º	79,4
Rio Branco	5º	15º	79,2
Belo Horizonte	22º	16º	75,4
Brasília	9º	17º	74,3
Manaus	7º	18º	64,9
Curitiba	20º	19º	54,8
Goiânia	14º	20º	53,3
Belém	15º	21º	52,7
Fortaleza	19º	22º	52,6
Teresina	24º	23º	42,7
São Luís	13º	24º	28,0
Natal	17º	25º	15,3
Palmas		26º	14,9
Florianópolis	26º	27º	12,9

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

Excluindo Palmas, recentemente criada, foram Salvador, Cuiabá e Macapá as capitais que evidenciaram os maiores índices de aumento no número de homicídios, no período considerado.

Se os homicídios nas capitais cresceram num ritmo bem significativo (58,9%), entre os jovens esse ritmo foi bem maior: 75,9% de aumento decenal, tendo algumas capitais, como Salvador, Cuiabá e Teresina, ritmos verdadeiramente vertiginosos.

A tabela 3.2.3, que relaciona o número de homicídios e a população existente nas capitais, permite verificar que as menores taxas são encontradas na Região Sul, e as maiores, na Região Norte. Cidades como Florianópolis e Natal são as que apresentam as menores taxas do país, enquanto Recife, Vitória, Cuiabá e São Paulo, num outro extremo, são as que se destacam pelos seus elevados índices.

Pode ser observado na tabela 3.2.4 que a taxa de homicídios juvenis (98,8 homicídios em 100.000 jovens) mais que duplica a taxa de homicídios total (47,2 homicídios em 100.000 habitantes), nos dando uma idéia da gravidade da situação.

Quando se ordenam as capitais segundo sua posição relativa, podem ser observadas várias situações. Algumas capitais, como Cuiabá, Belém, Macapá, Salvador sobem significativamente no ranking dos homicídios. Noutras acontece o contrário, descem significativamente em sua posição relativa, como os casos de Rio Branco, Manaus, São Luís, Natal. Diferentemente das UFs, cujas posições relativas na década sofreram poucas alterações, nas capitais observam-se uma movimentação intensa e mudanças significativas, que podem nos indicar os câmbios nos focos dinâmicos da violência que, pelas evidências detectadas, localizam-se nas grandes áreas urbanas.

3.3 A QUESTÃO ETÁRIA

Um fato relevante, que já foi destacado nos itens anteriores, é a configuração da estrutura etária dos óbitos por homicídio. Em primeiro lugar, de acordo com os dados contidos na tabela 3.3.1, existem marcadas diferenças no número de óbitos por homicídio nas diversas idades. Até os 13 anos, registram-se poucos casos de morte por homicídio (uma média de 36 casos anuais por idade simples). A partir dos 14 anos, o número de vítimas de homicídio vai crescendo rapidamente até atingir o pico de 2.220 mortes na idade de 20 anos. A partir desse ponto, o número de homicídios vai caindo gradualmente.

TABELA 3.3.1
Número de Homicídios por Idade Simples
Brasil – 2000

Idade (anos)	Número de Homicídios
0	40
1	27
2	26
3	29
4	24
5	23
6	15
7	17
8	27
9	26
10	35
11	46
12	52
13	112
14	309
15	579
16	1.000
17	1.618
18	1.916
19	2.072
20	2.220
21	2.033
22	1.964
23	2.006

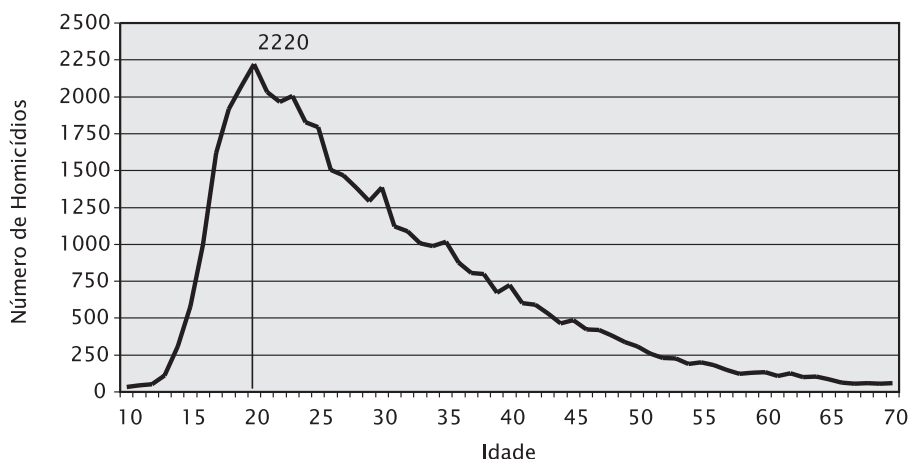
Idade (anos)	Número de Homicídios
24	1.827
25	1.793
26	1.506
27	1.467
28	1.383
29	1.293
30	1.384
31	1.123
32	1.087
33	1.008
34	989
35	1.017
36	876
37	807
38	800
39	671
40	723
41	603
42	591
43	532
44	464
45	488
46	425
47	419

Idade (anos)	Número de Homicídios
48	381
49	339
50	310
51	260
52	230
53	227
54	190
55	200
56	181
57	149
58	124
59	131
60	133
61	106
62	126
63	100
64	103
65	85
66	62
67	56
68	58
69	56
70	59
71	34

Fonte: SIM/DATASUS

Essa distribuição pode ser melhor visualizada no gráfico 3.3.1

GRÁFICO 3.3.1
Número de Homicídios por Idade
Brasil – Ano 2000



As taxas de homicídios (em 100.000) estabelecidas para as diversas idades (tabela 3.3.2) confirmam estas evidências:

- a) é na faixa “jovem”, dos 15 aos 24 anos, que os homicídios atingem sua maior incidência;
- b) o “momento” crítico, de maior risco de ser vítima de homicídio, é na idade de 20 anos.

Se no país os homicídios foram responsáveis por 38,1% das mortes de jovens, em várias Unidades Federadas, como São Paulo, Pernambuco e Rio de Janeiro, os homicídios foram causa de mais da metade dos óbitos juvenis durante o ano de 2000. O fato dos homicídios serem responsáveis por mais da metade das mortes dos jovens repete-se para várias idades simples em um bom número de Estados, como pode ser visualizado na tabela 3.3.3.

TABELA 3.3.2
Taxa de Homicídios (em 100.000)
Por Idades/Faixa Etária
Brasil – 2000

Idade/ Faixa	Taxa de Homicídios
0 a 4 anos	1,1
5 a 9 anos	0,7
10 a 14 anos	3,2
15 anos	16,4
16 anos	28,1
17 anos	45,1
18 anos	54,5
19 anos	60,2
20 anos	65,8
21 anos	61,6
22 anos	60,8
23 anos	63,0
24 anos	60,0
25 a 29 anos	53,7
30 a 34 anos	42,9
35 a 39 anos	34,0
40 a 44 anos	27,6
45 a 49 anos	23,5
50 a 59 anos	28,3
60 a 69 anos	7,5
70 e mais anos	7,4

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

Pela tabela 3.3.4, é possível perceber que se nos estados as magnitudes da violência homicida contra os jovens já são graves, nas capitais essa situação é ainda mais séria. Efetivamente, nas capitais 44,4% das mortes jovens são resultado de homicídios, com grande quantidade de casos de idades simples, onde esse percentual ultrapassa 50%.

TABELA 3.3.3
Participação (%) dos Homicídios no Total de Óbitos por Idade Simples
Faixa Etária: 15 a 24 anos
Local: UF / Ano: 2000

UF	IDADE (anos)										Total 15 a 24
	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	
AC	7,7	33,3	14,3	59,1	42,9	9,5	31,8	22,2	27,8	27,8	28,6
AL	11,9	20,4	43,5	42,9	42,7	42,6	34,4	35,7	38,8	32,1	36,2
AM	17,9	24,0	34,2	36,8	43,9	34,9	33,7	36,8	40,0	29,9	34,7
AP	30,8	70,6	42,9	41,9	57,9	40,7	53,8	31,3	47,1	25,0	44,3
BA	5,4	8,0	10,0	15,6	18,8	16,6	13,1	13,1	14,8	13,7	13,6
CE	18,6	17,4	22,6	30,1	31,8	27,4	29,0	28,5	29,9	23,6	26,7
DF	38,9	27,3	61,3	50,0	50,0	49,5	41,5	46,8	34,4	41,0	44,9
ES	25,5	51,4	52,0	51,2	55,3	51,8	53,4	44,7	47,0	49,1	49,4
GO	21,2	18,1	27,8	34,6	27,7	29,5	24,3	28,0	32,8	29,1	28,0
MA	7,5	16,7	8,8	17,3	15,5	17,3	11,1	17,2	15,6	13,8	14,4
MG	16,9	17,8	19,8	26,9	23,8	22,5	23,4	20,6	24,4	22,1	22,4
MS	20,7	18,5	30,5	42,3	43,2	37,8	48,1	44,3	29,0	31,9	35,7
MT	11,5	31,7	34,8	45,3	37,5	36,3	36,3	34,4	34,4	41,7	35,5
PA	9,1	21,9	23,0	22,1	23,7	26,0	23,1	22,4	25,0	24,4	22,7
PB	10,9	24,4	33,8	25,3	40,7	23,5	30,5	35,1	19,2	23,6	27,8
PE	39,4	48,1	56,6	56,3	60,4	60,6	58,5	56,1	54,1	53,4	55,7
PI	19,4	4,4	13,5	17,5	20,0	22,0	15,8	7,2	21,5	18,2	15,9
PR	18,7	26,9	27,8	25,0	35,7	30,3	30,2	26,0	27,7	25,6	27,9
RJ	44,0	51,0	56,0	58,4	58,3	57,3	52,5	52,1	51,8	51,5	53,9
RN	6,7	8,6	14,0	10,0	18,5	13,8	20,0	17,4	19,6	6,7	13,9
RO	14,3	12,5	35,3	41,7	57,1	33,3	50,0	44,8	26,7	37,9	38,4
RR	28,6	57,1	36,4	27,8	57,1	36,4	23,5	54,5	42,9	33,3	39,0
RS	12,9	28,0	25,0	23,2	24,3	31,4	31,9	28,6	29,6	23,5	26,7
SC	9,4	11,8	11,2	11,8	7,2	10,3	10,6	11,2	10,4	12,7	10,7
SE	20,8	21,9	20,5	30,2	26,9	30,5	27,5	30,0	37,5	43,9	30,4
SP	37,6	46,4	55,6	55,0	53,9	53,5	50,3	49,7	48,7	45,6	50,4
TO	7,1	20,0	8,3	23,8	25,0	25,6	18,9	21,9	22,0	27,3	21,1
BR	25,2	33,1	39,7	41,2	42,0	40,7	38,8	37,9	38,1	36,0	38,1

Fonte: SIM/DATASUS

TABELA 3.3.4
Participação (%) dos Homicídios no Total de Óbitos por Idade Simples
Faixa Etária: 15 a 24 anos
Local: Capitais / Ano: 2000

UF	IDADE (anos)										Total 15 a 24
	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	
Aracaju	15,4	14,3	14,8	33,3	36,4	26,3	27,3	29,0	33,3	50,0	30,1
Belo Horizonte	30,8	35,7	41,7	48,2	37,4	29,4	36,7	36,5	44,6	37,6	38,0
Belém	16,3	34,8	25,6	30,0	31,0	36,1	28,1	22,9	28,6	20,4	28,0
Boa Vista	50,0	66,7	44,4	27,3	57,1	43,8	36,4	50,0	20,0	45,5	44,6
Brasília	37,8	27,3	62,0	50,6	50,0	50,0	41,5	47,4	35,2	41,0	45,2
Campo Grande	22,2	15,8	46,2	61,1	51,7	46,2	50,0	60,0	25,0	34,3	42,5
Cuiabá	18,2	46,9	43,5	54,3	46,9	35,5	44,2	48,4	38,7	52,4	45,0
Curitiba	17,6	32,7	38,6	36,4	44,4	37,3	27,5	30,9	29,4	18,5	32,0
Florianópolis	25,0	28,6	0,0	0,0	0,0	0,0	8,3	16,7	6,7	33,3	10,1
Fortaleza	25,0	25,5	29,7	36,5	35,4	29,2	33,8	32,7	36,0	27,0	31,6
Goiânia	17,9	20,0	26,7	37,5	26,4	27,9	19,6	32,2	24,1	25,0	26,4
João Pessoa	25,0	38,5	35,5	43,8	54,3	31,0	43,3	54,5	39,3	40,0	42,2
Macapá	27,3	71,4	33,3	41,7	58,8	45,5	40,0	25,0	46,7	23,1	42,7
Maceió	15,8	26,1	50,0	48,8	40,0	50,0	40,9	38,1	38,2	31,7	40,0
Manaus	27,8	29,0	42,0	46,8	52,4	40,7	36,8	39,7	45,1	31,7	40,4
Natal	3,8	7,1	11,1	0,0	14,8	7,4	11,1	13,2	21,7	0,0	8,7
Palmas	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	16,7	14,3	20,0	0,0	20,0	9,6
Porto Alegre	23,1	37,8	41,7	34,5	38,0	40,3	40,9	40,6	33,3	33,9	37,3
Porto Velho	0,0	8,3	50,0	56,3	81,3	36,8	62,5	44,4	42,1	41,2	45,8
Recife	42,6	44,8	54,3	54,6	58,3	61,5	52,6	53,2	44,2	50,7	52,7
Rio Branco	12,5	44,4	22,2	70,6	66,7	10,0	62,5	28,6	38,5	35,7	40,5
Rio de Janeiro	44,8	51,1	58,9	60,5	61,9	56,0	52,0	53,1	52,0	54,8	55,0
Salvador	0,0	2,2	2,9	8,6	9,2	7,9	5,9	5,9	4,3	3,6	5,6
São Luís	6,9	21,2	11,1	20,8	21,6	15,8	9,8	18,6	21,7	18,8	16,9
São Paulo	49,3	60,3	65,2	69,3	65,8	61,9	62,4	60,2	62,5	56,0	61,9
Teresina	23,8	7,4	21,9	28,1	32,0	29,0	18,6	7,5	28,6	32,0	22,3
Vitória	18,8	58,3	36,0	37,9	40,9	56,0	37,1	44,4	34,6	38,5	39,9
BRASIL (Capitais)	31,3	40,1	47,3	49,8	49,9	45,8	43,7	43,6	43,2	41,5	44,4

Fonte: SIM/DATASUS

3.4 HOMICÍDIOS E SEXO

Diversos estudos, tanto nacionais quanto internacionais (Mello; Minayo, UNICEF)¹⁶ já alertaram que as mortes por homicídios, inclusive entre os jovens, são ocorrências notadamente masculinas. E os dados disponibilizados pelo SIM permitem confirmar esse fato (tabelas 3.4.1 e 3.4.2).

Só 8,3% dos óbitos por homicídios, acontecidos no país durante o ano de 2000, pertencem ao sexo feminino. Entre os jovens, essa proporção é ainda menor: 6,7%.

Esta parece ser uma constante em todas as Unidades Federadas. Os extremos vão de Roraima, onde 17,2% das vítimas de homicídios pertencem ao sexo feminino, até Amapá, com só 2,6%. Entre os jovens, a dispersão é ainda menor: de 13,2% em Roraima até 1,2% no Amapá. Essas diferenças ficam bem evidentes quando comparamos as taxas de homicídios. Na população total, a taxa de homicídios masculina é de 50,2 em 100.000 homens e a feminina é de 4,4 em 100.000 mulheres, isto é, 11 vezes maior. Entre os jovens, essa diferença alarga-se mais ainda: 97,1 para os homens e 6,9 para as mulheres, isto é, 14 vezes maior. Os estados com maiores taxas de vitimização feminina são: Roraima, Espírito Santo.

As capitais dos estados (tabela 3.4.2) apresentam um comportamento próximo ao das Unidades Federadas, mas com taxas pouco maiores de participação feminina como vítimas de homicídio (6,3 em 100.000 no total da população e 10,4 em 100.000 entre os jovens).

¹⁶ MELLO JORGE, M.H.P. Como Morrem Nossos Jovens. In: CNPD. *Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas*. Brasília, 1998.

MINAYO, M.C. A Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública. *Cadernos de Saúde Pública* (10) 1. Escola Nacional de Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz, 1994

UNICEF. *Retrato Estatístico das Mortes de Crianças e Jovens por Causas Violentas: Brasil 1979-1993*. Brasília, 1995.

TABELA 3.4.1
Homicídios por Sexo
Local: UF e Regiões / Ano: 2000

UF/ REGIÃO	População Total					População 15 a 24 anos				
	Número		%	Taxas		Número		%	Taxas	
	Masc.	Fem.		Masc.	Fem.	Masc.	Fem.		Masc.	Fem.
Acre	94	13	12,1	33,5	4,7	44	6	12,0	71,2	9,7
Amazonas	517	36	6,5	36,6	2,6	232	17	6,8	74,5	5,4
Amapá	151	4	2,6	63,1	1,7	80	1	1,2	153,2	1,8
Pará	742	63	7,8	23,7	2,1	269	20	6,9	39,4	3,0
Rondônia	280	29	9,4	39,5	4,3	147	10	6,4	98,8	6,9
Roraima	106	22	17,2	63,8	13,9	46	7	13,2	131,7	20,0
Tocantins	161	16	9,0	27,2	2,8	58	4	6,5	45,8	3,3
Norte	2.051	183	8,2	31,4	2,9	876	65	6,9	61,7	4,6
Alagoas	657	67	9,3	47,6	4,6	253	26	9,3	83,9	8,5
Bahia	1.825	212	10,4	28,2	3,2	753	52	6,5	51,5	3,6
Ceará	1.118	107	8,7	30,8	2,8	404	28	6,5	54,1	3,7
Maranhão	314	29	8,5	11,2	1,0	122	11	8,3	19,2	1,8
Paraíba	473	45	8,7	28,3	2,5	198	15	7,0	55,6	4,2
Pernambuco	3.843	297	7,2	100,4	7,3	1.591	105	6,2	193,5	12,7
Piauí	214	17	7,4	15,3	1,2	81	7	8,0	26,1	2,3
Rio Grande do Norte	236	20	7,8	17,4	1,4	71	6	7,8	24,9	2,1
Sergipe	357	36	9,2	40,8	4,0	132	8	5,7	69,4	4,2
Nordeste	9.037	830	8,4	38,6	3,4	3.605	258	6,7	70,6	5,1
Espírito Santo	1.331	115	8,0	86,7	7,4	488	43	8,1	153,1	13,6
Minas Gerais	1.725	245	12,4	19,5	2,7	669	72	9,7	37,3	4,1
Rio de Janeiro	6.775	541	7,4	98,2	7,2	2.660	156	5,5	204,9	11,8
São Paulo	14.478	1.154	7,4	79,8	6,1	6.037	393	6,1	168,9	10,9
Sudeste	24.309	2.055	7,8	68,6	5,6	9.854	664	6,3	141,0	9,5
Paraná	1.603	164	9,3	33,8	3,4	571	45	7,3	62,3	5,0
Rio Grande do Sul	1.485	171	10,3	29,7	3,3	501	32	6,0	54,4	3,5
Santa Catarina	369	54	12,8	13,8	2,0	92	13	12,4	17,9	2,6
Sul	3.457	389	10,1	27,9	3,1	1.164	90	7,2	49,5	3,9
Distrito Federal	717	51	6,6	73,1	4,8	320	21	6,2	146,6	8,7
Goiás	871	130	13,0	34,9	5,2	307	44	12,5	60,2	8,6
Mato Grosso do Sul	571	71	11,1	54,9	6,8	189	24	11,3	91,1	11,7
Mato Grosso	914	82	8,2	71,0	6,7	262	16	5,8	98,6	6,2
Centro-Oeste	3.073	334	9,8	53,0	5,7	1.078	105	8,9	89,7	8,6
Brasil	41.927	3.791	8,3	50,2	4,4	16.577	1.182	6,7	97,1	6,9

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

TABELA 3.4.2
Homicídios por Sexo
Local: Capitais e Regiões / Ano: 2000

CAPITAL/ REGIÃO	População Total					População 15 a 24 anos				
	Número		%	Taxas		Número		%	Taxas	
	Masc.	Fem.		Masc.	Fem.	Masc.	Fem.		Masc.	Fem.
Belém	312	20	6,0	51,3	3,0	146	6	3,9	106,5	4,0
Boa Vista	70	11	13,6	69,8	11,0	37	4	9,8	169,5	17,2
Macapá	127	4	3,1	91,1	2,8	63	1	1,6	202,9	3,0
Manaus	438	29	6,2	63,9	4,0	197	13	6,2	126,7	7,7
Palmas	27	3	10,0	39,3	4,4	4	1	20,0	25,6	5,6
Porto Velho	148	11	6,9	88,8	6,6	63	3	4,5	176,5	8,2
Rio Branco	82	10	10,9	66,5	7,7	41	4	8,9	151,6	13,4
Norte	1.204	88	6,8	63,6	4,4	551	32	5,5	130,0	6,9
Aracaju	172	10	5,5	79,7	4,1	81	2	2,4	165,5	3,7
Fortaleza	548	54	9,0	54,7	4,7	223	14	5,9	104,9	5,9
João Pessoa	210	16	7,1	75,1	5,0	103	8	7,2	170,7	12,1
Maceió	333	27	7,5	88,4	6,4	150	13	8,0	185,7	14,7
Natal	72	2	2,7	21,5	0,5	23	0	0,0	31,8	0,0
Recife	1.251	112	8,2	189,1	14,7	589	42	6,7	424,5	28,7
Salvador	80	10	11,1	7,0	0,8	41	4	8,9	15,4	1,4
São Luís	126	18	12,5	31,0	3,9	50	9	15,3	51,9	7,9
Teresina	147	12	7,5	43,8	3,2	67	4	5,6	86,7	4,5
Nordeste	2.939	261	8,2	61,7	4,8	1.327	96	6,7	125,9	8,2
Belo Horizonte	633	85	11,8	59,9	7,2	296	27	8,4	134,2	11,6
Rio de Janeiro	3.059	243	7,4	111,3	7,8	1.275	66	4,9	252,3	12,8
São Paulo	6.314	451	6,7	127,0	8,3	2.645	152	5,4	269,4	14,7
Vitória	215	15	6,5	155,9	9,7	90	7	7,2	309,0	22,4
Sudeste	10.221	794	7,2	114,6	8,0	4.306	252	5,5	247,9	13,9
Curitiba	390	25	6,0	51,3	3,0	162	9	5,3	105,1	5,7
Florianópolis	27	8	22,9	16,3	4,5	8	1	11,1	23,0	2,8
Porto Alegre	492	42	7,9	77,4	5,8	207	10	4,6	167,7	8,0
Sul	909	75	7,6	58,2	4,3	377	20	5,0	120,7	6,3
Brasília	717	51	6,6	73,1	4,8	320	21	6,2	146,6	8,7
Campo Grande	239	22	8,4	74,1	6,5	99	8	7,5	149,4	11,7
Cuiabá	316	20	6,0	134,1	8,1	138	2	1,4	264,9	3,6
Goiânia	280	33	10,5	53,7	5,8	116	12	9,4	100,4	9,6
C.Oeste	1.552	126	7,5	75,3	5,6	673	43	6,0	148,8	8,8
Brasil (Capitais)	16.825	1344	7,4	87,7	6,3	7.234	443	5,8	181,8	10,4

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

3.5 SAZONALIDADE DOS HOMICÍDIOS

Com a finalidade de verificar em que medida os homicídios apresentam flutuações ou padrões temporais, os óbitos foram discriminados segundo sua data. Tem que ser salientado que esse é só um *proxi* de sazonalidade dos incidentes, dado que a data de óbito nem sempre, nem necessariamente, coincide com a data do fato ou incidente que originou as lesões que levaram à morte do indivíduo.

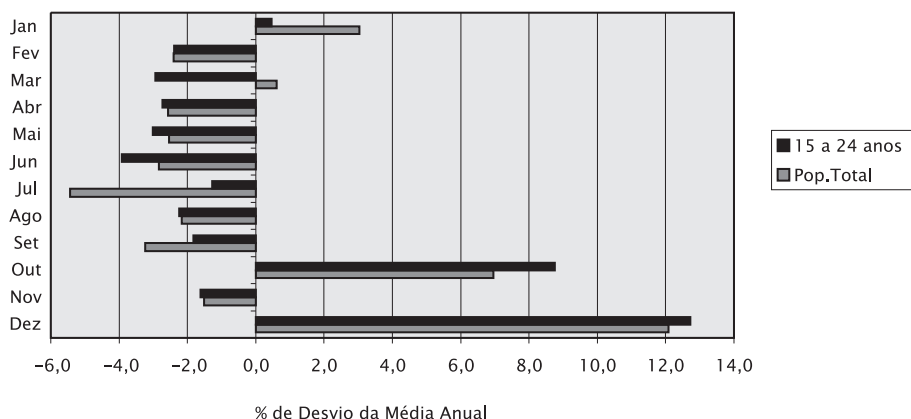
A Tabela e o Gráfico 3.5.1 permitem verificar que existe uma certa flutuação mensal de homicídios nos meses do ano. Tanto na população total quanto nos jovens o número de mortes cresce nos meses de outubro e, especialmente, em dezembro, caindo para abaixo da média nos restantes meses.

TABELA 3.5.1
Distribuição Mensal dos Óbitos por Homicídios
Local: Brasil
Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos / Ano: 2000

Mês	População Total		15 a 24 Anos	
	Número de Homicídios	Dif. % da Média	Número de Homicídios	Dif. % da Média
Janeiro	3.833	3,0	1.443	0,5
Fevereiro	3.631	-2,4	1.402	-2,4
Março	3.743	0,6	1.394	-2,9
Abril	3.625	-2,6	1.397	-2,7
Maiο	3.626	-2,5	1.393	-3,0
Junho	3.615	-2,8	1.380	-3,9
Julho	3.518	-5,4	1.418	-1,3
Agosto	3.640	-2,2	1.404	-2,2
Setembro	3.600	-3,2	1.410	-1,8
Outubro	3.979	7,0	1.562	8,8
Novembro	3.664	-1,5	1.413	-1,6
Dezembro	4.170	12,1	1.619	12,7
Total	44.644		17.235	

Fonte: SIM/DATASUS

GRÁFICO 3.5.1
Homicídios: Desvio Mensal (%) da Média
Brasil – Ano 2000



Mas, onde a sazonalidade dos homicídios parece atuar com força considerável é durante os dias da semana. Pela tabela 3.5.2, podemos conferir que o maior número de óbitos por homicídio é registrado durante os sábados e domingos. Se em cada um dos primeiros cinco dias da semana foi registrada uma média de 5.168 homicídios¹⁷ na população total e de 1.866 entre os jovens, nos sábados essas médias pulam para 7.283 e 2.633 e, nos domingos, o volume é maior ainda: 8.569 e 3.209. Isso indica que, nos fins de semana, os homicídios crescem, em média, mais de 70% com relação aos dias da semana. O gráfico 3.5.3 ajuda a visualizar melhor esta situação.

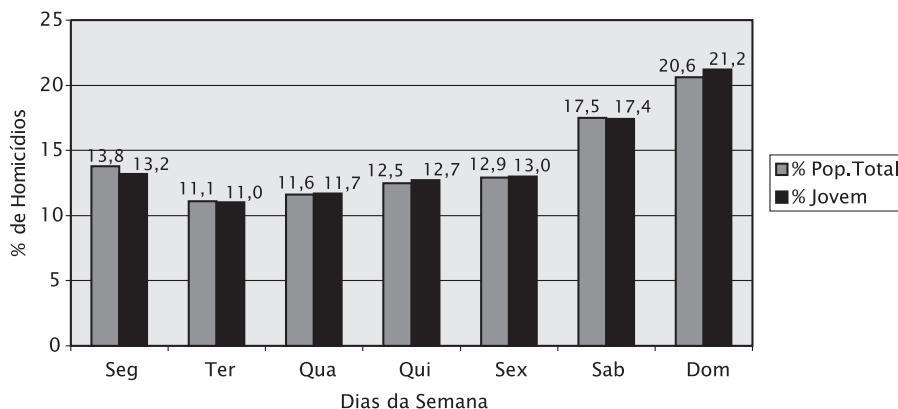
¹⁷ Total de óbitos por homicídio registrados em todas as segundas, terças, quartas, quintas e sextas-feiras de 1998.

TABELA 3.5.2
Distribuição dos Homicídios nos Dias da Semana
Local. Brasil
Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos / Ano: 2000

Dia da Semana	População Total		15 a 24 Anos	
	Número de Homicídios	% Homicídios	Número de Homicídios	% Homicídios
Segunda	5.728	13,8	2.233	13,2
Terça	4.975	11,1	1.914	11
Quarta	4.787	11,6	1.777	11,7
Quinta	5.275	12,5	2.001	12,7
Sexta	5.776	12,9	2.260	13
Sábado	8.324	17,5	3.201	17,4
Domingo	9.779	20,6	3.849	21,2
Total	44.644	100	17.235	100
Média dias úteis	5.308		2.037	
Média fim de semana	9.052		3.525	
Diferença	70,5%		73,0%	

Fonte: SIM/DATASUS

GRÁFICO 3.5.3
Distribuição dos Homicídios nos Dias da Semana
Brasil – Ano 2000



3.6 AS COMPARAÇÕES INTERNACIONAIS

Em primeiro lugar, é possível observar (tabela 3.7) que, com uma taxa de 26,3 Homicídios por 100.000 habitantes no ano de 1999, o Brasil ocupa a 2ª posição entre os 60 países do mundo analisados neste trabalho (ver notas técnicas). Embora as taxas do Brasil sejam bem menores que as da Colômbia, ainda assim são índices extremamente elevados no contexto internacional. Já com referência à sua população jovem, o Brasil, com sua taxa de 48,5 homicídios em 100.000 jovens, ocupa o terceiro lugar, bem distante do grupo de 14 países cujas taxas são menores do que 1 homicídio em cada 100.000 jovens.

3.7 VITIMIZAÇÃO JUVENIL POR HOMICÍDIOS

Os dados até aqui trabalhados possibilitam compor um panorama referente aos níveis de vitimização juvenil no país por causa dos homicídios. Entenderemos como vitimização juvenil a relação entre as taxas de óbitos por homicídio na faixa de 15 a 24 anos e as taxas na população total. Desta forma, quanto maior for a taxa de vitimização no sentido positivo, maior concentração de homicídios na população jovem. Se a taxa for negativa, indica que a juventude se encontra relativamente preservada, dado que as taxas incidem de forma mais pesada em outros setores etários da população. Se a taxa de vitimização for próxima de zero, os homicídios atingem por igual tanto a faixa jovem quanto o resto da população.

Se tomarmos como ponto de partida que, para o ano 2000, os jovens de 15 a 24 anos representavam 17,3% da população do país, seria esperável a mesma relação percentual entre os homicídios juvenis e os da população total. Mas, pelos dados expostos nos itens anteriores, podemos perceber que a proporção de homicídios juvenis representa 38,7% do total de homicídios do país, isto é, mais do dobro do que será esperável.

Pela tabela 3.7.1, é possível verificar que em todas as regiões e UFs do país existe um forte componente de sobre-vitimização juvenil. Nos estados com menor grau de vitimização, Santa Catarina e Mato Grosso, a proporção de vítimas juvenis já ultrapassa a caso de 39% de sobre-

TABELA 3.6
Ordenamento de Países por Taxa de Homicídios
Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos
Local: Diversos Países / Anos: Último Ano Disponível

TOTAL				15 A 24 ANOS			
País	Ano	Posi- ção	Taxa	País	Ano	Posi- ção	Taxa
Colômbia	98	1º	60,0	Colômbia	98	1º	101,3
Brasil	99	2º	26,3	Porto Rico	98	2º	58,4
Fed. Russa	98	3º	23,0	Brasil	99	3º	48,5
Porto Rico	98	4º	22,4	Bahamas	97	4º	29,7
Albânia	98	5º	19,7	Albânia	98	5º	28,7
Bahamas	97	6º	16,9	Equador	96	6º	21,3
Estônia	99	7º	15,7	Fed. Russa	98	7º	19,2
Equador	96	8º	15,5	México	97	8º	18,4
México	97	9º	14,9	Ilhas Cayman	97	9º	18,2
Letônia	99	10º	12,7	Estados Unidos	98	10º	14,6
Ucrânia	99	11º	12,6	Azerbaijão	99	11º	11,1
Moldávia	99	12º	11,2	Cuba	97	12º	9,4
Bielorrússia	99	13º	11,2	Ucrânia	99	13º	9,2
Lituânia	99	14º	8,0	Bielorrússia	99	14º	9,2
Cuba	97	15º	6,8	Estônia	99	15º	8,6
Estados Unidos	98	16º	6,6	Moldávia	99	16º	8,1
Ilhas Cayman	97	17º	6,3	Letônia	99	17º	7,6
Azerbaijão	99	18º	4,7	Malta	99	18º	6,9
Argentina	96	19º	4,6	Argentina	96	19º	6,4
Romênia	99	20º	3,6	Granada	96	20º	5,9
Uzbequistão	98	21º	3,4	Lituânia	99	21º	5,7
Granada	96	22º	3,2	Escócia	99	22º	3,7
Maurício	96	23º	3,0	Uzbequistão	98	23º	3,1
Hungria	99	24º	2,9	Bulgária	99	24º	2,4
Bulgária	99	25º	2,9	Romênia	99	25º	2,3
Croácia	99	26º	2,8	Kuwait	99	26º	2,0
Polónia	96	27º	2,6	Canadá	97	27º	1,9
Armênia	99	28º	2,6	Croácia	99	28º	1,8
Rep Eslovaca	99	29º	2,4	Austrália	98	29º	1,8
Finlândia	98	30º	2,4	Dinamarca	96	30º	1,8
Malta	99	31º	2,4	Coréia	97	31º	1,7
Escócia	99	32º	2,4	Holanda	99	32º	1,7
Macedônia	97	33º	2,4	Finlândia	98	33º	1,7
Coréia	97	34º	2,1	Irlanda do Norte	99	34º	1,7
Kuwait	99	35º	1,9	Hungria	99	35º	1,6
Austrália	98	36º	1,6	Itália	97	36º	1,6
Eslovênia	99	37º	1,5	Rep Eslovaca	99	37º	1,5

TABELA 3.6 (Continuação)

TOTAL				15 A 24 ANOS			
País	Ano	Posi- ção	Taxa	País	Ano	Posi- ção	Taxa
Nova Zelândia	98	38°	1,5	Armênia	99	38°	1,5
Rep.Checa	99	39°	1,5	Maurício	96	39°	1,5
Canadá	97	40°	1,4	Polônia	96	40°	1,4
Irlanda do Norte	99	41°	1,4	Nova Zelândia	98	41°	1,3
Grécia	98	42°	1,4	Rep.Checa	99	42°	1,2
Holanda	99	43°	1,3	Macedônia	97	43°	1,2
Itália	97	44°	1,3	Portugal	99	44°	1,1
Suécia	96	45°	1,2	Grécia	98	45°	1,1
Portugal	99	46°	1,2	Reino Unido	99	46°	1,1
Dinamarca	96	47°	1,1	Alemanha	99	47°	1,0
Hong Kong	96	48°	1,0	Israel	97	48°	1,0
Singapura	99	49°	1,0	Hong Kong	96	49°	0,9
Noruega	97	50°	0,9	Espanha	98	50°	0,9
Luxemburgo	99	51°	0,9	Noruega	97	51°	0,7
Espanha	98	52°	0,9	Eslovênia	99	52°	0,7
Alemanha	99	53°	0,9	Suécia	96	53°	0,6
Áustria	99	54°	0,8	França	98	54°	0,6
Irlanda	97	55°	0,8	Áustria	99	55°	0,6
França	98	56°	0,7	Singapura	99	56°	0,5
Reino Unido	99	57°	0,7	Irlanda	97	57°	0,5
Japão	97	58°	0,6	Japão	97	58°	0,4
Israel	97	59°	0,5	Luxemburgo	99	59°	0,0
Islândia	96	60°	0,4	Islândia	96	60°	0,0

Fonte: OMS/WHOSIS/WMD. Brasil: SIM/DATASUS,IBGE. Colômbia: DANE

vitimização.. Num outro extremo, em estados com São Paulo, Rio de Janeiro, Acre, Amazonas e Amapá as taxas jovens mais que duplicam as da população total.

Nas capitais, o problema é mais grave ainda. A taxa de vitimização de jovens (109,3%) mais que duplica as da população total. Se bem que em duas capitais (Palmas e Belém) esse fenômeno parece não existir, nas restantes o problema alcança níveis bem preocupantes.

TABELA 3.7.1
Vitimização Juvenil por Homicídios
Local: UF e Regiões / Ano: 2000

UF/ REGIÃO	Taxas de Óbitos		Taxa de Vitimização
	Pop. Total	Pop. 15 a 24	
Acre	19,2	40,5	111,1
Amazonas	19,7	39,8	102,6
Amapá	32,5	75,8	133,3
Pará	13,0	21,3	64,0
Rondônia	34,9	53,4	52,8
Roraima	39,5	75,7	91,9
Tocantins	15,3	24,9	62,7
Norte	18,7	33,3	78,6
Alagoas	25,6	46,0	79,4
Bahia	15,6	27,8	78,6
Ceará	16,5	28,7	74,1
Maranhão	6,1	10,6	74,5
Paraíba	15,0	29,9	98,9
Pernambuco	52,3	102,8	96,6
Piauí	8,2	14,3	75,6
Rio Grande do N.	9,2	13,5	46,8
Sergipe	22,0	36,7	66,5
Nordeste	20,7	37,9	83,3
Espírito Santo	46,7	83,6	79,1
Minas Gerais	11,0	20,9	89,4
Rio de Janeiro	50,9	107,6	111,3
São Paulo	42,2	89,6	112,3
Sudeste	36,4	75,2	106,5
Paraná	18,5	33,8	82,9
Rio Grande do Sul	16,3	29,2	79,7
Santa Catarina	7,9	10,4	31,1
Sul	15,3	26,9	75,6
Distrito Federal	37,5	74,3	97,8
Goiás	20,1	34,2	70,7
Mato Grosso do Sul	31,0	51,6	66,6
Mato Grosso	39,8	53,2	33,7
Centro-Oeste	29,3	48,9	66,6
Brasil	27,0	52,1	92,7

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

TABELA 3.7.2
Vitimização Juvenil por Homicídios
Local: Capitais e Regiões / Ano: 2000

CAPITAL/ REGIÃO	Taxas de Óbitos		Taxa de Vitimização
	Pop. Total	Pop. 15 a 24	
Belém	56,1	52,7	-6,1
Boa Vista	40,4	91,0	125,2
Macapá	46,2	98,6	113,4
Manaus	33,2	64,9	95,5
Palmas	21,8	14,9	-31,7
Porto Velho	47,5	91,5	92,6
Rio Branco	36,4	79,2	117,6
Norte	43,1	65,9	52,9
Aracaju	39,4	80,1	103,3
Fortaleza	28,2	52,6	86,5
João Pessoa	37,8	87,8	132,3
Maceió	45,1	96,2	113,3
Natal	10,4	15,3	47,1
Recife	95,8	221,3	131,0
Salvador	41,2	85,5	107,5
São Luís	16,6	28,0	68,7
Teresina	22,2	42,7	92,3
Nordeste	40,5	83,6	106,4
Belo Horizonte	14,8	75,4	409,5
Rio de Janeiro	56,5	131,1	132,0
São Paulo	64,8	138,8	114,2
Vitória	78,7	160,5	103,9
Sudeste	56,5	128,8	128,0
Curitiba	26,2	54,8	109,2
Florianópolis	10,2	12,9	26,5
Porto Alegre	39,2	87,2	122,4
Sul	29,9	62,9	110,4
Brasília	37,5	74,3	98,1
Campo Grande	39,3	79,4	102,0
Cuiabá	69,5	130,8	88,2
Goiânia	28,6	53,3	86,4
C.Oeste	39,2	76,1	94,1
Brasil (Capitais)	47,2	98,8	109,3

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

Deve ser apontado que estas situações de sobre-vitimização juvenil não são aleatórias, não acontecem por acaso. Parecem obedecer a certos padrões que seria útil aprofundar. Em primeiro lugar, a sobre-vitimização está fortemente relacionada com o nível de violência geral. Se agruparmos as UF's por suas taxas de homicídios em 3 grupos de 9 UF's cada: os de taxa alta, os de taxa média e os de baixa, e fizermos o mesmo com os índices de vitimização, teremos o panorama detalhado no Quadro 3.1.1.

QUADRO 3.1.1.
Distribuição das UF por Nível de Homicídios e de
Vitimização Juvenil. Ano 1999

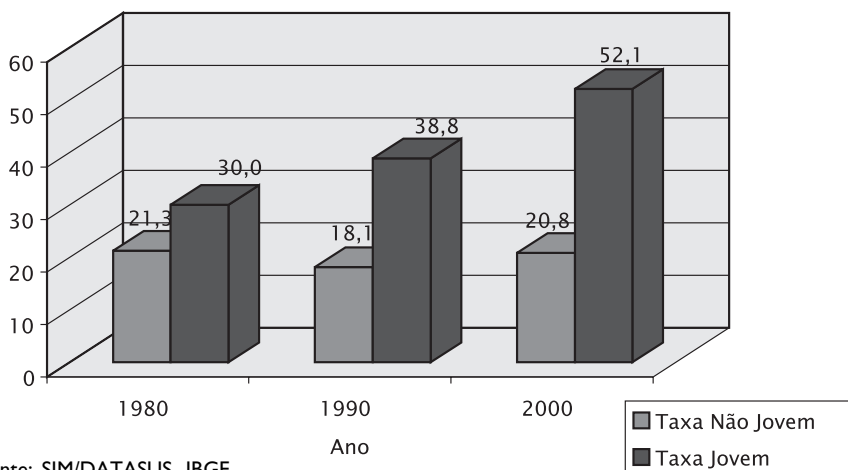
		NÍVEL DE VITIMIZAÇÃO DE JOVENS		
		ALTO	MÉDIO	BAIXO
NÍVEL DE HOMICÍDIOS	ALTO	Distrito Federal Amapá São Paulo Espírito Santo Rio de Janeiro Pernambuco	Roraima	Rondônia Mato Grosso
	MÉDIO	Bahia Amazonas	Rio Grande do S. Goiás Paraná Sergipe Alagoas	Ceará Mato Grosso do S.
	BAIXO	Piauí	Minas Gerais Paraíba Tocantins	Maranhão Santa Catarina Rio Grande do N. Acre Pará

Vemos, por esse quadro, a marcada tendência da sobre-vitimização juvenil acompanhar as taxas de homicídios de forma que, quando os níveis de homicídios são baixos, também a vitimização juvenil é baixa. Isso indicaria que, em situações de baixo nível de homicídios, as vítimas se distribuem, mais ou menos por igual, no conjunto da população. Ao aumentar as taxas de homicídios, aumenta também o nível de vitimização juvenil, de forma tal que, quando chega a

elevados níveis, a sobre-vitimização juvenil resulta também elevada. Isto indica que nossa violência homicida evolui, fundamentalmente, sobre a base dos homicídios juvenis. Pelos dados apresentados, 16 UF's confirmam esta hipótese (homicídios altos/vitimização alta; homicídios médios/vitimização média; homicídios baixos/vitimização baixa), 3 UF's não confirmam (homicídios altos/vitimização baixa; homicídios baixos/vitimização alta) e 8 se encontram em situação neutra.

Uma melhor evidência sobre o assunto pode ser obtida comparando-se a evolução dos níveis de vitimização diferenciada da população jovem (15 a 24 anos) e a não jovem (as restantes faixas etárias: 0 a 14 anos e mais de 24 anos). No ano de 1980¹⁸, foram registrados 27.464 homicídios dos quais 7.524 corresponderam a jovens e 19.940 às restantes faixas etárias (não jovens). Para o ano 2000, foram registrados 46.027 homicídios totais, 17.797 entre jovens e 28.230 no resto da população. Relativizando esses dados segundo população, teríamos que a taxa de homicídios entre os jovens passou de 30,0 (em 100.000 jovens) em 1980 para 52,1 no ano 2.000. Já a taxa no restante da população (não jovem) caiu levemente, passou de 21,3 em 100.000 para 20,8 no mesmo período. Isto evidencia, de forma clara, que os avanços da violência homicida no Brasil, das últimas duas décadas, tiveram como eixo exclusivo a vitimização juvenil.

GRÁFICO 3.7
Taxas de Homicídios Jovem e não Jovem
Brasil – 1980/2000



¹⁸ Ver Mapa da Violência I que abrange as séries históricas de 1979 a 1986.

Estas situações, que demarcam complexos problemas de violência juvenil, aparecem, tanto na mídia como em boa parte da bibliografia, como uma constante de nossa modernidade. A “crise” de nossa juventude, ou a violência juvenil, começam a aparecer como uma categoria explicativa quase universal de nossa cultura globalizada. Mas os dados internacionais existentes não são totalmente favoráveis a esta interpretação. Podemos verificar até que ponto isto realmente acontece re-agrupando as taxas internacionais expostas no item anterior.

Por esta tabela, é possível verificar que, em 25 dos 60 países analisados, as taxas de vitimização tem signo positivo, indicando diversos graus de concentração de homicídios em sua população juvenil. Mas isso não parece acontecer em 35 países, cujas taxas de vitimização apresentam sinal negativo. Isto permite pôr em dúvida a aparente “universalidade” da violência juvenil.

Uma realidade que parece ter um certo grau de universalidade é que elevados níveis de violência homicida aparecem associados a elevados níveis de sobre-vitimização juvenil, nos dando a entender que, da mesma forma que no Brasil, também no mundo os avanços modernos da violência no mundo operam-se sobre a base da vitimização juvenil.

TABELA 3.7.3

Ordenamento de Países Segundo Taxa de Vitimização por Homicídios
Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos
Local: Diversos Países / Anos: Último Ano Disponível

País	Ano	Taxas de Óbito		Taxa Vitim.	Posição
		Pop.Tot	15 a 24		
Malta	99	2,4	6,9	192,7	1º
Ilhas Cayman	97	6,3	18,2	190,0	2º
Porto Rico	98	22,4	58,4	161,0	3º
Azerbaijão	99	4,7	11,1	136,5	4º
Estados Unidos	98	6,6	14,6	120,5	5º
Israel	97	0,5	1,0	89,7	6º
Granada	96	3,2	5,9	87,0	7º
Colômbia	95	65,5	121,7	85,7	8º
Brasil	99	26,3	48,5	84,4	9º
Bahamas	97	16,9	29,7	76,1	10º
Escócia	99	2,4	3,7	58,5	11º
Dinamarca	96	1,1	1,8	56,4	12º
Reino Unido	99	0,7	1,1	50,3	13º
Albânia	98	19,7	28,7	45,5	14º
Argentina	96	4,6	6,4	40,0	15º
Cuba	97	6,8	9,4	39,0	16º
Equador	96	15,5	21,3	37,2	17º
Canadá	97	1,4	1,9	33,9	18º
Holanda	99	1,3	1,7	32,1	19º
Itália	97	1,3	1,6	27,5	20º
México	97	14,9	18,4	23,9	21º
Irlanda do Norte	99	1,4	1,7	17,2	22º
Alemanha	99	0,9	1,0	15,2	23º
Austrália	98	1,6	1,8	11,7	24º
Kuwait	99	1,9	2,0	8,0	25º
Espanha	98	0,9	0,9	-3,0	26º
Portugal	99	1,2	1,1	-4,4	27º
Hong Kong	96	1,0	0,9	-9,6	28º
Uzbequistão	98	3,4	3,1	-10,5	29º
Nova Zelândia	98	1,5	1,3	-13,2	30º

País	Ano	Taxas de Óbito		Taxa Vitim.	Posição
		Pop.Tot	15 a 24		
França	98	0,7	0,6	-15,2	31º
Rep.Checa	99	1,5	1,2	-15,7	32º
Fed. Russa	98	23,0	19,2	-16,6	33º
Bulgária	99	2,9	2,4	-17,4	34º
Bielorússia	99	11,2	9,2	-17,9	35º
Grécia	98	1,4	1,1	-17,9	36º
Coreia	97	2,1	1,7	-18,8	37º
Noruega	97	0,9	0,7	-23,8	38º
Áustria	99	0,8	0,6	-25,6	39º
Ucrânia	99	12,6	9,2	-26,7	40º
Moldávia	99	11,2	8,1	-28,0	41º
Lituânia	99	8,0	5,7	-29,1	42º
Finlândia	98	2,4	1,7	-29,7	43º
Japão	97	0,6	0,4	-32,0	44º
Croácia	99	2,8	1,8	-36,9	45º
Romênia	99	3,6	2,3	-36,9	46º
Rep Eslovaca	99	2,4	1,5	-38,2	47º
Letônia	99	12,7	7,6	-39,6	48º
Armênia	99	2,6	1,5	-42,4	49º
Irlanda	97	0,8	0,5	-43,0	50º
Hungria	99	2,9	1,6	-43,7	51º
Estônia	99	15,7	8,6	-45,5	52º
Polónia	96	2,6	1,4	-47,0	53º
Suécia	96	1,2	0,6	-47,8	54º
Macedônia	97	2,4	1,2	-47,9	55º
Maurício	96	3,0	1,5	-50,8	56º
Singapura	99	1,0	0,5	-52,3	57º
Eslovênia	99	1,5	0,7	-54,8	58º
Luxemburgo	99	0,9	0,0	-100,0	59º
Islândia	96	0,4	0,0	-100,0	60º

Fonte: OMS/WHOSIS/WMD. Brasil: SIM/DATASUS, IBGE. Colômbia: Estatísticas MS

CAPÍTULO 4

Acidentes de Transporte

4.1 EVOLUÇÃO DOS ÓBITOS POR ACIDENTES DE TRANSPORTE NO PAÍS

Na década considerada, o número de óbitos causados por acidentes de transporte passou de 28.364 em 1991 para 29.421 no ano 2000, o que representa um aumento de 3,7%%, bem inferior ao incremento populacional do país, que foi de 17,8% no mesmo período.

Podemos verificar, pela tabela 4.1.1, a existência de uma inflexão na evolução dos óbitos por acidentes de transporte. Entre 1991 e 1996, os números crescem significativamente a um ritmo anual de 4,6%. Desde 1997, com a promulgação da nova Lei de Trânsito, até o ano 2000, os valores absolutos decrescem a um ritmo de aproximadamente 6% ao ano.

Em termos regionais, a norte é a que evidenciou as maiores taxas de incremento no número de óbitos, com um aumento de 41,5% entre 1991 e 2000 devido, fundamentalmente, ao significativo crescimento dos quantitativos nos estados de Roraima e Tocantins, que mais que duplicaram seus números no período considerado.

Num outro extremo, a região sudeste apresenta o melhor saldo, com uma queda, no período, de 13,9% devido, principalmente, às quedas observados no estado de São Paulo.

A tabela 4.1.2 possibilita acompanhar a evolução no número de mortes por acidentes de transporte na população jovem. Em primeiro lugar, podemos verificar que o aumento decenal de 6,7% foi superior ao da população total, com situações regionais bem mais contrastantes: as regiões norte e nordeste apresentam elevado crescimento decenal (41,5 e 27,6% respectivamente), enquanto a região sul apresenta uma significativa queda de 13,9%.

TABELA 4.1.1
Número de Óbitos por Acidentes de Transporte
Faixa Etária: População Total
Local: UF e Regiões / Período: 1991/2000

UF/ Região	ANO										%
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	Aumento
Acre	56	73	65	77	73	66	84	77	72	92	64,3
Amazonas	258	270	237	321	380	322	343	314	282	343	32,9
Amapá	83	64	79	85	75	88	94	90	79	97	16,9
Pará	636	604	542	483	511	627	743	781	554	690	8,5
Rondônia	232	250	267	242	272	299	268	321	288	309	33,2
Roraima	53	76	70	87	88	98	119	130	151	136	156,6
Tocantins	101	105	129	98	106	113	188	230	256	341	237,6
Norte	1.419	1.442	1.389	1.393	1.505	1.613	1.839	1.943	1.682	2.008	41,5
Alagoas	550	587	520	566	558	600	688	672	596	560	1,8
Bahia	674	706	739	927	906	1.188	1.334	1.038	1.097	1.098	62,9
Ceará	751	717	800	812	990	1.130	1.229	1.064	1.151	1.266	68,6
Maranhão	446	535	462	346	377	424	442	407	369	442	-0,9
Paraíba	442	382	430	431	502	133	307	375	431	429	-2,9
Pernambuco	1.201	1.193	1.239	1.315	1.406	1.605	1.584	1.533	1.440	1.397	16,3
Piauí	212	259	265	280	262	268	244	307	315	447	110,8
Rio Grande do N.	470	385	431	403	366	392	387	483	396	474	0,9
Sergipe	321	452	319	365	339	325	234	189	310	351	9,3
Nordeste	5.067	5.216	5.205	5.445	5.706	6.065	6.449	6.068	6.105	6.464	27,6
Espírito Santo	762	663	703	785	810	834	778	818	787	835	9,6
Minas Gerais	2.363	2.388	2.680	2.891	3.280	3.620	3.490	3.065	2.750	2.422	2,5
Rio de Janeiro	2.806	1.911	1.891	2.215	3.696	3.737	3.599	2.926	2.394	2.617	-6,7
São Paulo	7.872	7.366	7.467	7.470	8.364	9.158	9.307	7.561	7.585	6.010	-23,7
Sudeste	13.803	12.328	12.741	13.361	16.150	17.349	17.174	14.370	13.516	11.884	-13,9
Paraná	2.394	2.527	2.595	2.939	2.855	3.200	3.037	2.670	2.636	2.495	4,2
Rio Grande do S.	1.666	1.568	1.652	1.851	1.985	2.151	2.183	1.801	1.794	1.881	12,9
Santa Catarina	1.397	1.476	1.571	1.678	1.811	1.979	1.927	1.424	1.531	1.555	11,3
Sul	5.457	5.571	5.818	6.468	6.651	7.330	7.147	5.895	5.961	5.931	8,7
Distrito Federal	639	615	654	685	791	743	621	593	584	582	-8,9
Goiás	1.233	1.246	1.104	1.320	1.258	1.155	1.331	1.099	1.188	1.377	11,7
Mato Grosso do S.	479	463	545	550	545	631	601	414	443	414	-13,6
Mato Grosso	267	302	383	305	547	659	594	612	639	761	185,0
Centro-Oeste	2.618	2.626	2.686	2.860	3.141	3.188	3.147	2.718	2.854	3.134	19,7
Brasil	28.364	27.183	27.839	29.527	33.153	35.545	35.756	30.994	30.118	29.421	3,7

Fonte: SIM/DATASUS

TABELA 4.1.2
Número de Óbitos por Acidentes de Transporte
Faixa Etária: 15 a 24 Anos
Local: UF e Regiões / Período: 1991/2000

UF/ REGIÃO	ANO										%
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	Aumento
Acre	11	15	15	16	20	17	29	13	16	12	9,1
Amazonas	66	64	54	78	87	73	81	75	69	89	34,8
Amapá	17	17	18	21	18	15	27	27	18	23	35,3
Pará	131	123	125	106	110	144	175	161	123	165	26,0
Rondônia	54	46	64	38	61	66	65	73	70	62	14,8
Roraima	11	16	19	14	20	21	26	34	43	27	145,5
Tocantins	17	18	30	22	16	21	42	52	75	74	335,3
NORTE	307	299	325	295	332	357	445	435	414	452	47,2
Alagoas	91	120	102	101	111	117	164	154	123	120	31,9
Bahia	145	105	138	203	185	248	253	177	220	250	72,4
Ceará	144	133	161	155	165	224	252	248	245	272	88,9
Maranhão	82	101	100	59	70	85	98	116	74	115	40,2
Paraíba	93	89	90	76	98	26	64	90	104	105	12,9
Pernambuco	220	204	246	232	279	338	358	346	305	307	39,5
Piauí	34	37	51	62	63	71	41	61	77	95	179,4
Rio Grande do N.	94	81	95	80	70	88	92	109	85	101	7,4
Sergipe	56	91	76	74	70	70	44	39	69	76	35,7
NORDESTE	959	961	1.059	1.042	1.111	1.267	1.366	1.340	1.302	1.441	50,3
Espírito Santo	162	138	120	160	174	141	161	155	166	177	9,3
Minas Gerais	506	452	547	599	703	747	703	623	555	511	1,0
Rio de Janeiro	468	313	323	417	622	628	647	501	445	495	5,8
São Paulo	1.847	1.594	1.533	1.845	1.864	2.126	2.209	1.792	1.823	1.327	-28,2
SUDESTE	2.983	2.497	2.523	3.021	3.363	3.642	3.720	3.071	2.989	2.510	-15,9
Paraná	497	549	579	687	630	728	645	552	543	522	5,0
Rio Grande do S.	339	321	345	344	444	489	480	352	354	378	11,5
Santa Catarina	372	368	391	427	457	492	465	334	395	380	2,2
SUL	1.208	1.238	1.315	1.458	1.531	1.709	1.590	1.238	1.292	1.280	6,0
Distrito Federal	138	155	148	140	162	158	122	125	140	133	-3,6
Goiás	252	278	245	310	277	283	317	272	294	333	32,1
Mato Grosso do S.	102	93	94	125	111	133	122	85	99	80	-21,6
Mato Grosso	63	55	80	53	122	121	134	151	141	185	193,7
CENTRO OESTE	555	581	567	628	672	695	695	633	674	731	31,7
BRASIL	6.012	5.576	5.789	6.444	7.009	7.670	7.816	6.717	6.671	6.414	6,7

Fonte: SIM/DATASUS

Também aqui em algumas UFs, como São Paulo, Distrito Federal e Mato Grosso do Sul, os números caem no período considerado, mas noutras, como Roraima, Tocantins, Piauí e Mato Grosso, os números cresceram drasticamente.

Relacionando estes números com as respectivas populações, obtemos as taxas de óbitos por acidentes de transporte (em 100.000 habitantes), detalhadas nas tabelas 4.1.3 e 4.1.4.

Por essas tabelas, é possível verificar que as taxas de óbitos por acidentes de transporte tiveram uma queda considerável na década: 10,1% na população total e 10,2% entre os jovens. Explica-se pelo fato da entrada em vigor da nova Lei de Trânsito.

As taxas entre a população jovem (18,9 em 100.000 jovens) são levemente superiores às da população total (17,4 em 100.000).

As taxas acima detalhadas permitem ordenar as UFs segundo a gravidade da incidência de mortes por acidentes de transporte, tanto para a população jovem quanto para a total.

4.2 EVOLUÇÃO DOS ÓBITOS POR ACIDENTES DE TRANSPORTE NAS CAPITAIS.

Se no país como um todo houve um aumento absoluto de 4.4% no número de óbitos por acidentes de transporte entre 1991 e 2000, nas capitais dos estados aconteceu o contrário: houve uma queda significativa, da ordem de 18,5%, devido, fundamentalmente, às quedas observáveis a partir de 1998, quando começa a vigorar a nova Lei de Trânsito.

Descontando Palmas, dada que sua recente criação distorce as estatísticas, surpreendem os elevados aumentos em três capitais: Salvador, Cuiabá e Boa Vista, e as significativas quedas em São Paulo, São Luís, e Natal.

Considerando a faixa de 15 a 24 anos das capitais, vemos que as quedas no número de óbitos foram levemente menores: 17,7%, mas ainda expressivas. Destaca-se, nesta área, a queda da cidade de São Paulo.

A seguir, (tabelas 4.2.3. e 4.2.4) os mesmos dados foram relativizados segundo as respectivas populações.

TABELA 4.1.3
Taxa de Óbitos por Acidentes de Transporte
Faixa Etária: População Total
Local: UF e Regiões / Período: 1991/2000

UF/ REGIÃO	ANO									
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Acre	13,5	17,1	14,7	17,0	15,6	13,3	16,4	14,6	13,1	16,5
Amazonas	12,3	12,6	10,8	14,3	16,5	12,9	13,3	11,9	10,5	12,2
Amapá	28,9	21,0	24,5	25,0	21,0	22,4	22,7	20,7	17,3	20,1
Pará	12,9	12,0	10,5	9,1	9,4	11,1	12,9	13,2	9,5	11,1
Rondônia	20,8	22,0	23,0	20,5	22,6	23,5	20,7	24,2	23,7	22,4
Roraima	24,8	34,5	30,9	37,5	36,9	35,4	41,2	43,2	47,4	41,9
Tocantins	11,0	11,2	13,4	9,9	10,4	10,7	17,3	20,9	19,1	29,1
Norte	14,3	14,1	13,3	13,0	13,7	13,9	15,4	15,9	13,5	15,5
Alagoas	22,0	23,2	20,4	22,0	21,5	22,3	25,3	24,5	21,0	20,2
Bahia	5,7	5,9	6,1	7,6	7,3	9,5	10,5	8,1	8,2	8,8
Ceará	11,8	11,1	12,3	12,3	14,8	16,2	17,4	14,8	15,8	17,0
Maranhão	9,1	10,8	9,2	6,8	7,3	8,0	8,2	7,4	7,5	7,9
Paraíba	13,8	11,9	13,3	13,3	15,3	4,0	9,1	11,1	12,4	12,1
Pernambuco	16,9	16,5	17,0	17,7	18,7	21,2	20,7	19,8	18,9	17,8
Piauí	8,2	10,0	10,2	10,7	9,9	9,8	8,9	11,1	9,7	15,6
Rio Grande do N.	19,5	15,8	17,5	16,2	14,5	15,0	14,6	17,9	14,4	17,2
Sergipe	21,6	29,9	20,8	23,4	21,3	19,6	13,9	11,1	17,3	19,6
Nordeste	12,0	12,2	12,0	12,4	12,9	13,4	14,0	13,0	12,9	13,6
Espírito Santo	29,4	25,2	26,3	29,0	29,4	29,0	26,5	27,3	25,8	27,0
Minas Gerais	15,1	15,0	16,7	17,8	20,0	21,4	20,3	20,1	15,4	14,2
Rio de Janeiro	22,0	14,8	14,5	16,9	27,9	27,3	26,0	20,9	16,9	18,2
São Paulo	25,0	23,1	23,0	22,7	25,0	26,5	26,4	21,1	20,7	16,2
Sudeste	22,1	19,5	19,8	20,5	24,5	25,5	24,8	21,1	18,9	16,5
Paraná	28,4	29,6	30,0	33,6	32,2	35,3	33,1	28,7	27,9	26,4
Rio Grande do S.	18,3	17,0	17,8	19,7	20,9	22,1	22,2	18,1	18,6	18,5
Santa Catarina	30,9	32,3	33,8	35,6	37,9	39,6	38,0	27,5	29,0	28,9
Sul	24,7	25,0	25,7	28,3	28,7	30,8	29,7	24,1	24,4	23,7
Distrito Federal	40,1	37,6	38,9	39,7	44,7	40,1	32,7	30,8	26,4	29,6
Goiás	30,8	30,4	26,3	30,7	28,6	25,3	28,5	23,0	25,5	28,1
Mato Grosso do S.	27,0	25,7	29,8	29,6	28,9	32,4	30,4	29,9	21,5	19,9
Mato Grosso	13,3	14,7	18,3	14,3	25,1	28,7	25,3	25,4	25,3	29,9
Centro-Oeste	27,9	27,4	27,4	28,6	30,7	29,9	28,9	26,1	24,9	27,3
Brasil	19,4	18,3	18,5	19,4	21,4	22,3	22,1	19,2	18,0	17,4

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

TABELA 4.1.4
Taxa de Óbitos por Acidentes de Transporte
Faixa Etária: 15 a 24 Anos
Local: UF e Regiões / Período: 1991/2000

UF/ REGIÃO	ANO									
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Acre	12,9	16,9	16,1	16,5	19,8	16,0	26,2	11,3	13,4	9,7
Amazonas	15,2	14,2	11,6	16,1	17,3	13,5	14,6	13,0	11,8	14,2
Amapá	28,5	26,4	26,0	28,3	22,8	17,4	31,8	27,0	17,7	21,5
Pará	12,9	11,8	11,6	9,5	9,6	11,9	13,9	12,3	9,8	12,0
Rondônia	22,9	19,2	26,1	15,2	23,9	24,5	22,1	26,6	25,7	20,9
Roraima	24,7	34,8	40,2	28,7	39,9	35,6	42,1	52,7	64,0	38,6
Tocantins	9,2	9,4	15,0	10,6	7,5	9,5	20,2	26,4	25,6	29,7
Norte	14,9	14,1	14,8	13,0	14,1	14,3	17,3	16,7	15,1	15,9
Alagoas	17,3	22,6	19,0	18,6	20,2	20,5	28,1	27,2	19,7	19,8
Bahia	6,0	4,3	5,5	7,9	7,1	9,2	9,3	6,2	7,6	9,0
Ceará	11,5	10,5	12,5	11,9	12,5	16,1	18,0	16,8	16,7	17,8
Maranhão	8,6	10,4	10,0	5,7	6,7	7,6	7,8	8,4	6,9	9,4
Paraíba	14,6	13,8	13,8	11,6	14,8	3,8	9,7	12,9	14,8	14,2
Pernambuco	15,1	13,8	16,5	15,3	18,2	21,6	22,4	21,2	19,0	19,1
Piauí	6,5	7,0	9,5	11,4	11,4	12,3	7,6	12,8	11,6	15,3
Rio Grande do N.	19,4	16,6	19,2	16,0	13,9	16,5	16,6	19,6	15,5	17,9
Sergipe	18,0	28,6	23,5	22,4	20,8	19,9	12,8	10,9	18,7	20,4
Nordeste	11,2	11,1	12,0	11,6	12,2	13,4	14,1	13,6	13,0	14,3
Espírito Santo	31,8	26,5	22,6	29,6	31,5	24,3	27,5	26,2	26,2	27,9
Minas Gerais	16,6	14,6	17,4	18,8	21,8	22,4	21,0	20,7	16,2	15,0
Rio de Janeiro	20,3	13,4	13,7	17,5	25,9	25,3	25,9	20,2	17,0	18,9
São Paulo	31,3	26,5	24,9	29,4	29,1	32,2	32,6	26,1	25,7	18,4
Sudeste	25,3	20,8	20,7	24,4	26,7	28,0	28,1	23,6	21,7	18,1
Paraná	29,3	32,2	33,8	39,9	36,4	41,2	36,5	29,9	30,2	29,1
Rio Grande do S.	21,3	19,9	21,2	20,9	26,8	28,4	26,5	19,6	20,8	20,7
Santa Catarina	42,2	41,6	43,8	47,5	50,4	51,5	48,1	33,7	39,1	37,1
Sul	29,0	29,5	31,1	34,2	35,6	38,5	35,1	26,7	28,5	27,6
Distrito Federal	39,2	42,6	39,4	36,1	40,5	38,3	31,8	32,1	27,5	29,8
Goias	29,9	32,2	27,8	34,4	30,0	29,9	32,0	26,0	31,0	33,1
Mato Grosso do S.	28,8	25,9	25,7	33,7	29,5	34,4	31,3	30,8	24,4	19,6
Mato Grosso	14,9	12,7	18,1	11,8	26,5	25,2	27,3	30,5	26,3	34,8
Centro-Oeste	28,1	28,8	27,5	29,7	31,1	31,2	30,8	28,9	28,2	30,5
Brasil	21,1	19,2	19,6	21,5	23,0	24,2	24,2	20,8	19,9	18,9

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

TABELA 4.1.5
Ordenamento das UF: Óbitos por Acidentes de Transporte
Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos
Período: 1991/2000

UF	População Total		
	Posição em		Taxa
	1991	2000	
Roraima	9º	1º	41,9
Mato Grosso	20º	2º	29,9
Distrito Federal	1º	3º	29,6
Tocantins	24º	4º	29,1
Santa Catarina	2º	5º	28,9
Goiás	3º	6º	28,1
Espírito Santo	4º	7º	27,0
Paraná	6º	8º	26,4
Rondônia	13º	9º	22,4
Alagoas	10º	10º	20,2
Amapá	5º	11º	20,1
Mato Grosso do S.	7º	12º	19,9
Sergipe	12º	13º	19,6
Rio Grande do Sul	15º	14º	18,5
Rio de Janeiro	11º	15º	18,2
Pernambuco	16º	16º	17,8
Rio Grande do N.	14º	17º	17,2
Ceará	23º	18º	17,0
Acre	19º	19º	16,5
São Paulo	8º	20º	16,2
Piauí	26º	21º	15,6
Minas Gerais	17º	22º	14,2
Amazonas	22º	23º	12,2
Paraíba	18º	24º	12,1
Pará	21º	25º	11,1
Bahia	27º	26º	8,8
Maranhão	25º	27º	7,9

UF	População 15 a 24 anos		
	Posição em		Taxa
	1991	2000	
Roraima	9º	1º	38,6
Santa Catarina	1º	2º	37,1
Mato Grosso	19º	3º	34,8
Goiás	5º	4º	33,1
Distrito Federal	2º	5º	29,8
Tocantins	24º	6º	29,7
Paraná	6º	7º	29,1
Espírito Santo	3º	8º	27,9
Amapá	8º	9º	21,5
Rondônia	10º	10º	20,9
Rio Grande do Sul	11º	11º	20,7
Sergipe	14º	12º	20,4
Alagoas	15º	13º	19,8
Mato Grosso do S.	7º	14º	19,6
Pernambuco	18º	15º	19,1
Rio de Janeiro	12º	16º	18,9
São Paulo	4º	17º	18,4
Rio Grande do N.	13º	18º	17,9
Ceará	23º	19º	17,8
Piauí	26º	20º	15,3
Minas Gerais	16º	21º	15,0
Amazonas	17º	22º	14,2
Paraíba	20º	23º	14,2
Pará	22º	24º	12,0
Acre	21º	25º	9,7
Maranhão	25º	26º	9,4
Bahia	27º	27º	9,0

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

TABELA 4.2.1
Número de Óbitos por Acidentes de Transporte
Faixa Etária: População Total
Local: Capitais e Regiões / Período: 1991/2000

CAPITAL/ REGIÃO	ANO										%
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	Aumento
Belém	309	290	235	215	217	302	328	276	124	235	-23,9
Boa Vista	43	67	61	72	66	80	87	83	99	86	100,0
Macapá	73	60	66	76	66	76	83	72	76	85	16,4
Manaus	241	252	221	298	349	287	304	287	238	276	14,5
Palmas	4	6	5	10	12	5	25	22	34	79	1875,0
Porto Velho	101	97	114	84	61	96	83	111	117	101	0,0
Rio Branco	49	61	52	68	61	62	69	61	50	74	51,0
Norte	820	833	754	823	832	908	979	912	738	936	14,1
Aracaju	121	270	173	214	166	148	108	83	139	162	33,9
Fortaleza	468	435	441	469	575	607	583	434	469	442	-5,6
João Pessoa	187	142	156	157	199	37	123	184	191	173	-7,5
Maceió	291	315	322	347	309	383	366	334	319	245	-15,8
Natal	234	194	204	161	160	160	135	187	129	158	-32,5
Recife	565	575	532	585	608	704	653	560	545	491	-13,1
Salvador	49	132	133	157	86	134	252	258	265	271	453,1
São Luís	157	170	150	136	168	142	115	73	96	110	-29,9
Teresina	145	154	161	156	179	171	140	188	203	224	54,5
Nordeste	2.217	2.387	2.272	2.382	2.450	2.486	2475	2301	2356	2276	2,7
Belo Horizonte	550	511	508	556	671	701	699	699	569	493	-10,4
Rio de Janeiro	1.275	466	453	370	1.726	1.675	1603	1314	958	1030	-19,2
São Paulo	2.420	2.055	1.990	1.990	2.321	2.421	2182	1577	1658	728	-69,9
Vitória	176	179	184	202	199	186	163	143	178	143	-18,8
Sudeste	4.421	3.211	3.135	3.118	4.917	4.983	4647	3733	3363	2394	-45,8
Curitiba	513	607	608	662	532	615	531	437	488	463	-9,7
Florianópolis	117	112	137	146	130	122	114	68	81	94	-19,7
Porto Alegre	318	187	320	463	564	452	498	350	375	365	14,8
Sul	948	906	1.065	1.271	1.226	1.189	1143	855	944	922	-2,7
Brasília	639	615	654	685	791	743	618	600	584	582	-8,9
Campo Grande	164	203	200	235	215	248	227	227	164	143	-12,8
Cuiabá	57	64	56	58	187	182	150	159	137	169	196,5
Goiânia	442	421	376	401	511	405	467	424	463	487	10,2
C.Oeste	1.302	1.303	1.286	1.379	1.704	1.578	1462	1410	1348	1381	6,1
Brasil (Capitais)	9.708	8.640	8.512	8.973	11.129	11.144	10706	9211	8749	7909	-18,5

Fonte: SIM/DATASUS

TABELA 4.2.2
Número de Óbitos por Acidentes de Transporte
Faixa Etária: 15 a 24 Anos
Local: Capitais e Regiões / Período: 1991 / 2000

CAPITAL/ REGIÃO	ANO										%
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	Aumento
Belém	72	50	50	54	44	75	80	54	30	56	-22,2
Boa Vista	7	15	18	13	16	18	18	20	31	12	71,4
Macapá	17	16	15	20	15	12	27	22	18	20	17,6
Manaus	63	60	50	74	83	65	70	72	58	72	14,3
Palmas	0	0	1	2	2	0	1	5	12	15	
Porto Velho	17	18	32	8	15	25	14	21	21	19	11,8
Rio Branco	8	14	12	14	17	16	27	11	11	8	0,0
Norte	184	173	178	185	192	211	237	205	181	202	9,8
Aracaju	25	59	42	45	31	32	23	19	27	38	52,0
Fortaleza	76	86	90	100	100	125	111	90	93	90	18,4
João Pessoa	42	34	35	33	37	6	27	43	43	39	-7,1
Maceió	46	67	59	60	52	74	81	71	68	51	10,9
Natal	53	31	42	27	29	33	24	39	21	25	-52,8
Recife	101	90	100	100	125	141	115	123	104	86	-14,9
Salvador	9	20	24	20	22	26	45	46	48	49	444,4
São Luís	31	34	33	28	34	29	24	17	15	31	0,0
Teresina	32	25	27	33	38	44	27	53	48	43	34,4
Nordeste	415	446	452	446	468	510	477	501	467	452	8,9
Belo Horizonte	111	76	101	115	137	130	171	171	135	100	-9,9
Rio de Janeiro	214	78	90	87	284	280	274	198	173	186	-13,1
São Paulo	582	449	423	503	541	564	561	365	394	177	-69,6
Vitória	30	32	27	39	37	26	35	32	35	34	13,3
Sudeste	937	635	641	744	999	1.000	1041	766	737	497	-47,0
Curitiba	94	113	114	147	102	138	111	81	91	86	-8,5
Florianópolis	31	28	31	33	35	31	32	16	21	23	-25,8
Porto Alegre	76	42	76	107	137	92	106	74	75	75	-1,3
Sul	201	183	221	287	274	261	249	171	187	184	-8,5
Brasília	138	155	148	140	162	158	134	140	140	133	-3,6
Campo Grande	33	43	27	63	39	63	46	46	43	31	-6,1
Cuiabá	16	14	16	8	48	38	36	43	25	47	193,8
Goiânia	111	95	97	100	138	109	125	95	131	128	15,3
C.Oeste	298	307	288	311	387	368	341	324	339	339	13,8
Brasil (Capitais)	2.035	1.744	1.780	1.973	2.320	2.350	2345	1967	1911	1674	-17,7

Fonte: SIM/DATASUS

TABELA 4.2.3
Taxa de Óbitos por Acidentes de Transporte
Faixa Etária: População Total
Local: Capitais e Regiões / Período: 1991/2000

UF/ REGIÃO	ANO										%
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	Aumento
Belém	24,9	24,0	20,0	18,8	19,5	26,4	27,8	22,8	45,6	38,5	54,6
Boa Vista	30,3	45,7	40,4	46,2	41,2	48,3	49,9	45,3	51,6	42,9	41,5
Macapá	40,9	31,7	33,1	36,2	29,9	34,4	35,1	28,6	28,4	30,0	-26,6
Manaus	24,0	24,4	20,8	27,4	31,2	24,8	24,9	22,4	17,7	19,6	-18,2
Palmas	17,0	16,8	10,5	16,7	16,7	5,8	25,3	19,7	27,3	57,5	238,3
Porto Velho	35,5	33,1	37,7	27,0	19,1	32,6	27,3	35,3	36,0	30,2	-15,0
Rio Branco	25,0	29,8	24,3	30,5	26,3	27,1	29,4	25,3	20,2	29,2	17,0
Norte	26,7	26,8	23,9	25,8	25,7	27,5	28,4	25,4	31,6	30,7	14,8
Aracaju	30,2	66,6	42,1	51,5	39,5	34,6	24,7	18,7	30,7	35,1	16,2
Fortaleza	26,6	24,2	24,0	25,0	30,0	30,9	29,0	21,1	22,4	20,6	-22,4
João Pessoa	37,8	28,1	30,3	29,9	37,1	6,7	21,9	32,1	32,6	28,9	-23,5
Maceió	46,6	49,0	48,6	51,0	44,2	53,0	49,3	43,9	40,9	30,7	-34,1
Natal	38,8	31,6	32,7	25,4	24,9	24,4	20,1	27,3	18,5	22,2	-42,8
Recife	43,6	43,4	39,4	42,5	43,3	52,3	47,8	40,4	38,8	34,5	-20,9
Salvador	2,4	6,3	6,3	7,3	4,0	6,1	11,1	11,1	11,1	11,1	362,2
São Luís	22,7	23,6	20,1	17,6	21,0	18,2	14,3	8,8	11,3	12,6	-44,3
Teresina	24,4	25,4	26,1	24,8	27,9	26,1	20,9	27,4	29,0	31,3	28,3
Nordeste	26,0	27,4	25,6	26,3	26,5	26,7	26,0	23,6	23,7	22,4	-13,9
Belo Horizonte	27,3	25,2	24,9	27,0	32,4	33,5	32,8	32,3	5,6	10,5	-61,5
Rio de Janeiro	23,3	8,5	8,2	6,7	31,3	30,2	28,5	23,0	16,6	17,6	-24,5
São Paulo	25,1	21,3	20,5	20,5	23,8	24,6	21,8	15,6	16,1	7,0	-72,2
Vitória	68,3	69,0	70,5	77,0	75,4	70,0	59,8	51,2	62,3	48,9	-28,4
Sudeste	25,4	18,4	17,9	17,8	27,9	28,1	25,8	20,4	15,7	11,3	-55,3
Curitiba	39,2	45,2	44,3	47,1	37,0	41,7	35,3	28,5	31,3	29,2	-25,6
Florianópolis	46,0	43,5	52,6	55,3	48,7	45,0	39,4	22,2	25,0	27,5	-40,3
Porto Alegre	25,2	14,8	25,2	36,3	44,0	35,1	38,1	26,4	27,9	26,8	6,5
Sul	33,6	31,6	36,7	43,2	41,1	39,2	36,9	27,0	29,3	28,0	-16,6
Brasília	40,1	37,6	38,9	39,7	44,7	40,8	32,9	31,0	29,3	28,4	-29,2
Campo Grande	31,5	37,9	36,3	41,5	37,0	41,3	36,9	35,9	25,3	21,5	-31,6
Cuiabá	14,3	15,8	13,6	13,9	44,0	42,0	33,6	34,7	29,1	35,0	144,5
Goiânia	48,1	45,0	39,5	41,5	52,0	40,4	45,5	40,4	43,2	44,6	-7,4
C.Oeste	37,9	37,1	35,8	37,5	45,4	40,9	36,9	34,6	32,2	32,2	-15,1
Brasil (Capitais)	27,6	24,2	23,6	24,6	30,2	29,9	28,1	23,7	22,1	19,5	-29,2

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

TABELA 4.2.4
Taxa de Óbitos por Acidentes de Transporte
Faixa Etária: 15 a 24 Anos
Local: Capitais e Regiões / Período: 1991 / 2000

UF/ REGIÃO	ANO										%
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	Aumento
Belém	25,2	17,9	18,4	20,4	17,1	28,2	29,4	19,5	10,6	19,4	-23,0
Boa Vista	22,6	46,9	54,5	38,2	45,6	49,8	46,9	49,3	72,4	26,6	17,9
Macapá	44,7	38,9	33,9	42,3	29,8	23,3	49,3	37,8	29,3	30,8	-31,1
Manaus	27,7	25,5	20,5	29,4	31,9	24,1	24,7	24,3	18,7	22,2	-19,7
Palmas	0,0	0,0	9,0	14,2	11,7	0,0	4,2	18,4	39,6	44,8	
Porto Velho	28,5	29,1	50,1	12,1	22,0	39,7	21,4	31,1	30,1	26,3	-7,6
Rio Branco	19,1	31,6	25,7	28,6	33,1	31,3	51,4	20,4	19,8	14,1	-26,3
Norte	26,7	24,6	24,9	25,5	26,0	27,8	30,0	25,0	21,2	22,8	-14,5
Aracaju	27,7	64,5	45,3	47,9	32,6	33,2	23,4	19,0	26,5	36,7	32,4
Fortaleza	20,3	22,6	23,3	25,4	25,0	30,7	26,6	21,0	21,1	20,0	-1,6
João Pessoa	40,2	31,9	32,2	29,7	32,7	5,2	22,8	35,5	34,7	30,9	-23,2
Maceió	32,6	46,4	40,0	39,8	33,7	46,8	50,4	43,4	40,8	30,1	-7,7
Natal	41,7	24,1	32,2	20,4	21,7	24,3	17,2	27,3	14,3	16,6	-60,1
Recife	37,3	32,9	36,1	35,7	44,2	51,2	41,4	43,9	36,8	30,2	-19,1
Salvador	2,0	4,4	5,2	4,2	4,5	5,2	8,8	8,8	8,8	8,8	339,5
São Luís	19,0	19,8	18,3	14,8	17,2	15,5	12,4	8,6	7,3	14,7	-22,5
Teresina	24,1	18,4	19,4	23,2	26,1	29,5	17,6	33,6	29,6	25,9	7,4
Nordeste	22,5	23,7	23,5	22,7	23,3	25,2	23,0	23,6	21,5	20,4	-9,5
Belo Horizonte	28,0	18,9	24,8	27,8	32,7	30,5	39,5	38,9	30,2	22,0	-21,3
Rio de Janeiro	23,2	8,4	9,6	9,2	30,0	29,4	28,2	20,0	17,2	18,2	-21,6
São Paulo	32,6	24,9	23,2	27,2	29,0	29,8	29,2	18,7	19,9	8,8	-73,1
Vitória	60,0	63,1	52,5	74,9	70,1	48,5	63,3	56,1	59,6	56,3	-6,2
Sudeste	29,7	19,9	19,9	22,9	30,4	30,1	30,8	22,3	21,1	14,0	-52,9
Curitiba	36,4	42,6	41,9	52,6	35,6	46,8	37,1	26,7	29,5	27,5	-24,4
Florianópolis	63,0	55,9	60,7	63,5	66,1	57,4	55,2	25,8	31,8	32,9	-47,8
Porto Alegre	36,5	19,8	35,2	48,7	61,3	40,4	45,5	31,0	30,8	30,1	-17,5
Sul	39,0	34,7	41,0	52,1	48,7	45,3	42,2	28,3	30,3	29,1	-25,3
Brasília	39,2	42,6	39,4	36,1	40,5	38,2	31,5	32,1	31,3	29,0	-26,1
Campo Grande	31,6	40,0	24,4	55,4	33,4	52,4	37,1	36,1	32,8	23,0	-27,2
Cuiabá	19,2	16,3	18,2	8,9	51,9	39,9	36,7	42,5	24,0	43,9	128,7
Goiânia	54,5	45,8	46,1	46,7	63,5	49,2	55,3	41,2	55,6	53,3	-2,2
C.Oeste	40,1	40,2	36,7	38,6	46,8	43,3	39,1	36,2	36,9	36,0	-10,2
Brasil (Capitais)	29,3	24,7	24,8	27,0	31,3	31,2	30,4	25,0	23,7	20,3	-30,6

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

Vemos que, quando relativizamos o número de óbitos pela população correspondente, as taxas de mortes juvenis (20,3 em 100.000) são levemente maiores do que as taxas da população total (19,5 em 100.000). Um outro fato é que as quedas nos índices de mortes por acidentes de transporte são bem mais significativas do que quando consideramos só os números absolutos.

TABELA 4.2.5

Ordenamento das Capitais Segundo Óbitos por Acidentes de Transporte
Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos
Período: 1991/2000

UF	População Total		
	Posição em		Taxa
	1991	2000	
Palmas	25°	1°	57,5
Vitória	1°	2°	48,9
Goiânia	2°	3°	44,6
Boa Vista	13°	4°	42,9
Belém	20°	5°	38,5
Aracaju	14°	6°	35,1
Cuiabá	26°	7°	35,0
Recife	5°	8°	34,5
Teresina	21°	9°	31,3
Maceió	3°	10°	30,7
Porto Velho	11°	11°	30,2
Macapá	6°	12°	30,0
Rio Branco	19°	13°	29,2
Curitiba	8°	14°	29,2
João Pessoa	10°	15°	28,9
Brasília	7°	16°	28,4
Florianópolis	4°	17°	27,5
Porto Alegre	17°	18°	26,8
Natal	9°	19°	22,2
Campo Grande	12°	20°	21,5
Fortaleza	16°	21°	20,6
Manaus	22°	22°	19,6
Rio de Janeiro	23°	23°	17,6
São Luís	24°	24°	12,6
Salvador	27°	25°	11,1
Belo Horizonte	15°	26°	10,5
São Paulo	18°	27°	7,0

UF	População 15 a 24 anos		
	Posição em		Taxa
	1991	2000	
Vitória	2°	1°	56,3
Goiânia	3°	2°	53,3
Palmas	27°	3°	44,8
Cuiabá	23°	4°	43,9
Aracaju	16°	5°	36,7
Florianópolis	1°	6°	32,9
João Pessoa	6°	7°	30,9
Macapá	4°	8°	30,8
Recife	8°	9°	30,2
Porto Alegre	9°	10°	30,1
Maceió	11°	11°	30,1
Brasília	7°	12°	29,0
Curitiba	10°	13°	27,5
Boa Vista	21°	14°	26,6
Porto Velho	14°	15°	26,3
Teresina	19°	16°	25,9
Campo Grande	13°	17°	23,0
Manaus	17°	18°	22,2
Belo Horizonte	15°	19°	22,0
Fortaleza	22°	20°	20,0
Belém	18°	21°	19,4
Rio de Janeiro	20°	22°	18,2
Natal	5°	23°	16,6
São Luís	25°	24°	14,7
Rio Branco	24°	25°	14,1
Salvador	26°	26°	8,8
São Paulo	12°	27°	8,8

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

Efetivamente, na década considerada, as taxas da população total passam de 27,6 mortes para 19,5 (em 100.000 habitantes), o que representa uma queda nos índices de 29,2%. Já entre os jovens essa queda foi de 30,6%.

As quedas podem ser observadas em todas as regiões (menos na norte) e na maior parte das UFs.

4.3 AS IDADES

A tabela 4.3.1 e o gráfico 4.3.1 permitem conferir que as mortes por acidente de trânsito, quando é considerada a idade do acidentado, avolumam-se a partir dos 15 anos, têm sua maior expressividade aos 20 anos (794 óbitos no ano 2000), declinando progressivamente a partir dessa idade.

Considerando a população em cada faixa etária, foram estabelecidas as taxas de óbitos por acidentes de transporte correspondentes ao ano 2000 (tabela 4.3.2). Pode ser visualizado que as taxas aumentam drasticamente dos 15 até os 21 anos de idade, quando se estabilizam em torno de 22 a 24 óbitos em 100.000 em todas as faixas etárias. Surpreende, tal como ficou evidenciado nos anteriores Mapas da Violência, o crescimento nas idades mais maduras da população.

GRÁFICO 4.3.1
Número de Óbitos por Acidentes de Transporte por Idade
Brasil – Ano 2000

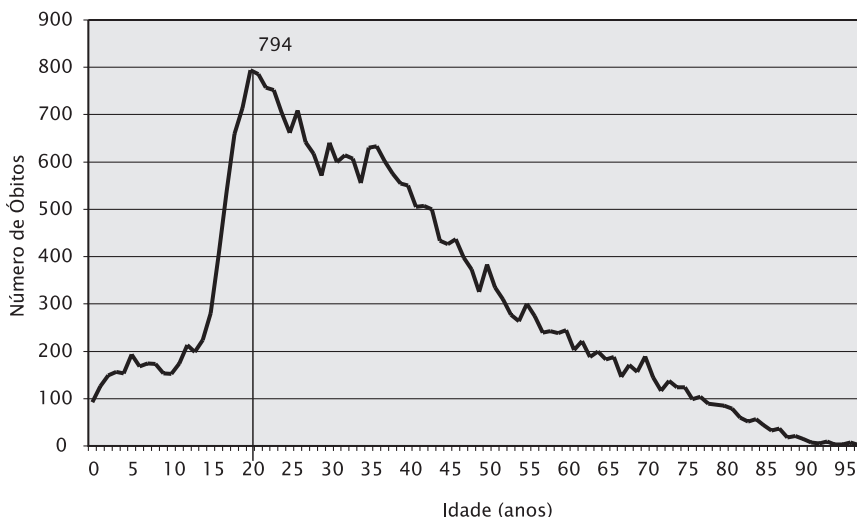


TABELA 4.3.1
Número de Óbitos por Acidente de Transporte
Segundo Idade
Brasil – 2000

Idade (anos)	Número de Óbitos
0	92
1	126
2	149
3	156
4	153
5	193
6	168
7	174
8	173
9	153
10	152
11	174
12	213
13	199
14	224
15	280
16	403
17	537
18	660
19	714
20	794
21	786
22	757
23	752
24	704
25	662

Idade (anos)	Número de Óbitos
26	709
27	642
28	618
29	571
30	641
31	600
32	614
33	607
34	556
35	630
36	633
37	602
38	576
39	555
40	550
41	505
42	507
43	500
44	434
45	426
46	437
47	398
48	373
49	326
50	383
51	335

Idade (anos)	Número de Óbitos
52	310
53	277
54	264
55	300
56	274
57	239
58	243
59	238
60	245
61	203
62	222
63	188
64	200
65	183
66	188
67	146
68	171
69	156
70	189
71	145
72	117
73	138
74	124
75	124
76	99
77	104

Fonte: SIM/DATASUS

TABELA 4.3.2
Taxa de Óbitos por Acidentes de Transporte Segundo Idade
Brasil – Ano 2000

Idade/ Faixa	Taxa de Homicídios
0 a 4 anos	3,2
5 a 9 anos	5,2
10 a 14	5,5
15 anos	7,9
16 anos	11,3
17 anos	15,0
18 anos	18,8
19 anos	20,7
20 anos	23,5
21 anos	23,8
22 anos	23,4
23 anos	24,0
24 anos	23,1
25 a 29 anos	23,1
30 a 34 anos	23,2
35 a 39 anos	24,4
40 a 44 anos	23,7
45 a 49 anos	22,5
50 a 59 anos	22,9
60 a 69 anos	23,2
70 e mais anos	27,6

Fonte: SIM/DATASUS

4.4 ÓBITOS POR ACIDENTES DE TRANSPORTE E SEXO

Também nos óbitos por acidentes de transporte, como no caso dos homicídios, a maior incidência pode ser observada no sexo masculino. Provavelmente devido à maior presença no trânsito de motoristas e/ou ocupantes de veículos do sexo masculino, só 19,3% dos óbitos por acidentes de veículos na população total e 17,7% dos óbitos da população jovem pertencem ao sexo feminino. Comparadas estas taxas com os Mapas anteriores, é possível verificar uma queda na participação do sexo feminino nas mortes por acidentes de transporte. Em 1998, essa participação foi de 20,5% na população total e de 19,6% na população jovem.

TABELA 4.4.1
Óbitos por Acidentes de Transporte Segundo Sexo
Local: UF e Regiões / Ano: 2000

UF/ REGIÃO	População Total					População 15 a 24 anos				
	Número		%	Taxas		Número		%	Taxas	
	Masc.	Fem.		Masc.	Fem.	Masc.	Fem.		Masc.	Fem.
Acre	76	16	17,4	27,0	5,8	11	1	8,3	17,8	1,6
Amazonas	265	78	22,7	18,7	5,6	69	20	22,5	22,1	6,4
Amapá	89	8	8,2	37,2	3,4	22	1	4,3	42,1	1,8
Pará	576	113	16,4	18,4	3,7	134	31	18,8	19,6	4,6
Rondônia	240	69	22,3	33,9	10,3	50	12	19,4	33,6	8,3
Roraima	116	20	14,7	69,9	12,6	22	5	18,5	63,0	14,3
Tocantins	258	83	24,3	43,6	14,7	55	19	25,7	43,5	15,5
Norte	1620	387	19,3	24,8	6,1	363	89	19,7	25,6	6,3
Alagoas	452	108	19,3	32,8	7,5	100	20	16,7	33,2	6,6
Bahia	890	207	18,9	13,8	3,1	208	41	16,5	14,2	2,9
Ceará	1044	221	17,5	28,8	5,8	231	41	15,1	31,0	5,4
Maranhão	360	82	18,6	12,8	2,9	99	16	13,9	15,6	2,6
Paraíba	363	66	15,4	21,7	3,7	90	15	14,3	25,3	4,2
Pernambuco	1140	257	18,4	29,8	6,3	253	54	17,6	30,8	6,5
Piauí	360	87	19,5	25,7	6,0	82	13	13,7	26,4	4,2
Rio Grande do Norte	383	90	19,0	28,2	6,4	82	19	18,8	28,8	6,7
Sergipe	296	55	15,7	33,8	6,0	65	11	14,5	34,2	5,7
Nordeste	5288	1173	18,2	22,6	4,8	1210	230	16,0	23,7	4,5
Espírito Santo	660	175	21,0	43,0	11,2	149	28	15,8	46,7	8,9
Minas Gerais	1924	498	20,6	21,7	5,5	407	104	20,4	22,7	5,9
Rio de Janeiro	2065	551	21,1	29,9	7,4	405	90	18,2	31,2	6,8
São Paulo	4897	1113	18,5	27,0	5,9	1094	233	17,6	30,6	6,5
Sudeste	9546	2337	19,7	26,9	6,3	2055	455	18,1	29,4	6,5
Paraná	2018	470	18,9	42,6	9,7	433	89	17,0	47,3	9,8
Rio Grande do Sul	1497	382	20,3	30,0	7,4	307	71	18,8	33,3	7,9
Santa Catarina	1199	356	22,9	44,9	13,2	307	73	19,2	59,8	14,6
Sul	4714	1208	20,4	38,0	9,5	1047	233	18,2	44,6	10,1
Distrito Federal	470	109	18,8	47,9	10,2	111	22	16,5	50,8	9,1
Goiás	1123	253	18,4	45,1	10,1	273	60	18,0	53,5	11,7
Mato Grosso do Sul	343	70	16,9	33,0	6,7	61	19	23,8	29,4	9,3
Mato Grosso	629	132	17,3	48,9	10,8	155	30	16,2	58,3	11,7
Centro –Oeste	2565	564	18,0	44,2	9,7	600	131	17,9	49,9	10,8
Brasil	23733	5669	19,3	28,4	6,6	5275	1138	17,7	30,9	6,7

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

TABELA 4.4.2
Óbitos por Acidentes de Transporte Segundo Sexo
Local: Capitais e Regiões / Ano: 2000

CAPITAL/ REGIÃO	População Total					População 15 a 24 anos				
	Número		%	Taxas		Número		%	Taxas	
	Masc.	Fem.		Masc.	Fem.	Masc.	Fem.		Masc.	Fem.
Belém	194	41	17,4	31,9	6,1	48	8	14,3	35,0	5,3
Boa Vista	75	11	12,8	74,8	11,0	9	3	25,0	41,2	12,9
Macapá	78	7	8,2	56,0	4,9	19	1	5,0	61,2	3,0
Manaus	221	55	19,9	32,2	7,6	57	15	20,8	36,7	8,9
Palmas	58	21	26,6	84,4	30,6	9	6	40,0	57,5	33,6
Porto Velho	79	21	21,0	47,4	12,5	15	4	21,1	42,0	11,0
Rio Branco	61	13	17,6	49,5	10,0	8	0	0,0	29,6	0,0
Norte	766	169	18,1	40,5	8,4	165	37	18,3	38,9	8,0
Aracaju	138	24	14,8	63,9	9,8	32	6	15,8	65,4	11,0
Fortaleza	358	83	18,8	35,7	7,3	77	13	14,4	36,2	5,5
João Pessoa	152	21	12,1	54,4	6,6	35	4	10,3	58,0	6,1
Maceió	187	58	23,7	49,7	13,8	38	13	25,5	47,0	14,7
Natal	129	28	17,8	38,6	7,4	22	3	12,0	30,4	3,8
Recife	412	79	16,1	62,3	10,4	76	10	11,6	54,8	6,8
Salvador	42	8	16,0	3,7	0,6	12	1	7,7	4,5	0,3
São Luís	89	21	19,1	21,9	4,5	26	5	16,1	27,0	4,4
Teresina	185	39	17,4	55,2	10,3	38	5	11,6	49,1	5,6
Nordeste	1692	361	17,6	35,5	6,7	356	60	14,4	33,8	5,1
Belo Horizonte	386	107	21,7	36,5	9,1	86	14	14,0	39,0	6,0
Rio de Janeiro	801	228	22,2	29,1	7,3	157	29	15,6	31,1	5,6
São Paulo	576	152	20,9	11,6	2,8	147	30	16,9	15,0	2,9
Vitória	109	34	23,8	79,0	22,0	30	4	11,8	103,0	12,8
Sudeste	1872	521	21,8	21,0	5,3	420	77	15,5	24,2	4,2
Curitiba	353	108	23,4	46,4	13,1	71	15	17,4	46,0	9,5
Florianópolis	65	29	30,9	39,2	16,4	16	7	30,4	46,0	19,9
Porto Alegre	291	74	20,3	45,8	10,2	65	10	13,3	52,6	8,0
Sul	709	211	22,9	45,4	12,2	152	32	17,4	48,6	10,0
Brasília	470	109	18,8	47,9	10,2	111	22	16,5	50,8	9,1
Campo Grande	118	25	17,5	36,6	7,3	26	5	16,1	39,2	7,3
Cuiabá	139	30	17,8	59,0	12,1	40	7	14,9	76,8	12,7
Goiânia	411	75	15,4	78,9	13,1	109	19	14,8	94,4	15,2
C.Oeste	1138	239	17,4	55,2	10,7	286	53	15,6	63,2	10,8
Brasil (Capitais)	6177	1501	19,5	32,2	7,1	1379	259	15,8	34,7	6,1

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

Nas capitais dos estados, essa proporção praticamente se repete, com um índice levemente menor de participação feminina para a faixa jovem.

4.5 SAZONALIDADE DOS ÓBITOS POR ACIDENTES DE TRANSPORTE

Com a finalidade de verificar em que medida os óbitos por acidentes de transporte, homicídios apresentam flutuações temporais, foram discriminados segundo a data do óbito (único dado que apresenta o registro e, conseqüentemente, o SIM). Tem que ser ressaltado que esse é só um *praxi* de sazonalidade dos incidentes, dado que a data de óbito nem sempre, nem necessariamente, coincide com a data do fato que originou os traumatismos que levaram à morte.

A tabela 4.5.1 e o Gráfico de mesmo número permitem verificar que as diferenças entre os meses do ano e entre a população total e os jovens são baixas. Pode-se observar que, considerando os meses do ano, não se detectam padrões muito definidos, salvo o aumento dos óbitos no mês de dezembro.

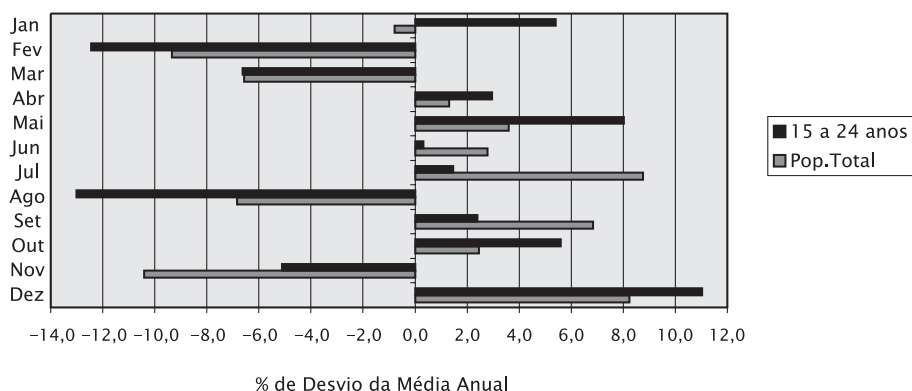
TABELA 4.5.1

Distribuição Mensal dos Óbitos por Acidentes de Transporte
Local: Brasil / Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos / Ano: 2000

Mês	População Total		15 a 24 Anos	
	Número de Homicídios	Dif. % da Média	Número de Homicídios	Dif. % da Média
Janeiro	2.422	-0,8	561	5,4
Fevereiro	2.213	-9,3	466	-12,4
Março	2.281	-6,6	497	-6,6
Abril	2.473	1,3	548	3,0
Maio	2.529	3,6	575	8,0
Junho	2.509	2,8	534	0,3
Julho	2.655	8,8	540	1,5
Agosto	2.274	-6,8	463	-13,0
Setembro	2.608	6,8	545	2,4
Outubro	2.501	2,5	562	5,6
Novembro	2.187	-10,4	505	-5,1
Dezembro	2.642	8,2	591	11,0
Total	29.294		6.387	

Fonte: SIM/DATASUS

GRÁFICO 4.5.1
Óbitos por Acidentes de Transporte
Desvio Mensal (%) da Média / Brasil – Ano 2000



Entretanto, quando consideramos os óbitos por acidentes de transporte segundo o dia da semana (tabela 4.5.2 e gráfico 4.5.2), vemos que as diferenças se avolumam, marcando verdadeiros ciclos de mortalidade.

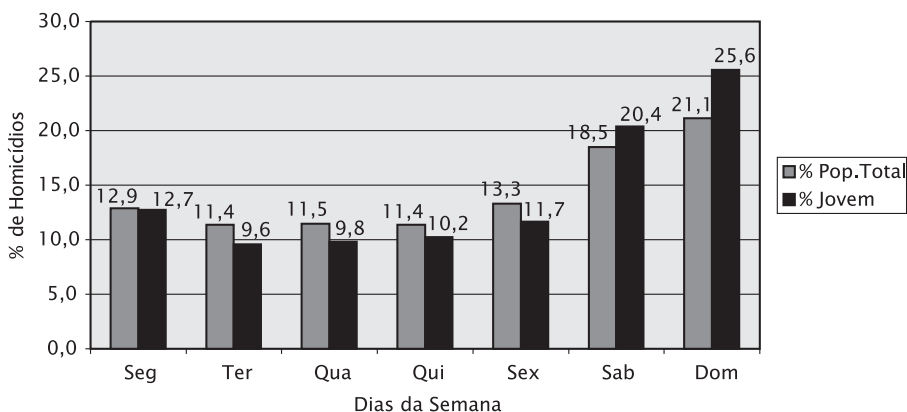
TABELA 4.5.2
Óbitos por Acidentes de Transporte nos Dias da Semana
Local. Brasil / Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos / Ano: 2000

Dia da Semana	População Total		15 a 24 Anos	
	Número de Homicídios	% Homicídios	Número de Homicídios	% Homicídios
Segunda	3.772	12,9	813	12,7
Terça	3.329	11,4	611	9,6
Quarta	3.364	11,5	628	9,8
Quinta	3.332	11,4	653	10,2
Sexta	3.892	13,3	745	11,7
Sábado	5.420	18,5	1.303	20,4
Domingo	6.185	21,1	1.634	25,6
Total	29.294	100,0	6.387	100,0
Média dias úteis	3.538		690	
Média fim de semana	5.803		1.469	
Diferença	64,0%		112,8%	

Fonte: SIM/DATASUS

Se para a população total nos fins de semana cresce drasticamente a proporção de óbitos (64%), entre os jovens, durante os finais de semana, mais que duplica o número médio de óbitos (112,8%). Só nos domingos, entre os jovens, são registrados 25,6% do total de mortes por acidentes de transporte. E estas taxas vem crescendo ao longo do tempo: para 1998 essa percentagem dos domingos era de 24,0%.

GRÁFICO 4.5.2
Óbitos por Acidentes de Transporte no Dias da Semana
Brasil – Ano 2000



4.6 COMPARAÇÕES INTERNACIONAIS

Pela tabela 4.6, é possível observar que, entre os 60 países considerados no presente estudo, o Brasil ocupa a 12ª posição quanto a taxas da população total e a 29ª posição quando as taxas referem-se à população jovem. Essa diferença de posição é explicada no item a seguir, ao tratar de vitimização juvenil no Brasil e no mundo.

TABELA 4.6

Ordenamento de Países Segundo Taxa de Óbitos por Acidentes de Transporte

Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos

Local: Diversos Países / Anos: Último Ano Disponível

TOTAL				15 A 24 ANOS			
País	Ano	Posi- ção	Taxa	País	Ano	Posi- ção	Taxa
Coréia	97	1º	33,2	Letônia	99	1º	40,3
Letônia	99	2º	30,3	Ilhas Cayman	97	2º	36,4
Lituânia	99	3º	24,4	Kuwait	99	3º	35,3
Fed. Russa	98	4º	23,1	Grécia	98	4º	32,8
Grécia	98	5º	22,4	Lituânia	99	5º	32,4
Bielorrússia	99	6º	21,0	Coréia	97	6º	30,2
Colômbia	98	7º	20,7	Nova Zelândia	98	7º	28,9
Cuba	97	8º	19,4	Fed. Russa	98	8º	28,5
Estônia	99	9º	19,3	Estados Unidos	98	9º	27,8
Polônia	96	10º	19,2	Áustria	99	10º	26,5
Kuwait	99	11º	18,0	França	98	11º	26,4
Brasil	99	12º	18,0	Bahamas	97	12º	26,0
Eslovênia	99	13º	17,9	Estônia	99	13º	25,7
Bahamas	97	14º	17,6	Eslovênia	99	14º	24,7
Portugal	99	15º	17,4	Espanha	98	15º	24,0
Maurício	96	16º	17,2	Bielorrússia	99	16º	23,7
Estados Unidos	98	17º	16,9	Portugal	99	17º	23,6
México	97	18º	16,8	Polônia	96	18º	22,9
Equador	96	19º	16,6	Alemanha	99	19º	22,5
Rep Eslovaca	99	20º	16,4	Itália	97	20º	22,2
Espanha	98	21º	16,4	Colômbia	98	21º	22,1
Hungria	99	22º	16,1	Croácia	99	22º	21,3
Porto Rico	98	23º	15,9	Irlanda	97	23º	21,0
Romênia	99	24º	15,7	Porto Rico	98	24º	20,7
Nova Zelândia	98	25º	15,6	Canadá	97	25º	20,6
Rep.Checa	99	26º	15,2	Luxemburgo	99	26º	20,5
Croácia	99	27º	15,0	Rep.Checa	99	27º	20,2
França	98	28º	14,4	Irlanda do Norte	99	28º	20,0
Itália	97	29º	14,0	Brasil	99	29º	19,9
Ucrânia	99	30º	13,4	Austrália	98	30º	19,7
Luxemburgo	99	31º	13,2	Dinamarca	96	31º	19,1
Moldávia	99	32º	13,1	Islândia	96	32º	19,0
Bulgária	99	33º	12,9	Cuba	97	33º	18,6
Áustria	99	34º	12,6	Rep Eslovaca	99	34º	17,8
Irlanda	97	35º	12,3	México	97	35º	17,1
Argentina	96	36º	11,8	Ucrânia	99	36º	15,9

TABELA 4.6 (Continuação)

TOTAL				15 A 24 ANOS			
País	Ano	Posição	Taxa	País	Ano	Posição	Taxa
Japão	97	37°	11,2	Equador	96	37°	15,5
Canadá	97	38°	11,0	Maurício	96	38°	15,3
Finlândia	98	39°	10,7	Hungria	99	39°	15,2
Austrália	98	40°	10,7	Argentina	96	40°	14,8
Dinamarca	96	41°	10,5	Japão	97	41°	14,5
Alemanha	99	42°	9,7	Noruega	97	42°	14,2
Ilhas Cayman	97	43°	9,4	Finlândia	98	43°	13,7
Israel	97	44°	9,1	Escócia	99	44°	13,6
Noruega	97	45°	9,0	Israel	97	45°	13,5
Albânia	98	46°	8,3	Bulgária	99	46°	13,1
Uzbequistão	98	47°	8,3	Romênia	99	47°	13,1
Irlanda do Norte	99	48°	8,0	Holanda	99	48°	12,9
Macedônia	97	49°	7,5	Moldávia	99	49°	11,7
Holanda	99	50°	7,3	Reino Unido	99	50°	11,2
Escócia	99	51°	6,7	Singapura	99	51°	9,6
Suécia	96	52°	6,5	Suécia	96	52°	9,5
Islândia	96	53°	6,3	Albânia	98	53°	7,3
Reino Unido	99	54°	6,1	Macedônia	97	54°	6,7
Singapura	99	55°	5,0	Uzbequistão	98	55°	6,0
Armênia	99	56°	4,7	Hong Kong	96	56°	4,4
Azerbaijão	99	57°	4,2	Malta	99	57°	3,5
Hong Kong	96	58°	4,0	Azerbaijão	99	58°	2,7
Malta	99	59°	3,7	Armênia	99	59°	1,6
Granada	96	60°	1,1	Granada	96	60°	0,0

Fonte: OMS/WHOSIS/WMD. Brasil: SIM/DATASUS, IBGE. Colômbia: DANE

4.7 VITIMIZAÇÃO JUVENIL POR ACIDENTES DE TRANSPORTE

Existe uma imagem difundida, reforçada por diversos casos apresentados na mídia, que as novas formas de violência juvenil se manifestariam também no trânsito, na forma de “pegas”, de adolescentes ou jovens “irresponsáveis” que usam os carros dos pais sem habilitação ou

condições, etc. Este tema aflorou também nas discussões da nova Lei de Trânsito, quando tratada a idade mínima para se obter Carteira de Habilitação. Se essa facilidade dos jovens de matar ou morrer no trânsito fosse real, ou generalizada no país, deveríamos ter elevadas taxas de vitimização juvenil. Mas os dados, tanto nacionais quanto internacionais, não parecem indicar isso.

Como foi esclarecido no capítulo anterior, a taxa de vitimização juvenil relaciona os índices na população total (neste caso, a taxa de óbitos por acidentes de transporte) e os índices na população de 15 a 24 anos. Desta forma, se a taxa de vitimização é positiva e alta, podemos inferir que as camadas jovens da população são severamente atingidas nos acidentes de transporte. Se as taxas de vitimização se encontram perto do valor zero, o fenômeno afeta por igual a faixa jovem e o restante da população. Se o valor é negativo e relevante, o fenômeno afeta bem mais o resto da população do que as camadas jovens.

As tabelas 4.8.1 e 4.8.2 permitem verificar a situação da vitimização de jovens nas UFs e nas Capitais dos Estados. Pelos dados contidos nestas tabelas, é possível constatar que:

- a) contrariamente ao que foi detectado no caso dos homicídios, nos óbitos por acidentes de transporte praticamente inexistem um quadro sério de vitimização juvenil. Efetivamente, as taxas de vitimização de 8,6% para as UFs e de 4,1% para as capitais são extremamente baixas, colocando a vitimização juvenil num patamar bem próximo da população geral.
- b) Também não é um fenômeno típico das grandes urbes. As taxas das UFs encontram-se quase duplicadas às das capitais.
- c) Se o quadro geral do país aponta para a inexistência de diferenças, as taxas de vitimização apresentam uma elevada variabilidade entre as regiões e as UFs do país, o que indica a presença de problemas focalizados em algumas regiões ou estados.
- d) As regiões centro-oeste (12%) e sul (16,3%) apresentam taxas relativamente elevadas, devido, fundamentalmente às elevadas taxas de vitimização de Mato Grosso e Goiás e dos três estados do sul no segundo.
- e) Entre as capitais destacam-se, pelos seus elevados índices, São Paulo e Cuiabá.

TABELA 4.7.1
Vitimização Juvenil por Acidentes de Transporte
Local: UF e Regiões / Ano: 2000

UF/ REGIÃO	Taxas de Óbitos		Taxa de Vitimização
	Pop. Total	Pop. 15 a 24	
Acre	16,5	9,7	-41,1
Amazonas	12,2	14,2	16,8
Amapá	20,1	21,5	7,0
Pará	11,1	12,0	8,0
Rondônia	22,4	20,9	-6,7
Roraima	41,9	38,6	-8,0
Tocantins	29,1	29,7	2,0
Norte	15,5	15,9	2,5
Alagoas	20,2	19,8	-2,0
Bahia	8,8	9,0	2,9
Ceará	17,0	17,8	4,7
Maranhão	7,9	9,4	19,1
Paraíba	12,1	14,2	17,4
Pernambuco	17,8	19,1	7,3
Piauí	15,6	15,3	-1,9
Rio Grande do N.	17,2	17,9	4,1
Sergipe	19,6	20,4	4,4
Nordeste	13,6	14,3	4,7
Espírito Santo	27,0	27,9	3,4
Minas Gerais	14,2	15,0	5,5
Rio de Janeiro	18,2	18,9	4,0
São Paulo	16,2	18,4	13,9
Sudeste	16,5	18,1	9,2
Paraná	26,4	29,1	10,3
Rio Grande do Sul	18,5	20,7	12,3
Santa Catarina	28,9	37,1	28,4
Sul	23,7	27,6	16,3
Distrito Federal	29,6	29,8	0,8
Goiás	28,1	33,1	17,8
Mato Grosso do Sul	19,9	19,6	-1,2
Mato Grosso	29,9	34,8	16,4
Centro –Oeste	27,3	30,5	12,0
Brasil	17,4	18,9	8,6

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

TABELA 4.7.2
Vitimização Juvenil por Acidentes de Transporte
Local: Capitais e Regiões / Ano: 2000

CAPITAL/ REGIÃO	Taxas de Óbitos		Taxa de Vitimização
	Pop. Total	Pop. 15 a 24	
Belém	38,5	19,4	-49,6
Boa Vista	42,9	26,6	-37,9
Macapá	30,0	30,8	2,7
Manaus	19,6	22,2	13,3
Palmas	57,5	44,8	-22,2
Porto Velho	30,2	26,3	-12,7
Rio Branco	29,2	14,1	-51,9
Norte	30,7	22,8	-25,5
Aracaju	35,1	36,7	4,5
Fortaleza	20,6	20,0	-3,3
João Pessoa	28,9	30,9	6,7
Maceió	30,7	30,1	-2,0
Natal	22,2	16,6	-25,0
Recife	34,5	30,2	-12,6
Salvador	11,1	8,8	-20,8
São Luís	12,6	14,7	16,5
Teresina	31,3	25,9	-17,4
Nordeste	22,4	20,4	-9,1
Belo Horizonte	10,5	22,0	109,9
Rio de Janeiro	17,6	18,2	3,4
São Paulo	7,0	8,8	25,9
Vitória	48,9	56,3	15,0
Sudeste	11,3	14,0	23,3
Curitiba	29,2	27,5	-5,6
Florianópolis	27,5	32,9	19,7
Porto Alegre	26,8	30,1	12,3
Sul	28,0	29,1	4,0
Brasília	28,4	29,0	2,1
Campo Grande	21,5	23,0	6,8
Cuiabá	35,0	43,9	25,6
Goiânia	44,6	53,3	19,6
C.Oeste	32,2	36,0	11,9
Brasil (Capitais)	19,5	20,3	4,1

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

Uma revisão das taxas internacionais (tabela 4.8.3) parece corroborar nossas afirmações sobre os baixos níveis de vitimização juvenil no Brasil no tocante a acidentes de transporte.. Olhando as elevadas taxas de vitimização de países desenvolvidos, como Alemanha (131,4%), Canadá (88,1%), França (83,5%) ou o Reino Unido (83,4%), podemos perceber que nossas taxas de

TABELA 4.7.3
Ordenamento de Países Segundo Taxa de Vitimização por
Acidentes de Transporte
Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos
Local: Diversos Países / Anos: Último Ano Disponível

País	Ano	Taxas de Óbito		Taxa	Posi-
		Pop.Tot	15 a 24	Vitim.	ção
Ilhas Cayman	97	9,4	36,4	286,7	1º
Islândia	96	6,3	19,0	199,9	2º
Irlanda do Norte	99	8,0	20,0	148,2	3º
Alemanha	99	9,7	22,5	131,4	4º
Áustria	99	12,6	26,5	109,9	5º
Escócia	99	6,7	13,6	102,1	6º
Kuwait	99	18,0	35,3	95,7	7º
Singapura	99	5,0	9,6	93,2	8º
Canadá	97	11,0	20,6	88,1	9º
Austrália	98	10,7	19,7	85,2	10º
Nova Zelândia	98	15,6	28,9	85,1	11º
França	98	14,4	26,4	83,5	12º
Reino Unido	99	6,1	11,2	83,4	13º
Dinamarca	96	10,5	19,1	81,5	14º
Holanda	99	7,3	12,9	77,1	15º
Irlanda	97	12,3	21,0	70,9	16º
Estados Unidos	98	16,9	27,8	64,0	17º
Itália	97	14,0	22,2	58,7	18º
Noruega	97	9,0	14,2	58,2	19º
Luxemburgo	99	13,2	20,5	55,8	20º
Bahamas	97	17,6	26,0	47,8	21º
Israel	97	9,1	13,5	47,6	22º
Grécia	98	22,4	32,8	46,6	23º
Espanha	98	16,4	24,0	46,1	24º
Suécia	96	6,5	9,5	46,0	25º
Croácia	99	15,0	21,3	42,1	26º
Eslovênia	99	17,9	24,7	38,0	27º
Portugal	99	17,4	23,6	36,2	28º
Estônia	99	19,3	25,7	33,5	29º
Letônia	99	30,3	40,3	33,1	30º

País	Ano	Taxas de Óbito		Taxa	Posi-
		Pop.Tot	15 a 24	Vitim.	ção
Lituânia	99	24,4	32,4	32,9	31º
Rep.Checa	99	15,2	20,2	32,4	32º
Porto Rico	98	15,9	20,7	30,0	33º
Japão	97	11,2	14,5	29,4	34º
Finlândia	98	10,7	13,7	27,9	35º
Argentina	96	11,8	14,8	25,6	36º
Fed. Russa	98	23,1	28,5	23,2	37º
Polônia	96	19,2	22,9	19,0	38º
Ucrânia	99	13,4	15,9	18,0	39º
Bielorrússia	99	21,0	23,7	12,9	40º
Brasil	99	18,0	19,9	10,6	41º
Hong Kong	96	4,0	4,4	9,8	42º
Rep Eslovaca	99	16,4	17,8	8,4	43º
Colômbia	95	20,0	20,7	3,5	44º
Bulgária	99	12,9	13,1	2,2	45º
México	97	16,8	17,1	1,5	46º
Cuba	97	19,4	18,6	-3,8	47º
Hungria	99	16,1	15,2	-5,3	48º
Malta	99	3,7	3,5	-5,9	49º
Equador	96	16,6	15,5	-7,2	50º
Coréia	97	33,2	30,2	-8,9	51º
Macedônia	97	7,5	6,7	-10,3	52º
Moldávia	99	13,1	11,7	-10,6	53º
Maurício	96	17,2	15,3	-11,2	54º
Albânia	98	8,3	7,3	-11,4	55º
Romênia	99	15,7	13,1	-16,9	56º
Uzbequistão	98	8,3	6,0	-27,5	57º
Azerbaijão	99	4,2	2,7	-36,7	58º
Armênia	99	4,7	1,6	-64,9	59º
Granada	96	1,1	0,0		60º

Fonte: OMS/WHOSIS/WMD. Brasil: SIM/DATASUS,IBGE. Colômbia: DANE

vitimização juvenil (10,6% no ano de 1999, e que ainda baixou para 8,6% no ano 2000) são relativamente baixas, quando comparadas às de outros países do mundo, o que nos coloca , neste campo, na posição 41 entre os 60 países aqui analisados.

5.1 EVOLUÇÃO DOS SUICÍDIOS NO PAÍS

Entre os anos 1991 e 2000, os suicídios no país passam de 5.169 para 6.762, o que representa um aumento de 30,8%, bem superior ao aumento, no mesmo período, dos óbitos por acidentes de transporte (4,4%), mas ainda abaixo do aumento dos homicídios (50,6%). Em várias Unidades Federadas, como Amazonas, Pará, Ceará, Piauí, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, esse aumento foi significativamente maior, mais que duplicando o número total de suicídios (tabela 5.1.1).

Mas, entre os jovens, esse aumento foi levemente menor: 28,5%, passando de 1073 para 1379 suicídios entre 1991 e 2000, com extremos relevantes em várias UF's: Acre, Amapá Roraima, Tocantins, Ceará, Piauí, Rio de Janeiro, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, onde o número de suicídios de jovens mais que duplicou nesse período (tabela 5.1.2).

Relativizando os dados segundo as magnitudes de população, temos que a taxa do país, para o ano 2000, foi de 4,0 suicídios em 100.000 habitantes, patamar no qual, com algumas oscilações, vem se mantendo desde 1994. Vemos, pela tabela 5.1.3, que a maior concentração de suicídios pode ser encontrada nos estados da região Sul, especialmente, no Rio Grande do Sul. Mas algumas outras UF's, fora desta região, também apresentam taxas acima de 6 suicídios por 100.000 habitantes, como Roraima, Goiás e Mato Grosso do Sul.

Entre os jovens, as taxas de suicídios são bem semelhantes às da população total, apresentando, no ano 2000, idêntica taxa: 4,0 suicídios em 100.000 jovens. São os mesmos estados, além do Mato Grosso, Acre e Amapá, que se destacam por suas elevadas taxas de suicídios entre sua população jovem (tabela 5.1.4).

TABELA 5.1.1
Número de Óbitos por Suicídio
Faixa Etária: População Total
Local: UF e Regiões / Período: 1991 / 2000

UF/ Região	ANO										% Aumento
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	
Acre	16	9	19	13	9	10	13	16	7	27	68,8
Amazonas	33	40	45	48	63	70	79	80	54	77	133,3
Amapá	10	10	11	9	13	22	13	13	11	16	60,0
Pará	111	115	106	88	110	158	132	181	96	117	5,4
Rondônia	45	48	50	59	42	36	40	64	61	62	37,8
Roraima	18	8	12	11	16	19	16	20	27	22	22,2
Tocantins	12	17	14	14	16	21	16	32	33	36	200,0
NORTE	245	247	257	242	269	336	309	406	289	357	45,7
Alagoas	40	52	58	97	55	54	43	76	67	72	80,0
Bahia	98	114	139	171	158	177	207	145	154	183	86,7
Ceará	132	129	170	138	182	261	217	266	304	272	106,1
Maranhão	47	33	41	30	43	52	45	67	65	67	42,6
Paraíba	70	48	48	74	84	38	62	50	58	36	-48,6
Pernambuco	218	191	240	248	309	289	314	275	267	269	23,4
Piauí	27	31	51	42	58	48	55	69	51	75	177,8
Rio Grande do N.	72	47	65	80	83	82	82	67	86	86	19,4
Sergipe	42	78	34	40	41	45	40	34	38	49	16,7
NORDESTE	746	723	846	920	1.013	1.046	1.065	1.049	1.090	1.109	48,7
Espírito Santo	103	81	97	90	101	111	116	124	95	107	3,9
Minas Gerais	488	545	515	592	592	594	630	590	503	568	16,4
Rio de Janeiro	204	179	254	244	324	380	381	379	316	401	96,6
São Paulo	1.386	1.455	1.590	1.667	1.763	1.736	1.807	1.752	1.549	1.422	2,6
SUDESTE	2.181	2.260	2.456	2.593	2.780	2.821	2.934	2.845	2.463	2.498	14,5
Paraná	468	478	454	503	564	616	609	663	594	585	25,0
Rio Grande do S.	788	819	746	833	952	947	989	1.083	1.092	1.017	29,1
Santa Catarina	338	312	306	334	377	378	410	403	387	431	27,5
SUL	1.594	1.609	1.506	1.670	1.893	1.941	2.008	2.149	2.073	2.033	27,5
Distrito Federal	111	89	105	114	122	128	130	98	84	90	-18,9
Goiás	173	188	195	219	272	222	248	193	262	322	86,1
Mato Grosso do S.	69	90	126	118	134	123	127	112	145	170	146,4
Mato Grosso	50	59	62	56	111	125	102	133	124	141	182,0
CENTRO OESTE	403	426	488	507	639	598	607	536	615	723	79,4
BRASIL	5.169	5.265	5.553	5.932	6.594	6.742	6.923	6.985	6.530	6.720	30,0

Fonte: SIM/DATASUS

TABELA 5.1.2
Número de Óbitos por Suicídios
Faixa Etária: 15 a 24 Anos
Local: UF e Regiões / Período: 1991/2000

UF/ REGIÃO	ANO										%
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	Aumento
Acre	6	3	6	6	4	3	4	3	3	12	100,0
Amazonas	15	14	22	24	22	32	38	37	17	28	86,7
Amapá	5	3	4	3	6	11	4	3	7	10	100,0
Pará	36	41	33	29	36	50	47	69	35	41	13,9
Rondônia	12	13	13	20	10	11	10	22	17	16	33,3
Roraima	3	3	5	4	8	4	6	8	15	7	133,3
Tocantins	2	2	1	6	4	6	6	10	8	15	650,0
NORTE	79	79	84	92	90	117	115	152	102	129	63,3
Alagoas	13	21	16	24	17	13	13	18	20	14	7,7
Bahia	28	23	30	36	35	33	36	34	35	36	28,6
Ceará	34	24	50	34	40	67	37	61	67	69	102,9
Maranhão	11	10	8	10	12	12	13	12	20	21	90,9
Paraíba	19	10	4	20	20	3	13	12	16	8	-57,9
Pernambuco	44	34	47	55	70	52	84	57	65	57	29,5
Piauí	3	5	17	12	16	19	11	15	8	16	433,3
Rio Grande do N.	13	7	12	14	15	12	16	11	18	15	15,4
Sergipe	10	20	11	10	11	12	5	9	11	16	60,0
NORDESTE	175	154	195	215	236	223	228	229	260	252	44,0
Espírito Santo	22	19	19	18	22	28	25	27	20	11	-50,0
Minas Gerais	104	121	107	130	128	131	143	129	126	113	8,7
Rio de Janeiro	23	29	38	50	52	48	63	45	56	53	130,4
São Paulo	288	310	397	366	376	397	380	367	310	257	-10,8
SUDESTE	437	479	561	564	578	604	611	568	512	434	-0,7
Paraná	112	112	120	138	130	162	143	148	133	137	22,3
Rio Grande do S.	119	123	106	141	144	167	147	165	168	155	30,3
Santa Catarina	50	47	50	67	72	71	52	61	57	66	32,0
SUL	281	282	276	346	346	400	342	374	358	358	27,4
Distrito Federal	27	32	31	31	48	42	41	30	25	24	-11,1
Goiás	45	43	51	57	70	60	48	45	54	75	66,7
Mato Grosso do S.	20	26	43	37	44	31	25	29	43	57	185,0
Mato Grosso	9	10	11	19	22	34	21	27	30	42	366,7
CENTRO OESTE	101	111	136	144	184	167	135	131	152	198	96,0
BRASIL	1.073	1.105	1.252	1.361	1.434	1.511	1.431	1.454	1.384	1371	27,8

Fonte: SIM/DATASUS

TABELA 5.1.3
Taxa de Óbitos por Suicídios
Faixa Etária: População Total
Local: UF e Regiões / Período: 1991 / 2000

UF/ REGIÃO	ANO									
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Acre	3,9	2,1	4,3	2,9	1,9	2,0	2,5	3,0	1,3	4,8
Amazonas	1,6	1,9	2,0	2,1	2,7	2,8	3,1	3,0	2,0	2,7
Amapá	3,5	3,3	3,4	2,6	3,6	5,6	3,1	3,0	2,4	3,4
Pará	2,3	2,3	2,1	1,7	2,0	2,8	2,3	3,1	1,6	1,9
Rondônia	4,0	4,2	4,3	5,0	3,5	2,8	3,1	4,8	4,5	4,5
Roraima	8,4	3,6	5,3	4,7	6,7	6,9	5,5	6,7	8,6	6,8
Tocantins	1,3	1,8	1,4	1,4	1,6	2,0	1,5	2,9	2,9	3,1
Norte	2,5	2,4	2,5	2,3	2,4	2,9	2,6	3,3	2,3	2,8
Alagoas	1,6	2,1	2,3	3,8	2,1	2,0	1,6	2,8	2,4	2,6
Bahia	0,8	1,0	1,1	1,4	1,3	1,4	1,6	1,1	1,2	1,4
Ceará	2,1	2,0	2,6	2,1	2,7	3,8	3,1	3,7	4,2	3,7
Maranhão	1,0	0,7	0,8	0,6	0,8	1,0	0,8	1,2	1,2	1,2
Paraíba	2,2	1,5	1,5	2,3	2,6	1,1	1,8	1,5	1,7	1,0
Pernambuco	3,1	2,6	3,3	3,3	4,1	3,8	4,1	3,6	3,4	3,4
Piauí	1,0	1,2	2,0	1,6	2,2	1,8	2,0	2,5	1,8	2,6
Rio Grande do N.	3,0	1,9	2,6	3,2	3,3	3,1	3,1	2,5	3,1	3,1
Sergipe	2,8	5,2	2,2	2,6	2,6	2,7	2,4	2,0	2,2	2,7
Nordeste	1,8	1,7	2,0	2,1	2,3	2,3	2,3	2,3	2,3	2,3
Espírito Santo	4,0	3,1	3,6	3,3	3,7	3,9	4,0	4,2	3,1	3,5
Minas Gerais	3,1	3,4	3,2	3,6	3,6	3,5	3,7	3,4	2,8	3,2
Rio de Janeiro	1,6	1,4	2,0	1,9	2,4	2,8	2,7	2,7	2,2	2,8
São Paulo	4,4	4,6	4,9	5,1	5,3	5,0	5,1	4,9	4,3	3,8
Sudeste	3,5	3,6	3,8	4,0	4,2	4,1	4,2	4,0	3,5	3,4
Paraná	5,6	5,6	5,3	5,7	6,4	6,8	6,6	7,1	6,3	6,1
Rio Grande do S.	8,6	8,9	8,0	8,9	10,0	9,7	10,1	10,9	10,8	10,0
Santa Catarina	7,5	6,8	6,6	7,1	7,9	7,6	8,1	7,8	7,3	8,0
Sul	7,2	7,2	6,7	7,3	8,2	8,2	8,3	8,8	8,4	8,1
Distrito Federal	7,0	5,4	6,2	6,6	6,9	6,9	6,8	5,0	4,2	4,4
Goiás	4,3	4,6	4,6	5,1	6,2	4,9	5,3	4,0	5,4	6,4
Mato Grosso do S.	3,9	5,0	6,9	6,3	7,1	6,3	6,4	5,6	7,1	8,2
Mato Grosso	2,5	2,9	3,0	2,6	5,1	5,5	4,3	5,5	5,1	5,6
Centro -Oeste	4,3	4,4	5,0	5,1	6,2	5,6	5,6	4,8	5,4	6,2
Brasil	3,5	3,5	3,7	3,9	4,3	4,2	4,3	4,2	3,9	4,0

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

TABELA 5.1.4
Taxa de Óbitos por Suicídios
Faixa Etária: 15 a 24 Anos
Local: UF e Regiões / Período: 1991/2000

UF/ REGIÃO	ANO									
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Acre	7,1	3,4	6,5	6,2	4,0	2,8	3,6	2,6	2,5	9,7
Amazonas	3,5	3,1	4,7	4,9	4,4	5,9	6,8	6,3	2,8	4,5
Amapá	8,4	4,7	5,8	4,0	7,6	12,8	4,4	3,1	6,9	9,4
Pará	3,6	3,9	3,1	2,6	3,1	4,1	3,8	5,4	2,7	3,0
Rondônia	5,1	5,4	5,3	8,0	3,9	4,1	3,6	7,8	5,9	5,4
Roraima	6,7	6,5	10,6	8,2	16,0	6,8	9,7	12,4	22,3	10,0
Tocantins	1,1	1,0	0,5	2,9	1,9	2,7	2,6	4,3	3,3	6,0
Norte	3,8	3,7	3,8	4,0	3,8	4,7	4,5	5,7	3,7	4,6
Alagoas	2,5	4,0	3,0	4,4	3,1	2,3	2,2	3,1	3,3	2,3
Bahia	1,2	0,9	1,2	1,4	1,3	1,2	1,3	1,2	1,2	1,2
Ceará	2,7	1,9	3,9	2,6	3,0	4,8	2,6	4,2	4,5	4,6
Maranhão	1,2	1,0	0,8	1,0	1,1	1,1	1,1	1,0	1,6	1,7
Paraíba	3,0	1,6	0,6	3,0	3,0	0,4	1,9	1,7	2,3	1,1
Pernambuco	3,0	2,3	3,1	3,6	4,6	3,3	5,3	3,5	4,0	3,5
Piauí	0,6	0,9	3,2	2,2	2,9	3,3	1,9	2,5	1,3	2,6
Rio Grande do N.	2,7	1,4	2,4	2,8	3,0	2,3	3,0	2,0	3,2	2,6
Sergipe	3,2	6,3	3,4	3,0	3,3	3,4	1,4	2,5	2,9	4,2
Nordeste	2,0	1,8	2,2	2,4	2,6	2,4	2,4	2,3	2,6	2,5
Espírito Santo	4,3	3,7	3,6	3,3	4,0	4,8	4,2	4,4	3,2	1,7
Minas Gerais	3,4	3,9	3,4	4,1	4,0	3,9	4,2	3,7	3,6	3,2
Rio de Janeiro	1,0	1,2	1,6	2,1	2,2	1,9	2,5	1,8	2,2	2,0
São Paulo	4,9	5,1	6,5	5,8	5,9	6,0	5,6	5,3	4,4	3,6
Sudeste	3,7	4,0	4,6	4,6	4,6	4,6	4,6	4,2	3,7	3,1
Paraná	6,6	6,6	7,0	8,0	7,5	9,2	8,0	8,3	7,4	7,5
Rio Grande do S.	7,5	7,6	6,5	8,6	8,7	9,7	8,4	9,3	9,3	8,5
Santa Catarina	5,7	5,3	5,6	7,4	7,9	7,4	5,4	6,2	5,7	6,5
Sul	6,7	6,7	6,5	8,1	8,1	9,0	7,6	8,2	7,8	7,7
Distrito Federal	7,7	8,8	8,2	8,0	12,0	10,2	9,7	6,9	5,6	5,2
Goiás	5,3	5,0	5,8	6,3	7,6	6,3	5,0	4,6	5,4	7,3
Mato Grosso do S.	5,6	7,2	11,8	10,0	11,7	8,0	6,4	7,3	10,6	13,8
Mato Grosso	2,1	2,3	2,5	4,2	4,8	7,1	4,3	5,4	5,9	8,0
Centro –Oeste	5,1	5,5	6,6	6,8	8,5	7,5	5,9	5,6	6,4	8,2
Brasil	3,8	3,8	4,2	4,5	4,7	4,8	4,4	4,4	4,1	4,0

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

A tabela 5.1.5 apresenta o ordenamento das UF's segundo sua taxa de suicídios, total e entre os jovens de 15 a 24 anos.

TABELA 5.1.5
Ordenamento das UF por Taxa de Suicídios
Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos
Local: UF e Regiões / Período: 1991/2000

UF	População Total		
	Posição em		Taxa
	1991	2000	
Rio Grande do Sul	1º	1º	10,0
Mato Grosso do S.	11º	2º	8,2
Santa Catarina	3º	3º	8,0
Roraima	2º	4º	6,8
Goiás	7º	5º	6,4
Paraná	5º	6º	6,1
Mato Grosso	17º	7º	5,6
Acre	10º	8º	4,8
Rondônia	8º	9º	4,5
Distrito Federal	4º	10º	4,4
São Paulo	6º	11º	3,8
Ceará	20º	12º	3,7
Amapá	9º	13º	3,4
Pernambuco	12º	14º	3,4
Minas Gerais	13º	15º	3,4
Espírito Santo	14º	16º	3,4
Tocantins	15º	17º	3,1
Rio Grande do N.	24º	18º	3,1
Rio de Janeiro	23º	19º	2,8
Amazonas	16º	20º	2,7
Sergipe	21º	21º	2,7
Piauí	26º	22º	2,7
Alagoas	22º	23º	2,6
Pará	18º	24º	1,9
Bahia	27º	25º	1,5
Maranhão	25º	26º	1,2
Paraíba	19º	27º	1,0

UF	População 15 a 24 anos		
	Posição em		Taxa
	1991	2000	
Mato Grosso do S.	8º	1º	13,8
Roraima	5º	2º	10,0
Acre	4º	3º	9,7
Amapá	1º	4º	9,4
Rio Grande do Sul	3º	5º	8,5
Mato Grosso	22º	6º	8,0
Paraná	6º	7º	7,5
Goiás	9º	8º	7,3
Santa Catarina	7º	9º	6,5
Tocantins	25º	10º	5,6
Rondônia	10º	11º	5,4
Distrito Federal	2º	12º	5,2
Ceará	19º	13º	4,7
Amazonas	14º	14º	4,5
Sergipe	16º	15º	4,2
São Paulo	11º	16º	3,6
Pernambuco	17º	17º	3,5
Minas Gerais	15º	18º	3,4
Pará	13º	19º	3,0
Rio Grande do N.	20º	20º	2,6
Piauí	27º	21º	2,6
Alagoas	21º	22º	2,3
Rio de Janeiro	26º	23º	2,0
Espírito Santo	12º	24º	1,7
Maranhão	24º	25º	1,7
Bahia	23º	26º	1,3
Paraíba	18º	27º	1,1

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

5.2 EVOLUÇÃO DOS SUICÍDIOS NAS CAPITALS

Nas capitais, o crescimento dos suicídios, no período 1991/2000, foi menor do que o dos estados como um todo: 20,3% para o conjunto da população e 7% entre os jovens, e vemos que, nas capitais, os suicídios da população em geral cresceram bem mais do que os da faixa jovem. Destacam-se capitais como Manaus, Aracajú, Salvador, Teresina, Rio de Janeiro, Florianópolis, Porto Alegre, Campo Grande, Goiânia e Cuiabá por terem mais que duplicado o seu número absoluto de suicídios, na população total, no período considerado (tabelas 5.2.1 e 5.2.2). Entre os jovens, esse crescimento foi bem menor. Mas as taxas de suicídios nas capitais entre os jovens (4,5 suicídios em 100.000 jovens) resulta bem semelhante à da população total das capitais (4,1 suicídios em 100.000 habitantes)

Já a tabela 5.2.5 permite visualizar o ordenamento das capitais segundo sua taxa de suicídios total e para a população jovem. Vemos que, na população total, destacam-se suas elevadas taxas Porto Alegre, Boa Vista e Goiânia. Já entre os jovens é Rio Branco, Palmas e Boa Vista as que apresentam as maiores taxas.

5.3 A IDADE DOS SUICIDAS

O gráfico 5.3.1 permite verificar que a incidência dos óbitos por suicídio, que é praticamente inexistente até a idade de 10 anos, inicia, a partir dessa idade, uma forte tendência ascendente, para chegar a sua máxima expressão na idade de 21 anos, idade que registra 189 suicídios, no ano 2000, em todo o país. A partir desse pico, começa um suave declínio, caindo progressivamente o número absoluto de suicídios à medida que a idade avança.

A tabela 5.3.1 permite matizar os dados anteriores de número absoluto de suicídios, relacionando-os com os totais de população em cada grupo de idades.

Vemos que as taxas de suicídios guardam uma estreita correspondência com as idades: vão se elevando lenta e gradualmente com a idade dos indivíduos, até atingir sua máxima expressão na faixa de 70 anos e mais, quando a taxa se eleva a 7,3 suicídios em 100.000.

TABELA 5.2.1
Número de Óbitos por Suicídio
Faixa Etária: População Total
Local: Capitais e Regiões / Período: 1991/2000

CAPITAL/ REGIÃO	ANO										%
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	Aumento
Belém	60	58	57	49	51	99	84	108	23	48	-20,0
Boa Vista	15	7	11	10	14	15	14	16	16	18	20,0
Macapá	7	8	7	5	11	16	8	7	6	13	85,7
Manaus	31	36	42	44	60	60	71	69	42	63	103,2
Palmas	1	0	0	0	2	1	3	3	2	9	800,0
Porto Velho	12	14	12	20	5	11	12	15	12	10	-16,7
Rio Branco	15	9	18	11	7	9	10	12	7	20	33,3
Norte	141	132	147	139	150	211	202	230	108	181	28,4
Aracaju	12	44	16	18	15	18	16	16	13	24	100,0
Fortaleza	72	72	83	61	93	126	85	74	98	81	12,5
João Pessoa	15	13	9	15	17	9	16	18	14	9	-40,0
Maceió	23	27	22	52	26	32	20	31	22	14	-39,1
Natal	23	11	21	17	34	32	24	20	19	15	-34,8
Recife	78	68	86	96	118	84	104	83	76	91	16,7
Salvador	2	11	19	35	16	27	37	38	39	40	1900,0
São Luís	22	11	17	17	18	34	26	21	30	29	31,8
Teresina	15	20	27	22	34	37	29	41	30	33	120,0
Nordeste	262	277	300	333	371	399	357	342	341	336	28,2
Belo Horizonte	76	102	76	113	123	120	135	135	99	90	18,4
Rio de Janeiro	63	33	89	35	101	147	121	130	79	168	166,7
São Paulo	522	481	556	527	592	588	582	571	500	412	-21,1
Vitória	27	12	19	13	18	19	15	15	15	19	-29,6
Sudeste	688	628	740	688	834	874	853	851	693	689	0,1
Curitiba	65	53	72	66	69	77	91	104	77	63	-3,1
Florianópolis	8	15	14	22	27	23	13	28	25	27	237,5
Porto Alegre	55	51	73	120	136	138	126	156	121	123	123,6
Sul	128	119	159	208	232		230	288	223	213	66,4
Brasília	111	89	105	114	122	128	130	99	84	90	-18,9
Campo Grande	13	18	40	31	44	50	32	32	30	37	184,6
Cuiabá	2	2	3	2	26	30	11	9	13	19	850,0
Goiânia	34	39	60	48	84	64	56	51	69	94	176,5
C.Oeste	160	148	208	195	276	272	229	191	196	240	50,0
Brasil (Capitais)	1.379	1.304	1.554	1.563	1.863	1.756	1.871	1.902	1.561	1.659	20,3

Fonte: SIM/DATASUS

TABELA 5.2.2
Número de Óbitos por Suicídios
Faixa Etária: 15 a 24 Anos
Local: Capitais e Regiões / Período: 1991 / 2000

CAPITAL/ REGIÃO	ANO										%
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	Aumento
Belém	28	20	13	16	20	29	30	38	11	19	-32
Boa Vista	3	3	5	4	7	4	6	8	6	6	100
Macapá	3	3	2	1	6	8	1	3	4	7	133
Manaus	13	12	21	22	20	28	36	32	14	24	85
Palmas	1	0	0	0	0	0	1	2	1	5	400
Porto Velho	6	7	5	11	2	5	3	6	6	2	-67
Rio Branco	5	3	6	4	3	2	3	2	3	10	100
Norte	59	48	52	58	58	76	80	91	45	73	24
Aracaju	3	14	9	4	3	6	3	3	4	7	133
Fortaleza	20	14	28	17	25	34	18	22	27	27	35
João Pessoa	9	2	2	3	4	0	2	5	5	2	-78
Maceió	9	12	5	16	7	9	8	5	9	1	-89
Natal	6	2	6	7	9	8	5	7	3	3	-50
Recife	19	9	18	22	22	11	33	17	12	13	-32
Salvador	0	1	5	8	3	4	4	4	4	4	
São Luís	5	4	2	8	6	9	8	4	8	9	80
Teresina	2	5	10	6	13	17	4	9	5	7	250
Nordeste	73	63	85	91	92	98	85	74	73	70	-4
Belo Horizonte	14	26	17	21	28	34	31	31	26	22	57
Rio de Janeiro	5	7	15	6	17	17	20	11	12	20	300
São Paulo	118	106	140	121	128	131	123	125	106	72	-39
Vitória	8	5	2	2	3	4	2	4	4	2	-75
Sudeste	145	144	174	150	176	186	176	171	148	116	-20
Curitiba	17	21	16	22	18	21	27	28	26	14	-18
Florianópolis	4	4	4	4	6	10	2	4	8	4	0
Porto Alegre	13	9	16	22	31	35	26	29	24	30	131
Sul	34	34	36	48	55	66	55	61	58	48	41
Brasília	27	32	31	31	48	42	43	33	25	24	-11
Campo Grande	4	4	14	8	16	13	5	5	9	9	125
Cuiabá	0	1	0	0	7	9	4	2	3	7	
Goiânia	7	10	13	12	21	21	17	16	15	24	243
C.Oeste	38	47	58	51	92	85	69	76	77	73	92
Brasil (Capitais)	349	336	405	398	473	511	465	455	380	374	7

Fonte: SIM/DATASUS

TABELA 5.2.3
Taxa de Óbitos por Suicídios
Faixa Etária: População Total
Local: UF e Regiões / Período: 1991 / 2000

UF/ REGIÃO	ANO									
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Belém	4,8	4,8	4,8	4,3	4,6	8,7	7,1	8,9	7,9	7,0
Boa Vista	10,6	4,8	7,3	6,4	8,7	9,1	8,0	8,7	8,3	9,0
Macapá	3,9	4,2	3,5	2,4	5,0	7,2	3,4	2,8	2,2	4,6
Manaus	3,1	3,5	4,0	4,0	5,4	5,2	5,8	5,4	3,1	4,5
Palmas	4,2	0,0	0,0	0,0	2,8	1,2	3,0	2,7	1,6	6,6
Porto Velho	4,2	4,8	4,0	6,4	1,6	3,7	3,9	4,8	3,7	3,0
Rio Branco	7,7	4,4	8,4	4,9	3,0	3,9	4,3	5,0	2,8	7,9
Norte	4,6	4,2	4,7	4,4	4,6	6,4	5,9	6,4	4,9	5,7
Aracaju	3,0	10,9	3,9	4,3	3,6	4,2	3,7	3,6	2,9	5,2
Fortaleza	4,1	4,0	4,5	3,3	4,9	6,4	4,2	3,6	4,7	3,8
João Pessoa	3,0	2,6	1,7	2,9	3,2	1,6	2,8	3,1	2,4	1,5
Maceió	3,7	4,2	3,3	7,6	3,7	4,4	2,7	4,1	2,8	1,8
Natal	3,8	1,8	3,4	2,7	5,3	4,9	3,6	2,9	2,7	2,1
Recife	6,0	5,1	6,4	7,0	8,4	6,2	7,6	6,0	5,4	6,4
Salvador	0,1	0,5	0,9	1,6	0,7	1,2	1,6	1,6	1,6	1,6
São Luís	3,2	1,5	2,3	2,2	2,2	4,4	3,2	2,5	3,5	3,3
Teresina	2,5	3,3	4,4	3,5	5,3	5,6	4,3	6,0	4,3	4,6
Nordeste	3,1	3,2	3,4	3,7	4,0	4,3	3,7	3,5	3,4	3,3
Belo Horizonte	3,8	5,0	3,7	5,5	5,9	5,7	6,3	6,2	1,0	2,1
Rio de Janeiro	1,2	0,6	1,6	0,6	1,8	2,6	2,1	2,3	1,4	2,9
São Paulo	5,4	5,0	5,7	5,4	6,1	6,0	5,8	5,6	4,9	3,9
Vitória	10,5	4,6	7,3	5,0	6,8	7,1	5,5	5,4	5,3	6,5
Sudeste	4,0	3,6	4,2	3,9	4,7	4,9	4,7	4,7	3,3	3,4
Curitiba	5,0	4,0	5,2	4,7	4,8	5,2	6,1	6,8	4,9	4,0
Florianópolis	3,1	5,8	5,4	8,3	10,1	8,5	4,5	9,1	7,7	7,9
Porto Alegre	4,4	4,0	5,7	9,4	10,6	10,7	9,6	11,8	9,0	9,0
Sul	4,5	4,2	5,5	7,1	7,8	7,8	7,4	9,1	6,9	6,5
Brasília	7,0	5,4	6,2	6,6	6,9	7,0	6,9	5,1	4,2	4,4
Campo Grande	2,5	3,4	7,3	5,5	7,6	8,3	5,2	5,1	4,6	5,6
Cuiabá	0,5	0,5	0,7	0,5	6,1	6,9	2,5	2,0	2,8	3,9
Goiânia	3,7	4,2	6,3	5,0	8,5	6,4	5,5	4,9	6,4	8,6
C.Oeste	4,7	4,2	5,8	5,3	7,3	7,0	5,8	4,7	4,7	5,6
Brasil (Capitais)	3,9	3,7	4,3	4,3	5,1	4,7	4,9	4,9	3,9	4,1

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

TABELA 5.2.4
Taxa de Óbitos por Suicídios
Faixa Etária: 15 a 24 Anos
Local: Capitais e Regiões / Período: 1991 / 2000

UF/ REGIÃO	ANO									
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Belém	9,8	7,2	4,8	6,1	7,8	10,9	11,0	13,7	3,9	6,6
Boa Vista	9,7	9,4	15,2	11,7	19,9	11,1	15,6	19,7	14,0	13,3
Macapá	7,9	7,3	4,5	2,1	11,9	15,6	1,8	5,2	6,5	10,8
Manaus	5,7	5,1	8,6	8,7	7,7	10,4	12,7	10,8	4,5	7,4
Palmas	20,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	4,2	7,4	3,3	14,9
Porto Velho	10,0	11,3	7,8	16,7	2,9	7,9	4,6	8,9	8,6	2,8
Rio Branco	11,9	6,8	12,9	8,2	5,8	3,9	5,7	3,7	5,4	17,6
Norte	8,6	6,8	7,3	8,0	7,8	10,0	10,1	11,1	5,3	8,3
Aracaju	3,3	15,3	9,7	4,3	3,2	6,2	3,1	3,0	3,9	6,8
Fortaleza	5,3	3,7	7,2	4,3	6,3	8,4	4,3	5,1	6,1	6,0
João Pessoa	8,6	1,9	1,8	2,7	3,5	0,0	1,7	4,1	4,0	1,6
Maceió	6,4	8,3	3,4	10,6	4,5	5,7	5,0	3,1	5,4	0,6
Natal	4,7	1,6	4,6	5,3	6,7	5,9	3,6	4,9	2,0	2,0
Recife	7,0	3,3	6,5	7,9	7,8	4,0	11,9	6,1	4,2	4,6
Salvador	0,0	0,2	1,1	1,7	0,6	0,8	0,8	0,8	0,7	0,7
São Luís	3,1	2,3	1,1	4,2	3,0	4,8	4,1	2,0	3,9	4,3
Teresina	1,5	3,7	7,2	4,2	8,9	11,4	2,6	5,7	3,1	4,2
Nordeste	4,0	3,3	4,4	4,6	4,6	4,8	4,1	3,6	3,5	3,3
Belo Horizonte	3,5	6,5	4,2	5,1	6,7	8,0	7,2	7,0	5,8	4,8
Rio de Janeiro	0,5	0,8	1,6	0,6	1,8	1,8	2,1	1,1	1,2	2,0
São Paulo	6,6	5,9	7,7	6,6	6,9	6,9	6,4	6,4	5,3	3,6
Vitória	16,0	9,9	3,9	3,8	5,7	7,5	3,6	7,0	6,8	3,3
Sudeste	4,6	4,5	5,4	4,6	5,4	5,6	5,2	5,0	4,2	3,3
Curitiba	6,6	7,9	5,9	7,9	6,3	7,1	9,0	9,2	8,4	4,5
Florianópolis	8,1	8,0	7,8	7,7	11,3	18,5	3,4	6,5	12,1	5,7
Porto Alegre	6,2	4,2	7,4	10,0	13,9	15,4	11,2	12,2	9,8	12,1
Sul	6,6	6,4	6,7	8,7	9,8	11,4	9,3	10,1	9,4	7,6
Brasília	7,7	8,8	8,2	8,0	12,0	10,2	10,1	7,6	5,6	5,2
Campo Grande	3,8	3,7	12,7	7,0	13,7	10,8	4,0	3,9	6,9	6,7
Cuiabá	0,0	1,2	0,0	0,0	7,6	9,5	4,1	2,0	2,9	6,5
Goiânia	3,4	4,8	6,2	5,6	9,7	9,5	7,5	6,9	6,4	10,0
C.Oeste	5,1	6,2	7,4	6,3	11,1	10,0	7,9	6,3	5,7	6,8
Brasil (Capitais)	5,0	4,8	5,6	5,5	6,4	6,8	6,0	5,8	4,7	4,5

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

TABELA 5.2.5
Ordenamento das Capitais por Taxa de Suicídios
Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos
Local: Capitais / Período: 1991 / 2000

CAPITAL	População Total		
	Posição em		Taxa
	1991	2000	
Porto Alegre	9º	1º	9,0
Boa Vista	1º	2º	9,0
Goiânia	17º	3º	8,6
Rio Branco	3º	4º	7,9
Florianópolis	20º	5º	7,9
Belém	8º	6º	7,0
Palmas	10º	7º	6,6
Vitória	2º	8º	6,5
Recife	5º	9º	6,4
Campo Grande	24º	10º	5,6
Aracaju	21º	11º	5,2
Teresina	23º	12º	4,6
Macapá	13º	13º	4,6
Manaus	19º	14º	4,5
Brasília	4º	15º	4,4
Curitiba	7º	16º	4,0
São Paulo	6º	17º	3,9
Cuiabá	26º	18º	3,9
Fortaleza	12º	19º	3,8
São Luís	18º	20º	3,3
Porto Velho	11º	21º	3,0
Rio de Janeiro	25º	22º	2,9
Belo Horizonte	15º	23º	2,1
Natal	14º	24º	2,1
Maceió	16º	25º	1,8
Salvador	27º	26º	1,6
João Pessoa	22º	27º	1,5

CAPITAL	População 15 a 24 anos		
	Posição em		Taxa
	1991	2000	
Rio Branco	3º	1º	17,6
Palmas	1º	2º	14,9
Boa Vista	6º	3º	13,3
Porto Alegre	15º	4º	12,1
Macapá	9º	5º	10,8
Goiânia	21º	6º	10,0
Manaus	16º	7º	7,4
Aracaju	22º	8º	6,8
Campo Grande	19º	9º	6,7
Belém	5º	10º	6,6
Cuiabá	26º	11º	6,5
Fortaleza	17º	12º	6,0
Florianópolis	8º	13º	5,7
Brasília	10º	14º	5,2
Belo Horizonte	20º	15º	4,8
Recife	11º	16º	4,6
Curitiba	12º	17º	4,5
São Luís	23º	18º	4,3
Teresina	24º	19º	4,2
São Paulo	13º	20º	3,6
Vitória	2º	21º	3,3
Porto Velho	4º	22º	2,8
Natal	18º	23º	2,0
Rio de Janeiro	25º	24º	2,0
João Pessoa	7º	25º	1,6
Salvador	27º	26º	0,7
Maceió	14º	27º	0,6

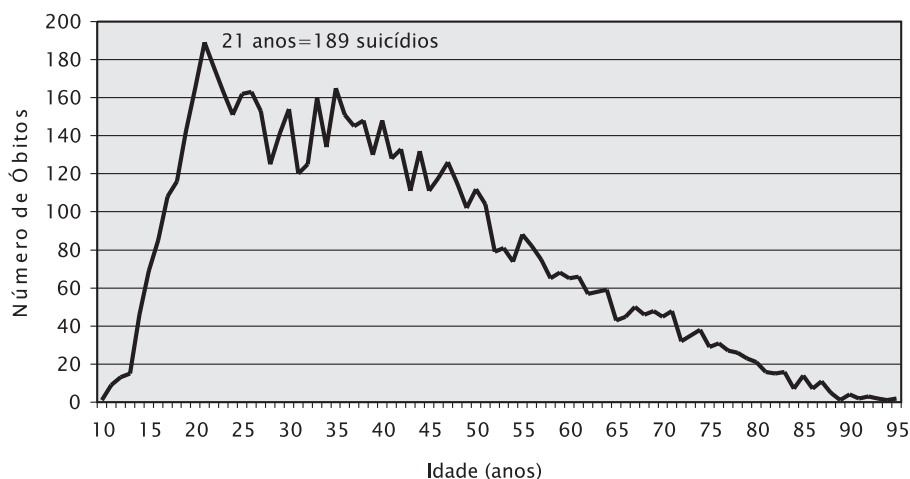
Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

TABELA 5.3.2
Taxa de Homicídios (em 100.000 habitantes) por Idades
Brasil – 2000

Idade/ Faixa	Taxa de Suicídios
0 a 4 anos	0,0
5 a 9 anos	0,0
10 a 14 anos	0,5
15 anos	1,9
16 anos	2,4
17 anos	3,0
18 anos	3,3
19 anos	4,1
20 anos	4,9
21 anos	5,7
22 anos	5,5
23 anos	5,2
24 anos	5,0
25 a 29 anos	5,4
30 a 34 anos	5,3
35 a 39 anos	6,0
40 a 44 anos	6,2
45 a 49 anos	6,6
50 a 59 anos	6,6
60 a 69 anos	6,6
70 e mais anos	7,3

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

GRÁFICO 5.3.1
Número de Óbitos por Suicídio segundo Idade
Brasil – 2000



5.4 OS SUICÍDIOS POR SEXO

A tabela a seguir permite verificar a distribuição dos suicídios registrados pelo SIM durante o ano 2000, discriminados por sexo e Unidade Federada. Também é possível observar aqui, da mesma forma que com os acidentes de transporte e com os homicídios, a elevada *masculinização* dos suicídios, onde praticamente 80% das mortes correspondem ao sexo masculino. Já entre os jovens, essa proporção masculina cai levemente, para algo em torno de 75%. Fenômeno semelhante podemos observar nas capitais, onde aproximadamente 75% dos suicidas pertencem ao sexo masculino, tanto na população total quanto na faixa jovem.

5.5 COMPARAÇÕES INTERNACIONAIS

A tabela a seguir permite verificar que, comparado com os restantes 59 países analisados, o Brasil apresenta taxas relativamente baixas de suicídios, tanto entre sua população total quanto entre seus jovens, ocupando, em ambos os casos, a posição 51^a.

TABELA 5.4.1
Suicídios por Sexo
Local: UF e Regiões / Ano: 2000

UF/ REGIÃO	População Total					População 15 a 24 anos				
	Número		%	Taxas		Número		%	Taxas	
	Masc.	Fem.		Masc.	Fem.	Masc.	Fem.		Masc.	Fem.
Acre	15	12	44,4	5,3	4,3	8	4	33,3	13,0	6,5
Amazonas	60	17	22,1	4,2	1,2	19	9	32,1	6,1	2,9
Amapá	13	3	18,8	5,4	1,3	8	2	20,0	15,3	3,7
Pará	88	29	24,8	2,8	0,9	31	10	24,4	4,5	1,5
Rondônia	50	12	19,4	7,1	1,8	6	3	33,3	4,0	2,1
Roraima	18	4	18,2	10,8	2,5	11	5	31,3	31,5	14,3
Tocantins	32	4	11,1	5,4	0,7	13	2	13,3	10,3	1,6
Norte	276	81	22,7	4,2	1,3	96	35	26,7	6,8	2,5
Alagoas	53	19	26,4	3,8	1,3	5	9	64,3	1,7	3,0
Bahia	144	39	21,3	2,2	0,6	24	12	33,3	1,6	0,8
Ceará	215	57	21,0	5,9	1,5	51	18	26,1	6,8	2,4
Maranhão	48	19	28,4	1,7	0,7	12	9	42,9	1,9	1,4
Paraíba	32	4	11,1	1,9	0,2	6	2	25,0	1,7	0,6
Pernambuco	202	67	24,9	5,3	1,6	37	20	35,1	4,5	2,4
Piauí	54	21	28,0	3,9	1,5	12	4	25,0	3,9	1,3
Rio Grande do Norte	67	19	22,1	4,9	1,3	13	2	13,3	4,6	0,7
Sergipe	36	13	26,5	4,1	1,4	11	5	31,3	5,8	2,6
Nordeste	851	258	23,3	3,6	1,1	171	81	32,1	3,3	1,6
Espírito Santo	92	15	14,0	6,0	1,0	8	3	27,3	2,5	0,9
Minas Gerais	463	105	18,5	5,2	1,2	88	25	22,1	4,9	1,4
Rio de Janeiro	310	91	22,7	4,5	1,2	39	14	26,4	3,0	1,1
São Paulo	1.130	292	20,5	6,2	1,5	195	62	24,1	5,5	1,7
Sudeste	1.995	503	20,1	5,6	1,4	330	104	24,0	4,7	1,5
Paraná	460	125	21,4	9,7	2,6	103	34	24,8	11,2	3,8
Rio Grande do Sul	827	190	18,7	16,6	3,7	125	30	19,4	13,6	3,3
Santa Catarina	366	65	15,1	13,7	2,4	52	14	21,2	10,1	2,8
Sul	1.653	380	18,7	13,3	3,0	280	78	21,8	11,9	3,4
Distrito Federal	67	23	25,6	6,8	2,1	17	7	29,2	7,8	2,9
Goiás	256	66	20,5	10,3	2,6	60	15	20,0	11,8	2,9
Mato Grosso do Sul	132	38	22,4	12,7	3,7	41	16	28,1	19,8	7,8
Mato Grosso	111	30	21,3	8,6	2,5	33	9	21,4	12,4	3,5
Centro -Oeste	566	157	21,7	9,8	2,7	151	47	23,7	12,6	3,9
Brasil	5.341	1.379	20,5	6,4	1,6	1.028	345	25,1	6,0	2,0

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

TABELA 5.4.2
Suicídios por Sexo
Local: Capitais e Regiões / Ano: 2000

CAPITAL/ REGIÃO	População Total					População 15 a 24 anos				
	Número		%	Taxas		Número		%	Taxas	
	Masc.	Fem.		Masc.	Fem.	Masc.	Fem.		Masc.	Fem.
Belém	38	10	20,8	6,2	1,5	15	4	21,1	10,9	2,6
Boa Vista	15	3	16,7	15,0	3,0	5	1	16,7	22,9	4,3
Macapá	10	3	23,1	7,2	2,1	5	2	28,6	16,1	5,9
Manaus	51	12	19,0	7,4	1,7	18	6	25,0	11,6	3,6
Palmas	9	0	0,0	13,1	0,0	5	0	0,0	32,0	0,0
Porto Velho	8	2	20,0	4,8	1,2	1	1	50,0	2,8	2,7
Rio Branco	13	7	35,0	10,5	5,4	7	3	30,0	25,9	10,1
Norte	144	37	20,4	7,6	1,8	56	17	23,3	13,2	3,7
Aracaju	16	8	33,3	7,4	3,3	6	1	14,3	12,3	1,8
Fortaleza	66	15	18,5	6,6	1,3	20	7	25,9	9,4	2,9
João Pessoa	9	0	0,0	3,2	0,0	2	0	0,0	3,3	0,0
Maceió	14	0	0,0	3,7	0,0	1	0	0,0	1,2	0,0
Natal	5	10	66,7	1,5	2,6	2	1	33,3	2,8	1,3
Recife	64	27	29,7	9,7	3,5	8	5	38,5	5,8	3,4
Salvador	4	0	0,0	0,3	0,0	1	0	0,0	0,4	0,0
São Luís	22	7	24,1	5,4	1,5	5	4	44,4	5,2	3,5
Teresina	21	12	36,4	6,3	3,2	6	1	14,3	7,8	1,1
Nordeste	221	79	26,3	4,6	1,5	51	19	27,1	4,8	1,6
Belo Horizonte	70	20	22,2	6,6	1,7	17	5	22,7	7,7	2,1
Rio de Janeiro	127	41	24,4	4,6	1,3	15	5	25,0	3,0	1,0
São Paulo	315	97	23,5	6,3	1,8	54	18	25,0	5,5	1,7
Vitória	15	4	21,1	10,9	2,6	1	1	50,0	3,4	3,2
Sudeste	527	162	23,5	5,9	1,6	87	29	25,0	5,0	1,6
Curitiba	47	16	25,4	6,2	1,9	10	4	28,6	6,5	2,5
Florianópolis	22	5	18,5	13,3	2,8	3	1	25,0	8,6	2,8
Porto Alegre	95	28	22,8	14,9	3,9	27	3	10,0	21,9	2,4
Sul	164	49	23,0	10,5	2,8	40	8	16,7	12,8	2,5
Brasília	67	23	25,6	6,8	2,1	17	7	29,2	7,8	2,9
Campo Grande	29	8	21,6	9,0	2,3	8	1	11,1	12,1	1,5
Cuiabá	12	7	36,8	5,1	2,8	4	3	42,9	7,7	5,5
Goiânia	68	26	27,7	13,1	4,5	17	7	29,2	14,7	5,6
C.Oeste	176	64	26,7	8,5	2,9	46	18	28,1	10,2	3,7
Brasil (Capitais)	1.232	391	24,1	6,4	1,8	280	91	24,5	7,0	2,1

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

TABELA 5.5
Ordenamento de Países por Taxa de Suicídios
Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos
Local: Diversos Países / Anos: Último Ano Disponível

TOTAL				15 A 24 ANOS			
País	Ano	Posi- ção	Taxa	País	Ano	Posi- ção	Taxa
Lituânia	99	1º	41,9	Fed. Russa	98	1º	30,5
Fed. Russa	98	2º	35,5	Lituânia	99	2º	29,0
Bielorússia	99	3º	34,0	Nova Zelândia	98	3º	25,9
Hungria	99	4º	33,1	Estônia	99	4º	25,7
Estônia	99	5º	32,5	Bielorússia	99	5º	22,2
Letônia	99	6º	31,4	Irlanda	97	6º	19,3
Eslovênia	99	7º	29,9	Finlândia	98	7º	18,9
Ucrânia	99	8º	29,1	Ucrânia	99	8º	16,5
Finlândia	98	9º	23,8	Austrália	98	9º	16,3
Croácia	99	10º	21,7	Letônia	99	10º	15,6
Áustria	99	11º	19,2	Eslovênia	99	11º	15,4
Japão	97	12º	18,8	Maurício	96	12º	15,3
Cuba	97	13º	18,4	Irlanda do Norte	99	13º	15,0
França	98	14º	17,9	Escócia	99	14º	14,0
Luxemburgo	99	15º	17,6	Croácia	99	15º	13,9
Dinamarca	96	16º	17,0	Canadá	97	16º	13,7
Moldávia	99	17º	15,9	Áustria	99	17º	12,9
Maurício	96	18º	15,8	Noruega	97	18º	12,6
Bulgária	99	19º	15,8	Islândia	96	19º	11,8
Rep.Checa	99	20º	15,7	Hungria	99	20º	11,6
Nova Zelândia	98	21º	15,1	Estados Unidos	98	21º	11,1
Suécia	96	22º	14,2	Albânia	98	22º	10,8
Polónia	96	23º	14,1	Equador	96	23º	10,6
Austrália	98	24º	14,1	Rep.Checa	99	24º	10,4
Alemanha	99	25º	13,6	Cuba	97	25º	10,4
Coréia	97	26º	13,0	Coréia	97	26º	10,3
Rep Eslovaca	99	27º	12,8	Luxemburgo	99	27º	10,3
Irlanda	97	28º	12,7	Polónia	96	28º	10,2
Hong Kong	96	29º	12,5	Hong Kong	96	29º	9,7
Escócia	99	30º	12,4	Uzbequistão	98	30º	9,6
Islândia	96	31º	12,3	Colômbia	98	31º	9,5
Canadá	97	32º	12,3	França	98	32º	8,5
Romênia	99	33º	12,2	Japão	97	33º	8,5
Noruega	97	34º	12,1	Suécia	96	34º	8,3
Estados Unidos	98	35º	11,3	Alemanha	99	35º	8,0
Holanda	99	36º	9,6	Porto Rico	98	36º	7,9
Porto Rico	98	37º	8,9	Dinamarca	96	37º	7,9

TABELA 5.5 (Continuação)

TOTAL				15 A 24 ANOS			
País	Ano	Posi- ção	Taxa	País	Ano	Posi- ção	Taxa
Singapura	99	38°	8,8	Moldávia	99	38°	7,8
Espanha	98	39°	8,3	Bulgária	99	39°	7,7
Itália	97	40°	8,2	Rep Eslovaca	99	40°	7,2
Macedônia	97	41°	7,8	Israel	97	41°	7,2
Reino Unido	99	42°	7,5	Reino Unido	99	42°	6,7
Irlanda do Norte	99	43°	7,2	Romênia	99	43°	6,6
Malta	99	44°	7,1	Holanda	99	44°	6,5
Uzbequistão	98	45°	7,1	Argentina	96	45°	6,1
Israel	97	46°	6,5	México	97	46°	5,9
Argentina	96	47°	6,4	Singapura	99	47°	5,4
Equador	96	48°	5,6	Itália	97	48°	5,2
Portugal	99	49°	5,5	Espanha	98	49°	4,8
Colômbia	98	50°	5,1	Macedônia	97	50°	4,6
Albânia	98	51°	4,9	Brasil	99	51°	4,1
Brasil	99	52°	3,9	Malta	99	52°	3,5
Grécia	98	53°	3,8	Portugal	99	53°	1,9
México	97	54°	3,7	Grécia	98	54°	1,8
Kuwait	99	55°	2,2	Kuwait	99	55°	1,0
Armênia	99	56°	1,8	Armênia	99	56°	0,9
Granada	96	57°	1,1	Azerbaijão	99	57°	0,6
Bahamas	97	58°	0,7	Granada	96	58°	0,0
Azerbaijão	99	59°	0,7	Bahamas	97	59°	0,0
Ilhas Cayman	97	60°	0,0	Ilhas Cayman	97	60°	0,0

Fonte: OMS/WHOSIS/WMD. Brasil: SIM/DATASUS,IBGE. Colômbia: DANE

CAPÍTULO 6

As Armas de Fogo

Existem no país poucas evidências sobre os níveis de armamento da população. Diversas brechas na regulamentação da compra e porte de armas de fogo e a amplitude do comércio clandestino tornam as estimativas existentes pouco confiáveis. Uma pesquisa realizada em fins de 1997 na cidade de São Paulo pela Folha de São Paulo e ILANUD verifica que 8% dos 2.469 paulistanos com 16 anos ou mais entrevistados possuíam armas de fogo. Extrapolando esses dados para o universo de 7,1 milhão de paulistanos com 16 anos e mais, teríamos só no universo da cidade de São Paulo e só para a população de 16 anos e mais um volume de 568.0000 armas de fogo nas mãos da população. Onde não existe um controle rígido de transações envolvendo armas de fogo, são utilizados diversos procedimentos para estimar o grau de disseminação das armas de fogo. As taxas de óbitos por armas de fogo, além de dar um “*proxi*” dessa disseminação, nos indicam também o grau de decisão em utilizar armas de fogo na resolução de conflitos pessoais ou interpessoais.

Como é explicada nas Notas Técnicas do presente documento, a Classificação Internacional de Doenças utilizada pelo Sistema de Informações de Mortalidade – o denominado CID 10 – permite discriminar, além da “causa” do óbito (homicídio, suicídio, diversos tipos de acidentes, etc.), a situação ou instrumento que originou a morte (envenenamento, afogamento, objeto cortante ou penetrante, arma de fogo, etc). Assim, no presente contexto, ao utilizar a categoria “armas de fogo”, agrupamos as situações de morte por homicídio, suicídio ou acidentes ocasionadas ou derivadas pela presença de uma arma de fogo (exceto no caso de Homicídios por Armas de Fogo, onde só são computados os casos de agressão intencional com arma de fogo).

Para o ano de 1998, pelas evidências levantadas no Mapa da Violência II, o SIM registrou-se um total de 939.135 óbitos, dos quais 30.149 foram causados por armas de fogo. Desta forma, 3,2% do total de mortes acontecidas nesse ano foram originadas pela ação de algum tipo de arma de fogo. Já para o ano 2.000, essa participação cresceu mais ainda: dos 971.595 óbitos registrados, 34.755, que representam 3,6% do total, foram originados por armas de fogo (ver tabela 6.1).

Essa participação varia muito de um estado para outro, com valores extremos que vão de 6,8% em Pernambuco até 1,0% no Piauí.

Pela mesma tabela, é possível verificar que 90,3% do grande número de mortes causadas por armas de fogo correspondem à categoria homicídios. O restante, 9,7%, é resultado de suicídios, acidentes com armas de fogo e outras categorias.

Desta forma, os homicídios são, de longe, o principal motivo de utilização das armas de fogo. Efetivamente, no país como um todo, em 68,3% dos casos de homicídio utilizou-se algum tipo de arma de fogo. E essa é uma proporção que vem crescendo ao longo do tempo: só dois anos antes, em 1998, a proporção era de 61,2%. Rio de Janeiro (83,5%) e Pernambuco (84,5%) são os estados onde mais são utilizadas armas de fogo para cometer homicídios.

Se o dado que 3,6% dos óbitos acontecidos no país no ano 2000 foram causados por armas de fogo já é altamente preocupante, as informações disponíveis para a nossa juventude adquirem contornos dramáticos. Dos 44.715 jovens que morreram nesse ano, 13.186 morreram por armas de fogo. **Nada menos que 29,5% de todas as mortes juvenis no ano 2.000 foram causadas por armas de fogo.**

A utilização de armas de fogo na ocorrência de homicídios entre os jovens é crescente e destacada. No ano de 1998, as armas de fogo foram a causa de 66,1% dos homicídios de jovens. Para o ano 2000, essa proporção elevou-se para 74,2%. Salvo na região norte, com índices mais baixos, nas restantes regiões 75% ou mais dos homicídios que vitimam a juventude são cometidos por armas de fogo.

Todas estas situações encontram-se melhor caracterizadas na tabela 6.3 que estima as taxas de mortalidade pelo uso de armas de fogo.

TABELA 6.1

Participação das Armas de Fogo na Mortalidade Total e nos Homicídios
Faixa Etária: População Total / Local: UF e Regiões / Ano: 1998/2000

UF/ REGIÃO	No Total de Óbitos				Nos Homicídios			
	Total Óbitos 2.000	Por arma de fogo 2.000	% em 2.000	% em 1.998	Total Homic. 2.000	Por arma de fogo 2.000	% em 2.000	% em 1.998
Acre	2.649	49	1,8	3,4	107	40	37,4	52,3
Amazonas	10.972	261	2,4	2,9	553	248	44,8	42,7
Amapá	1.908	41	2,1	5,0	155	33	21,3	45,4
Pará	22.590	525	2,3	2,7	805	458	56,9	56,5
Rondônia	5.564	301	5,4	6,4	482	278	57,7	62,6
Roraima	1.382	52	3,8	5,9	128	47	36,7	40,2
Tocantins	4.743	123	2,6	2,6	177	100	56,5	60,3
Norte	49.808	1352	2,7	3,4	2.407	1204	50,0	52,9
Alagoas	14.836	495	3,3	2,6	724	482	66,6	71,7
Bahia	54.035	1515	2,8	3,0	2.037	1470	72,2	62,9
Ceará	34.642	696	2,0	1,7	1.226	653	53,3	51,1
Maranhão	16.075	204	1,3	1,7	343	138	40,2	45,9
Paraíba	18.579	396	2,1	2,0	518	385	74,3	62,3
Pernambuco	53.041	3587	6,8	7,3	4.140	3497	84,5	82,6
Piauí	12.720	132	1,0	0,8	232	100	43,1	28,2
Rio Grande do N.	13.397	276	2,1	1,7	256	148	57,8	62,9
Sergipe	9.702	294	3,0	2,1	393	268	68,2	59,6
Nordeste	227.027	7595	3,3	3,4	9.869	7141	72,4	71,3
Espírito Santo	18.366	1028	5,6	6,9	1.446	1007	69,6	68,9
Minas Gerais	97.161	1528	1,6	1,2	1.970	1319	67,0	53,9
Rio de Janeiro	115.285	6741	5,8	5,7	7.331	6124	83,5	79,0
São Paulo	249.334	10631	4,3	3,0	15.632	9683	61,9	45,0
Sudeste	480.146	19928	4,2	3,4	26.379	18133	68,7	57,6
Paraná	58.413	1301	2,2	2,2	1.769	1085	61,3	59,5
Rio Grande do S.	69.822	1658	2,4	2,1	1.658	1247	75,2	69,6
Santa Catarina	28.977	314	1,1	1,1	423	221	52,2	48,9
Sul	157.212	3273	2,1	2,0	3.850	2553	66,3	62,6
Distrito Federal	11.206	591	5,3	5,5	770	565	73,4	73,8
Goiás	22.725	773	3,4	2,8	1.004	643	64,0	61,6
Mato Grosso do S.	11.968	747	6,2	5,2	996	697	70,0	67,9
Mato Grosso	11.503	496	4,3	6,0	644	442	68,6	65,1
Centro -Oeste	57.402	2607	4,5	4,4	3.414	2347	68,7	67,2
Brasil	971.595	34755	3,6	3,2	45.919	31378	68,3	61,2

Fonte: SIM/DATASUS

TABELA 6.2

Participação das Armas de Fogo na Mortalidade Total e nos Homicídios
Faixa Etária: 15 a 24 Anos / Local: UF e Regiões / Ano: 1998/2000

UF/ REGIÃO	No Total de Óbitos				Nos Homicídios			
	Total Óbitos 2.000	Por arma de fogo 2.000	% em 2.000	% em 1.998	Total Homic. 2.000	Por arma de fogo 2.000	% em 2.000	% em 1.998
Acre	175	20	11,4	20,1	50	17	34,0	54,9
Amazonas	718	117	16,3	16,9	249	115	46,2	41,4
Amapá	183	21	11,5	18,4	81	17	21,0	43,7
Pará	1.278	189	14,8	15,6	289	173	59,9	56,6
Rondônia	408	106	26,0	24,8	157	97	61,8	69,0
Roraima	137	22	16,1	18,0	53	21	39,6	44,4
Tocantins	296	48	16,2	10,4	62	40	64,5	55,0
Norte	3.195	523	16,4	17,2	941	480	51,0	52,5
Alagoas	773	198	25,6	19,4	279	198	71,0	77,0
Bahia	1.903	662	34,8	27,2	807	638	79,1	74,8
Ceará	1.626	266	16,4	14,6	432	249	57,6	55,9
Maranhão	912	75	8,2	8,7	133	51	38,3	48,6
Paraíba	760	172	22,6	17,0	213	169	79,3	70,3
Pernambuco	3.042	1.541	50,7	50,2	1.696	1518	89,5	88,2
Piauí	561	46	8,2	7,3	89	37	41,6	31,5
Rio Grande do N.	547	111	20,3	18,2	77	53	68,8	73,0
Sergipe	461	109	23,6	16,9	140	98	70,0	72,7
Nordeste	10.585	3.180	30,0	28,6	3.866	3011	77,9	79,1
Espírito Santo	1.073	414	38,6	39,6	531	411	77,4	77,3
Minas Gerais	3.330	639	19,2	10,3	741	577	77,9	66,5
Rio de Janeiro	5.219	2.675	51,3	44,7	2.816	2473	87,8	83,2
São Paulo	12.755	4.681	36,7	23,4	6.430	4337	67,4	48,0
Sudeste	22.377	8.409	37,6	27,3	10.518	7798	74,1	61,3
Paraná	2.204	516	23,4	19,2	616	437	70,9	67,4
Rio Grande do S.	1.993	549	27,5	22,0	533	451	84,6	77,1
Santa Catarina	977	86	8,8	8,6	105	63	60,0	54,2
Sul	5.174	1.151	22,2	18,3	1.254	951	75,8	70,3
Distrito Federal	754	294	39,0	35,6	341	287	84,2	82,9
Goiás	1.245	302	24,3	16,6	351	271	77,2	69,2
Mato Grosso do S.	789	232	29,4	27,1	278	215	77,3	77,6
Mato Grosso	596	197	33,1	24,6	213	173	81,2	74,3
Centro –Oeste	3.384	1.025	30,3	24,9	1.183	946	80,0	77,0
Brasil	44.715	14.288	32,0	25,7	17.762	13.186	74,2	66,1

Fonte: SIM/DATASUS

TABELA 6.3**Taxas de Mortalidade por Armas de Fogo****Faixa Etária: Total e 15 a 24 Anos / Local: UF e Regiões / Anos: 1998/2000**

UF/ REGIÃO	População Total			15 a 24 anos		
	1998	2000	% crescim.	1998	2000	% crescim.
Acre	15,0	9,0	-40,2	30,4	16,2	-46,8
Amazonas	9,5	9,3	-2,2	19,4	18,7	-3,4
Amapá	17,5	8,6	-50,8	33,2	19,7	-40,8
Pará	8,9	8,5	-5,2	15,6	13,9	-11,1
Rondônia	26,0	21,8	-16,0	38,0	36,0	-5,1
Roraima	21,0	16,0	-23,5	38,8	31,4	-18,9
Tocantins	9,6	10,5	9,0	11,9	18,9	58,3
Norte	11,8	10,5	-11,4	20,3	18,4	-9,2
Alagoas	15,6	17,7	13,4	23,6	33,0	39,7
Bahia	13,1	11,6	-11,5	26,2	22,8	-12,9
Ceará	7,6	9,4	23,6	13,5	17,8	31,9
Maranhão	4,4	3,5	-20,4	5,9	5,9	0,0
Paraíba	8,6	11,0	29,0	14,7	23,3	59,1
Pernambuco	48,6	45,3	-6,8	101,3	93,5	-7,7
Piauí	2,6	4,6	76,9	4,7	7,4	58,6
Rio Grande do N.	7,9	9,9	26,4	15,8	19,3	22,3
Sergipe	11,4	16,6	45,5	20,5	28,5	39,5
Nordeste	16,0	15,9	-0,5	31,1	31,1	0,3
Espírito Santo	40,4	33,1	-18,1	77,4	64,9	-16,2
Minas Gerais	6,6	8,5	28,6	11,1	18,0	62,4
Rio de Janeiro	47,1	46,9	-0,4	96,5	102,2	6,0
São Paulo	19,3	28,7	48,7	40,5	65,2	61,1
Sudeste	22,6	27,5	21,7	45,2	60,1	33,0
Paraná	13,0	13,7	4,9	23,9	28,6	19,4
Rio Grande do Sul	14,9	16,3	9,4	25,9	30,1	16,0
Santa Catarina	6,0	5,8	-3,4	8,8	8,4	-5,1
Sul	12,3	13,1	6,1	21,4	24,8	15,5
Distrito Federal	29,7	29,0	-2,6	68,6	64,2	-6,4
Goiás	13,1	15,6	19,5	20,5	29,7	44,7
Mato Grosso do Sul	28,3	23,9	-15,6	43,8	47,7	9,1
Mato Grosso	25,3	29,9	18,4	36,5	44,6	22,2
Centro -Oeste	21,4	22,5	5,4	37,0	42,5	15,0
Brasil	18,3	20,5	11,8	35,1	41,9	19,5

Fonte: SIM/DATASUS, IBGE

Por esta tabela 6.3 é possível verificar que:

- a) se as taxas de mortes por armas de fogo cresceram 11,8% entre 1998 e 2000, passando de 18,3 para 20,5 em 100.000 habitantes, o crescimento na faixa jovem foi bem maior: 19,5%, passando de 35,1 em 100.000 jovens no ano 1998 para 41,9 no ano 2000.
- b) Esse drástico crescimento, tanto na população total e, especialmente, na jovem, deve-se, fundamentalmente, à incidência dos estados de São Paulo e Minas Gerais, que apresentam, neste período, um enorme incremento das mortes causadas por armas de fogo.
- c) Outros estados com elevada incidência em 1998, como Pernambuco e Espírito Santo, conseguem deter a espiral ascendente da vitimização juvenil por armas de fogo e fazer retroceder, de forma moderada, suas taxas.

Nas capitais dos estados, esta situação de utilização das armas de fogo como instrumento letal é bem semelhante à encontrada nas UF's.

Recentemente, a Comissão sobre Prevenção de Crimes e Justiça Criminal da Organização das Nações Unidas divulgou os resultados duma pesquisa¹⁹ baseada nas informações oficiais dos governos de 49 países²⁰. Nessa pesquisa, evidencia-se que o Brasil lidera esse grupo de países pelas suas elevadas taxas de mortes causadas por armas de fogo (em homicídios, suicídios, acidentes), isoladamente, na rubrica homicídios e acidentes, e também pelo uso de armas de fogo em roubos e assaltos.

As informações aqui trabalhadas a partir das Bases Internacionais de Mortalidade da OMS²¹ ratificam essas conclusões. Efetivamente, vemos (tabela 6.7) que o Brasil lidera, nos acidentes com armas de fogo, nos homicídios com armas de fogo, e na taxa total conjunta de mortes por armas de fogo. Não acontece a mesma coisa no campo dos suicídios com arma de fogo, onde as taxas do Brasil são relativamente baixas.

¹⁹ United Nations Crime and Justice Information Network. United Nations International Study on Firearm Regulation. 1998.

²⁰ Dentre os quais, Argentina, Colômbia, Equador, México, Brasil, Peru, França, Alemanha, Fed. Russa, Polônia, Espanha, Reino Unido, Bélgica, Dinamarca, China, Índia, Japão, Filipinas, Vietã, Canadá, Estados Unidos, Austrália, Sudáfrica, Uganda, etc.

²¹ Só é possível trabalhar essa informação referente a armas de fogo no grupo de países que, como o Brasil, já adotou a versão 10 da Classificação Internacional de Doenças.

TABELA 6.4

Participação das Armas de Fogo na Mortalidade Total e nos Homicídios
Faixa Etária: População Total / Local: UF e Regiões / Ano: 1998/2000

UF/ REGIÃO	No Total de Óbitos				Nos Homicídios			
	Total Óbitos 2.000	Por arma de fogo 2.000	% em 2.000	% em 1.998	Total Homic. 2.000	Por arma de fogo 2.000	% em 2.000	% em 1.998
Belém	9.048	201	2,2	2,7	332	185	55,7	54,3
Boa Vista	1.020	28	2,7	4,5	81	27	33,3	36,9
Macapá	1.585	32	2,0	4,6	131	31	23,7	45,6
Manaus	7.899	223	2,8	3,3	467	216	46,3	44,2
Palmas	667	21	3,1	2,5	30	18	60,0	50,0
Porto Velho	1.718	92	5,4	6,9	159	85	53,5	61,7
Rio Branco	1.721	41	2,4	4,8	92	37	40,2	54,2
Norte	23.658	638	2,7	3,6	1.292	599	46,4	49,9
Aracaju	5.691	146	2,6	1,7	182	134	73,6	61,8
Fortaleza	13.186	346	2,6	1,9	603	340	56,4	50,8
João Pessoa	4.767	189	4,0	4,4	226	187	82,7	78,7
Maceió	6.583	252	3,8	2,9	360	249	69,2	77,6
Natal	5.595	125	2,2	1,7	74	39	52,7	62,7
Recife	20.344	1.236	6,1	7,1	1.363	1210	88,8	87,8
Salvador	16.486	815	4,9	5,0	1.007	53	5,3	76,4
São Luís	5.470	86	1,6	2,3	144	64	44,4	51,9
Teresina	5.487	79	1,4	1,1	159	71	44,7	26,4
Nordeste	83.609	3.274	3,9	4,0	4.118	2347	57,0	75,1
Belo Horizonte	18.449	615	3,3	1,8	718	572	79,7	62,6
Rio de Janeiro	57.918	3.129	5,4	4,7	3.311	2753	83,1	74,2
São Paulo	78.767	4.099	5,2	3,8	6.765	3878	57,3	44,6
Vitória	4.424	189	4,3	5,5	230	184	80,0	77,8
Sudeste	159.558	8.032	5,0	3,9	11.024	7387	67,0	56,3
Curitiba	12.268	345	2,8	2,7	416	284	68,3	71,3
Florianópolis	2.757	25	0,9	1,2	35	18	51,4	61,5
Porto Alegre	15.937	520	3,3	2,5	534	461	86,3	78,3
Sul	30.962	890	2,9	2,4	985	763	77,5	74,6
Brasília	11.206	591	5,3	5,5	770	565	73,4	73,8
Campo Grande	4.363	228	5,2	4,9	261	202	77,4	71,4
Cuiabá	4.152	270	6,5	5,6	336	265	78,9	59,5
Goiânia	9.146	250	2,7	2,2	313	215	68,7	60,4
C.Oeste	28.867	1.339	4,6	4,4	1.680	1247	74,2	68,3
Brasil (Capitais)	326.654	14.173	4,3	3,8	19.099	12.343	64,6	61,3

Fonte: SIM/DATASUS

TABELA 6.5

Participação das Armas de Fogo na Mortalidade Total e nos Homicídios
Faixa Etária: 15 a 24 Anos / Local: Capitais e Regiões / Ano: 1998/2000

UF/ REGIÃO	No Total de Óbitos				Nos Homicídios			
	Total Óbitos 2.000	Por arma de fogo 2.000	% em 2.000	% em 1.998	Total Homicid. 2.000	Por arma de fogo 2.000	% em 2.000	% em 1.998
Belém	542	96	17,7	18,4	152	90	59,2	56,5
Boa Vista	92	17	18,5	14,3	41	16	39,0	32,4
Macapá	150	17	11,3	18,6	64	16	25,0	45,6
Manaus	520	101	19,4	19,2	210	101	48,1	43,0
Palmas	52	5	9,6	0,0	5	4	80,0	0,0
Porto Velho	144	39	27,1	29,5	66	37	56,1	69,5
Rio Branco	111	17	15,3	29,6	45	16	35,6	62,2
Norte	1.611	292	18,1	20,2	583	280	48,0	50,5
Aracaju	276	68	24,6	17,4	83	62	74,7	75,9
Fortaleza	749	157	21,0	15,7	237	155	65,4	54,9
João Pessoa	263	95	36,1	29,2	111	94	84,7	83,7
Maceió	408	120	29,4	18,8	163	120	73,6	75,8
Natal	265	65	24,5	18,9	23	16	69,6	77,8
Recife	1.198	591	49,3	49,9	631	585	92,7	92,0
Salvador	1.046	406	38,8	38,3	477	403	84,5	86,6
São Luís	350	37	10,6	13,9	59	28	47,5	58,7
Teresina	318	37	11,6	6,4	71	32	45,1	28,3
Nordeste	4.873	1.576	32,3	31,4	1.855	1495	80,6	81,5
Belo Horizonte	850	301	35,4	14,7	342	296	86,5	71,4
Rio de Janeiro	2.436	1.265	51,9	41,8	1.341	1152	85,9	76,5
São Paulo	4.515	1.811	40,1	27,9	2.797	1729	61,8	46,9
Vitória	243	81	33,3	37,9	97	81	83,5	86,2
Sudeste	8.044	3.458	43,0	31,5	4.577	3258	71,2	59,0
Curitiba	535	148	27,7	23,6	171	128	74,9	79,5
Florianópolis	89	9	10,1	13,3	9	7	77,8	71,4
Porto Alegre	581	213	36,7	24,8	217	194	89,4	85,3
Sul	1.205	370	30,7	23,3	397	329	82,9	82,2
Brasília	754	294	39,0	35,6	341	287	84,2	82,9
Campo Grande	252	109	43,3	31,3	107	97	90,7	83,1
Cuiabá	311	122	39,2	28,3	140	120	85,7	68,4
Goiânia	484	117	24,2	15,6	128	106	82,8	72,2
C.Oeste	1.801	642	35,6	28,7	716	610	85,2	78,5
Brasil (Capitais)	17.534	6.338	36,1	29,5	8.128	5.972	73,5	65,6

Fonte: SIM/DATASUS

TABELA 6.6**Taxas de Mortalidade por Armas de Fogo****Faixa Etária: Total e 15 a 24 Anos / Local: Capitais e Regiões / Anos: 1998/2000**

CAPITAL/ REGIÃO	População Total			15 a 24 anos		
	1998	2000	% crescim.	1998	2000	% crescim.
Belém	18,6	15,7	-15,4	35,7	33,3	-6,8
Boa Vista	21,3	14,0	-34,5	37,0	37,8	2,1
Macapá	23,4	11,3	-51,7	46,4	26,2	-43,6
Manaus	18,2	15,9	-12,7	35,7	31,2	-12,7
Palmas	7,2	15,3	113,5	0,0	14,9	
Porto Velho	43,6	27,5	-36,9	84,4	54,1	-35,9
Rio Branco	29,1	16,2	-44,2	63,0	29,9	-52,5
Norte	21,4	16,4	-23,6	41,2	33,0	-19,8
Aracaju	21,4	31,6	48,1	44,0	65,6	49,2
Fortaleza	11,8	16,2	37,1	22,8	34,8	52,5
João Pessoa	31,0	31,6	1,9	60,3	75,2	24,8
Maceió	26,7	31,6	18,3	42,8	70,8	65,7
Natal	13,2	17,5	33,4	29,4	43,3	47,3
Recife	101,5	86,9	-14,4	238,3	207,3	-13,0
Salvador	35,5	33,4	-6,0	81,9	72,8	-11,1
São Luís	13,3	9,9	-25,8	21,6	17,6	-18,7
Teresina	6,6	11,0	68,2	9,5	22,3	134,2
Nordeste	32,8	32,2	-1,8	70,0	71,0	1,4
Belo Horizonte	16,0	27,5	71,9	27,7	66,3	139,3
Rio de Janeiro	48,7	53,4	9,7	109,8	123,7	12,6
São Paulo	28,0	39,3	40,5	57,9	89,9	55,1
Vitória	81,0	64,7	-20,2	164,9	134,0	-18,7
Sudeste	33,8	42,7	26,1	70,8	97,3	37,6
Curitiba	19,8	21,7	9,5	38,5	47,4	23,0
Florianópolis	10,1	7,3	-27,7	21,0	12,9	-38,7
Porto Alegre	30,2	38,2	26,6	61,7	85,6	38,8
Sul	23,2	27,0	16,4	45,9	58,6	27,8
Brasília	30,0	28,8	-3,8	68,5	64,0	-6,5
Campo Grande	32,8	34,4	4,9	59,6	80,9	35,7
Cuiabá	45,6	55,9	22,5	90,0	114,0	26,6
Goiânia	18,4	22,9	24,2	32,9	48,7	47,9
C.Oeste	29,2	31,2	6,9	60,5	68,2	12,7
Brasil (Capi tais)	31,1	35,0	12,7	64,4	77,0	19,6

Fonte: SIM/DATASUS

Vemos que as diferenças de nossas taxas de utilização de armas de fogo com respeito aos restantes países são bem marcadas. Nas mortes por armas de fogo o Brasil supera, inclusive de forma ampla, países como os Estados Unidos, de longa tradição nas facilidades de regulamentação e acesso às armas.

TABELA 6.7

Ordenamento de Países por Taxa de Óbitos por Arma de Fogo
Faixa Etária: População Total / Local: Diversos Países / Anos: Último Ano Disponível

País	Ano	Taxas de Óbitos por Arma de Fogo				Taxa
		Acidentes	Homicídios	Indeterm.	Suicídios	Total
Brasil	99	0,5	16,1	1,3	0,8	18,7
Estados Unidos	99	0,3	4,0	0,1	6,1	10,5
Finlândia	98	0,1	0,4	0,1	5,2	5,7
Croácia	99	0,2	1,5	0,0	3,2	5,0
Estônia	99	0,1	2,1	0,5	2,2	4,9
Letônia	99	0,2	1,4	0,2	1,9	3,8
Rep Eslovaca	99	0,4	0,8	0,4	1,6	3,2
Noruega	97	0,0	0,2	0,0	2,9	3,2
Eslovênia	99	0,1	0,5	0,1	2,5	3,1
Luxemburgo	99	0,0	0,5	0,0	2,3	2,8
Malta	99	0,3	1,6	0,0	0,8	2,6
Islândia	96	0,0	0,4	0,0	2,2	2,6
Rep.Checa	99	0,2	0,4	0,1	1,8	2,5
Dinamarca	96	0,1	0,3	0,0	1,5	1,9
Moldávia	99	0,2	1,2	0,2	0,2	1,9
Lituânia	99	0,1	0,5	0,3	0,9	1,8
Austrália	98	0,1	0,3	0,0	1,3	1,8
Alemania	99	0,0	0,2	0,2	1,1	1,5
Hungria	99	0,0	0,3	0,0	1,0	1,3
Holanda	99	0,0	0,5	0,0	0,3	0,8
Kuwait	99	0,0	0,8	0,0	0,0	0,8
Romênia	99	0,1	0,1	0,0	0,1	0,3
Coréia	97	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1
Japão	97	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1

Fonte: OMS/WHOSIS/WMD. Brasil: SIM/DATASUS, IBGE. Estados Unidos: NCHS

Estes dados já estão indicando não só que nossas taxas de violência homicida são extremamente elevadas, senão também que apresentam um padrão que privilegia a utilização de armas de fogo como instrumento letal. Observando os meios com os quais são perpetuados os homicídios nos diversos países do mundo (tabela 6.8), vemos que, com independência do volume de homicídios, o Brasil se distingue pela elevada carga de letalidade das armas de fogo. No país, algo em torno de 63% dos homicídios foram cometidos com armas de fogo. Vemos que nos outros países analisados, no conjunto dos 22 países, essa proporção não atinge 13%. A forma mais utilizada nesses países é mediante instrumento cortante ou penetrante.

TABELA 6.8
Padrões de Homicídios (%)
Faixa Etária: População Total / Local: Diversos Países
Anos: Último Ano Disponível (Brasil, 1999)

Homicídios por	Japão	Alemanha	Holanda	Austrália	22 Países	Brasil
drogas, medicamentos	0,0	0,8	0,0	1,7	0,3	0,0
substâncias corrosivas	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0
Pesticidas	0,0	0,3	0,5	0,0	0,2	0,0
gases e vapores	1,4	0,0	0,0	2,0	0,4	0,0
outros produtos químicos ou nocivos especificados	0,0	0,0	0,0	0,0	0,2	0,0
produtos químicos ou nocivos não especificados	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0
enforcamento, estrangulamento e sufocação	24,0	15,6	8,4	9,2	12,9	0,9
afofamento e submersão	1,9	1,5	0,5	0,7	1,2	0,1
arma de fogo	3,1	21,6	36,9	19,0	12,5	62,7
material explosivo	0,0	0,0	0,5	0,3	0,2	0,0
fumaça, fogo e chamas	2,5	1,9	0,5	2,0	1,2	0,3
vapor de água, gases ou objetos quentes	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
objeto cortante ou penetrante	37,3	30,5	31,5	32,2	31,9	11,8
objeto contundente	6,1	8,3	4,9	9,5	7,6	7,7
projeção de um lugar elevado	1,5	0,1	0,0	1,0	0,6	0,0
por um objeto em movimento	0,6	0,3	0,5	0,0	0,2	0,0
impacto de um veículo a motor	0,6	0,0	0,0	0,3	0,3	0,1
força corporal	14,2	7,9	9,4	11,9	15,7	0,4
agressão sexual por meio de força física	0,0	0,0	0,5	0,0	0,1	0,0
negligência e abandono	1,5	1,0	0,0	0,3	0,4	0,0
outras síndromes de maus tratos	1,1	2,2	1,5	1,0	0,7	0,1
outros meios especificados	0,4	0,8	0,0	2,0	0,6	0,8
meios não especificados	3,6	7,1	4,4	6,8	12,8	14,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
	(718)	(719)	(203)	(295)	(5974)	(42914)

Fonte: OMS/WHOSIS/WMD. Brasil: SIM/DATASUS, IBGE

Sobre os Padrões Internacionais

Que as representações coletivas em torno da violência têm uma elevada dose de subjetividade é uma verdade incontestável, tanto nesta como em outras áreas de nossa vida social. Baseada nos temores, nas experiências imediatas ou cercanas, nos sistemas de valores, na dramatização de certos fatos e na banalização de outros, essas representações tendem a assumir o caráter de “verdade” universal, único modo possível das coisas serem. É precisamente essa “universalização” que torna esses fenômenos inevitáveis, como pertencentes “à ordem natural das coisas”.

Um fato que já se podia inferir nos Mapas anteriores, mas que não tivemos oportunidade de analisar de forma mais minuciosa, refere-se aos padrões diferenciais de mortalidade por causas externas entre os diferentes países do mundo, com especial referência à situação no Brasil.

Ao tratar de forma independente, em cada capítulo deste trabalho, as diversas causas violentas de mortalidade, podem passar despercebidos alguns padrões diferenciais que tentaremos recuperar a seguir.

Colocando lado a lado as taxas internacionais referentes às três causas de mortalidade analisadas ao longo deste estudo, podemos verificar que:

- a) países onde as taxas de homicídios são superiores às taxas de morte por acidentes de transporte, como no Brasil, constituem uma notada exceção, e não uma regra. Efetivamente, dos 60 países analisados, só em seis (10% do total) acontece maior número proporcional de homicídios (e quatro desses seis países são latino-americanos)
- b) Mas também não são muito freqüentes países onde a taxa de homicídios superam a taxa de suicídios. Em 49 dos países analisados, a taxa de suicídios é superior (e em alguns casos, como Japão, Áustria ou França, os suicídios são mais de 20 vezes superiores) à taxa de homicídios. Só em 11 países (8 deles latino-americanos) acontece o contrário.

TABELA 7

Ordenamento de Países Segundo Taxa de Mortalidade por Acidentes de Transporte, Homicídios e Suicídios

Faixa Etária: População Total e 15 a 24 Anos / Local: Diversos Países

Anos: Último Ano Disponível

País	Ano	TAXAS POPULAÇÃO TOTAL					TAXAS POPULAÇÃO 15 A 24 ANOS				
		Acid.	Homi-	Suicí-	% Homicídios		Acid.	Homi-	Suicí-	% Homicídios	
		Transp.	cídios	dios	Transp.	Suicid.	Transp.	cídios	dios	Transp.	Suicid.
Albânia	98	8,3	19,7	4,9	137,4	300,0	7,3	28,7	10,8	290,0	164,4
Alemanha	99	9,7	0,9	13,6	-91,0	-93,6	22,5	1,0	8,0	-95,5	-87,3
Argentina	96	11,8	4,6	6,4	-61,2	-28,2	14,8	6,4	6,1	-56,7	4,9
Armênia	99	4,7	2,6	1,8	-44,6	46,3	1,6	1,5	0,9	-9,1	66,7
Austrália	98	10,7	1,6	14,1	-85,2	-88,8	19,7	1,8	16,3	-91,1	-89,2
Áustria	99	12,6	0,8	19,2	-93,3	-95,6	26,5	0,6	12,9	-97,6	-95,2
Azerbaijão	99	4,2	4,7	0,7	10,6	594,4	2,7	11,1	0,6	313,5	1812,5
Bahamas	97	17,6	16,9	0,7	-4,1	2250,0	26,0	29,7	0,0	14,3	
Bielorrússia	99	21,0	11,2	34,0	-46,8	-67,0	23,7	9,2	22,2	-61,3	-58,6
Brasil	99	18,0	26,3	3,9	46,1	574,4	19,9	48,5	4,1	143,7	1082,9
Bulgária	99	12,9	2,9	15,8	-77,6	-81,8	13,1	2,4	7,7	-81,9	-69,1
Canadá	97	11,0	1,4	12,3	-86,9	-88,3	20,6	1,9	13,7	-90,7	-85,9
Colômbia	95	20,0	65,5	3,3	227,5	1900,3	20,7	121,7	5,6	487,3	2091,5
Coreia	97	33,2	2,1	13,0	-93,6	-83,6	30,2	1,7	10,3	-94,3	-83,3
Croácia	99	15,0	2,8	21,7	-81,2	-87,1	21,3	1,8	13,9	-91,7	-87,2
Cuba	97	19,4	6,8	18,4	-65,0	-63,2	18,6	9,4	10,4	-49,4	-9,3
Dinamarca	96	10,5	1,1	17,0	-89,4	-93,4	19,1	1,8	7,9	-90,8	-77,8
Equador	96	16,6	15,5	5,6	-6,6	175,2	15,5	21,3	10,6	38,0	100,9
Escócia	99	6,7	2,4	12,4	-64,8	-81,0	13,6	3,7	14,0	-72,4	-73,3
Eslovênia	99	17,9	1,5	29,9	-91,5	-94,9	24,7	0,7	15,4	-97,2	-95,6
Espanha	98	16,4	0,9	8,3	-94,5	-89,1	24,0	0,9	4,8	-96,4	-81,9
Estados Unidos	98	16,9	6,6	11,3	-60,9	-41,5	27,8	14,6	11,1	-47,5	31,3
Estônia	99	19,3	15,7	32,5	-18,3	-51,6	25,7	8,6	25,7	-66,7	-66,7
Fed. Russa	98	23,1	23,0	35,5	-0,4	-35,2	28,5	19,2	30,5	-32,6	-37,1
Finlândia	98	10,7	2,4	23,8	-77,5	-89,9	13,7	1,7	18,9	-87,6	-91,1
França	98	14,4	0,7	17,9	-94,8	-95,9	26,4	0,6	8,5	-97,6	-92,6
Granada	96	1,1	3,2	1,1	200,0	200,0	0,0	5,9	0,0		
Grécia	98	22,4	1,4	3,8	-93,9	-64,3	32,8	1,1	1,8	-96,6	-37,0
Holanda	99	7,3	1,3	9,6	-82,4	-86,6	12,9	1,7	6,5	-86,9	-74,0
Hong Kong	96	4,0	1,0	12,5	-75,1	-92,0	4,4	0,9	9,7	-79,5	-90,7
Hungria	99	16,1	2,9	33,1	-82,0	-91,3	15,2	1,6	11,6	-89,3	-86,0
Ilhas Cayman	97	9,4	6,3	0,0	-33,3		36,4	18,2	0,0	-50,0	
Irlanda	97	12,3	0,8	12,7	-93,3	-93,6	21,0	0,5	19,3	-97,8	-97,6
Irlanda do Norte	99	8,0	1,4	7,2	-82,4	-80,2	20,0	1,7	15,0	-91,7	-88,9
Islândia	96	6,3	0,4	12,3	-94,1	-97,0	19,0	0,0	11,8	-100,0	-100,0
Israel	97	9,1	0,5	6,5	-94,4	-92,1	13,5	1,0	7,2	-92,8	-86,5
Itália	97	14,0	1,3	8,2	-91,1	-84,7	22,2	1,6	5,2	-92,8	-69,5
Japão	97	11,2	0,6	18,8	-94,9	-96,9	14,5	0,4	8,5	-97,3	-95,4

(continua)

TABELA 7 (continuação)

País	Ano	TAXAS POPULAÇÃO TOTAL					TAXAS POPULAÇÃO 15 A 24 ANOS				
		Acid.	Homi-	Suicí-	% Homicídios		Acid.	Homi-	Suicí-	% Homicídios	
		Transp.	cídios	dios	Transp.	Suicid.	Transp.	cídios	dios	Transp.	Suicid.
Kuwait	99	18,0	1,9	2,2	-89,7	-17,0	35,3	2,0	1,0	-94,3	100,0
Letônia	99	30,3	12,7	31,4	-58,2	-59,7	40,3	7,6	15,6	-81,0	-50,9
Lituânia	99	24,4	8,0	41,9	-67,1	-80,9	32,4	5,7	29,0	-82,5	-80,4
Luxemburgo	99	13,2	0,9	17,6	-93,0	-94,7	20,5	0,0	10,3	-100,0	-100,0
Macedônia	97	7,5	2,4	7,8	-68,7	-69,7	6,7	1,2	4,6	-81,8	-73,3
Malta	99	3,7	2,4	7,1	-35,7	-66,7	3,5	6,9	3,5	100,0	100,0
Maurício	96	17,2	3,0	15,8	-82,5	-81,0	15,3	1,5	15,3	-90,3	-90,3
México	97	16,8	14,9	3,7	-11,6	302,0	17,1	18,4	5,9	7,9	209,5
Moldávia	99	13,1	11,2	15,9	-13,9	-29,2	11,7	8,1	7,8	-30,7	4,0
Noruega	97	9,0	0,9	12,1	-89,6	-92,3	14,2	0,7	12,6	-95,0	-94,4
Nova Zelândia	98	15,6	1,5	15,1	-90,4	-90,1	28,9	1,3	25,9	-95,5	-95,0
Polônia	96	19,2	2,6	14,1	-86,3	-81,3	22,9	1,4	10,2	-93,9	-86,3
Portugal	99	17,4	1,2	5,5	-93,2	-78,3	23,6	1,1	1,9	-95,2	-41,4
Porto Rico	98	15,9	22,4	8,9	40,3	150,5	20,7	58,4	7,9	181,7	638,0
Reino Unido	99	6,1	0,7	7,5	-87,9	-90,1	11,2	1,1	6,7	-90,1	-83,4
Rep Eslovaca	99	16,4	2,4	12,8	-85,1	-80,9	17,8	1,5	7,2	-91,5	-79,1
Rep.Checa	99	15,2	1,5	15,7	-90,4	-90,6	20,2	1,2	10,4	-93,9	-88,1
Romênia	99	15,7	3,6	12,2	-77,3	-70,7	13,1	2,3	6,6	-82,7	-65,7
Singapura	99	5,0	1,0	8,8	-80,3	-88,8	9,6	0,5	5,4	-95,1	-91,3
Suécia	96	6,5	1,2	14,2	-80,8	-91,2	9,5	0,6	8,3	-93,1	-92,2
Ucrânia	99	13,4	12,6	29,1	-6,2	-56,7	15,9	9,2	16,5	-41,7	-44,1
Uzbequistão	98	8,3	3,4	7,1	-58,2	-51,2	6,0	3,1	9,6	-48,5	-67,7

Fonte: OMS/WHOSIS/WMD. Brasil: SIM/DATASUS, IBGE. Colômbia: Estatísticas MS

Fidedignidade, Sub-registro e Subimputação

Existiriam, pelo menos, duas séries de fatores que atentam contra a fidedignidade dos dados do Subsistema de Informações de Mortalidade – SIM- do Datasus.

Em primeiro lugar, o **sub-registro** de óbitos. Como é reconhecido pelo próprio Datasus²² “Do ponto de vista do número de registros efetuados, é fato conhecido por todos que trabalham no setor a ocorrência de inúmeros sepultamentos sem o competente registro, determinando uma redução do número de óbitos conhecidos (sub-registro), com as conseqüentes repercussões em todos os indicadores de saúde”. Cemitérios e enterros clandestinos, corpos jogados em locais de difícil acesso, etc. formam parte deste contingente difícil de estimar. Mas, ainda assim, o mesmo documento esclarece que “Do ponto de vista quantitativo, admite-se que os dados apresentados nesta publicação representam algo em torno de 80% do total de óbitos ocorridos no país em 1992, estimados em cerca de mais de um milhão de registros.”

Um segundo problema que atenta contra a fidedignidade da informação refere-se à subimputação. Problemas de índole técnica ou outros fazem que, mesmo o registro de óbito sendo realizado, as causas de morte não constam corretamente identificadas ou preenchidas, distorcendo a incidência total de determinados agravos ou incidentes.

A Classificação Internacional de Doenças – CID – em sua 10ª versão (adotada pelo Brasil a partir de 1996) possibilita este tipo de imputação residual em vários de seus títulos ou capítulos.

²² Num documento introdutório do CD-Rom por meio do qual o Datasus divulga as Bases de Dados de Mortalidade do período 1979/1996 titulado “O Sistema de Informações de Mortalidade” que será referenciado DATASUS. O Sistema de Informações de Mortalidade”. s/d.

- **R95 a R99** Causas mal definidas e desconhecidas de mortalidade
 - **R98** Morte sem assistência. Encontrado(a) morto(a). Morte em circunstâncias nas quais o corpo do(a) falecido(a) foi encontrado e não se pode descobrir a causa.
 - **R99** Outras causas mal definidas e as não especificadas de mortalidade. Causa desconhecida de morte
- **Y10 a Y34** Esta seção contempla eventos ou fatos sobre os quais a informação disponível não é suficiente para permitir que as autoridades médicas ou legais possam fazer a distinção entre tratar-se de um acidente, de uma lesão auto-infligida ou de uma agressão.

Existem, no CID 10, outros capítulos ou seções de imputação indeterminada mas, por serem pouco utilizados, não serão tomados em conta nesta análise.

Não cabe dúvida que, inclusive nas melhores condições técnicas ou de cobertura, existe uma certa margem de incerteza, um determinado número de casos de difícil imputação.

Nos 22 países do mundo para os quais as Bases de Mortalidade Internacional da OMS disponibiliza informações seguindo o CID-10, vemos que estes 3 capítulos de imputação indeterminada (R98, R99 e Y10 a Y34) representam só 1,1% do total de óbitos. No caso de maior expressividade, o da Dinamarca, chega a representar 7,7% do total de óbitos. Mas os restantes países encontram-se abaixo do patamar de 3%.

Poderíamos assim tomar, como critério de aceitabilidade, um limite técnico bastante folgado de 6% de óbitos com indeterminação de imputação.

A realidade brasileira, neste campo, é bem heterogênea e matizada, como podemos ver na tabela a seguir.

Vemos que no país, em seu conjunto, 14,4% dois óbitos do ano 1999 não apresentam imputação definida, o que excede largamente o critério estabelecido. Vemos que alguns estados, como Distrito Federal, Paraná, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, São Paulo e Amapá, encontram-se, aproximadamente, dentro desses limites de aceitabilidade. Já em outras UF's, principalmente as das Regiões Norte e Nordeste, os patamares de indeterminação são extremamente elevados, com situações, como a da Paraíba, onde mais da metade dos óbitos não apresentam imputação determinada.

TABELA 8.1**Número e % de Casos em Capítulos do CID-10****Faixa Etária: População Total / Local: Diversos Países / Anos: Último Ano Disponível**

País	Total de Óbitos	Número de casos			%			
		R98	R99	Y10-34	R98	R99	Y10-34	Total
Alemanha	846.330	2.802	11.284	1.428	0,3	1,3	0,2	1,8
Austrália	127.358	11	306	126	0,0	0,2	0,1	0,3
Croácia	51.953	1	272	4	0,0	0,5	0,0	0,5
Coréia	238.714	26	2.638	560	0,0	1,1	0,2	1,4
Dinamarca	60.712	1.955	2.519	171	3,2	4,1	0,3	7,7
Eslovênia	18.885	8	315	96	0,0	1,7	0,5	2,2
Estônia	18.455	96	108	104	0,5	0,6	0,6	1,7
Finlândia	49.237	82	42	56	0,2	0,1	0,1	0,4
Holanda	140.487	175	3.498	43	0,1	2,5	0,0	2,6
Hungria	143.210	28	25	143	0,0	0,0	0,1	0,1
Islândia	1.879	1	9	2	0,1	0,5	0,1	0,6
Japão	913.402	366	1.040	1.228	0,0	0,1	0,1	0,3
Kuwait	4.186		57	48	0,0	1,4	1,1	2,5
Letônia	32.844	284	4	238	0,9	0,0	0,7	1,6
Lituânia	40.003	15	140	159	0,0	0,3	0,4	0,8
Luxemburgo	3.671	11	17	1	0,3	0,5	0,0	0,8
Malta	3.097	0	3		0,0	0,1	0,0	0,1
Moldávia	41.314	128	8	382	0,3	0,0	0,9	1,3
Noruega	44.646	41	452	15	0,1	1,0	0,0	1,1
Rep Eslovaca	52.402	15	405	169	0,0	0,8	0,3	1,1
Rep.Checa	109.768	44	273	119	0,0	0,2	0,1	0,4
Romênia	265.194	6	255	159	0,0	0,1	0,1	0,2
Total	3.207.747	6.095	23.670	5.251	0,2	0,7	0,2	1,1

Fonte: OMS/WHOSIS/WMD

Seria de esperar que nas capitais do país, dadas as melhores condições técnicas e de cobertura, os níveis de imputação das causas dos óbitos fossem bem mais aceitáveis. Isso realmente acontece. Nas capitais do país, só 6% dos óbitos não apresentam imputação definida. Mas ainda assim, tem capitais, como Manaus, Rio Branco, João Pessoa e São Luís com níveis extremamente altos de indefinição.

TABELA 8.2
Número e % de Casos em Capítulos do CID-10
Faixa Etária: População Total / Local: UF e Regiões / Ano: 1999

UF/ REGIÃO	Total de Óbitos	Número de casos			%			
		R98	R99	Y10-34	R98	R99	Y10-34	Total
Acre	2.122	536	81	63	25,3	3,8	3,0	32,0
Amazonas	9.535	1.176	1.019	52	12,3	10,7	0,5	23,6
Amapá	1.700	10	85	2	0,6	5,0	0,1	5,7
Pará	21.190	4.623	963	310	21,8	4,5	1,5	27,8
Rondônia	5.409	576	131	14	10,6	2,4	0,3	13,3
Roraima	1.266	10	86	0	0,8	6,8	0,0	7,6
Tocantins	4.253	826	129	61	19,4	3,0	1,4	23,9
Norte	45.475	7.757	2.494	502	17,1	5,5	1,1	23,6
Alagoas	14.313	4.374	350	24	30,6	2,4	0,2	33,2
Bahia	58.521	14.209	2.005	579	24,3	3,4	1,0	28,7
Ceará	34.751	3.911	1.016	70	11,3	2,9	0,2	14,4
Maranhão	14.403	4.568	880	253	31,7	6,1	1,8	39,6
Paraíba	17.148	7.943	687	19	46,3	4,0	0,1	50,4
Pernambuco	51.744	10.839	1.383	308	20,9	2,7	0,6	24,2
Piauí	8.672	2.421	90	75	27,9	1,0	0,9	29,8
Rio Grande do Norte	12.668	3.370	213	381	26,6	1,7	3,0	31,3
Sergipe	9.420	2.379	514	262	25,3	5,5	2,8	33,5
Nordeste	221.640	54.014	7.138	1.971	24,4	3,2	0,9	28,5
Espírito Santo	17.329	2.827	344	42	16,3	2,0	0,2	18,5
Minas Gerais	99.503	5.570	7.805	1.301	5,6	7,8	1,3	14,7
Rio de Janeiro	113.497	341	10.694	2.758	0,3	9,4	2,4	12,2
São Paulo	236.820	4.834	7.805	2.208	2,0	3,3	0,9	6,3
Sudeste	467.149	13.572	26.648	6.309	2,9	5,7	1,4	10,0
Paraná	54.801	2.388	591	307	4,4	1,1	0,6	6,0
Rio Grande do Sul	67.269	2.156	407	559	3,2	0,6	0,8	4,6
Santa Catarina	27.855	2.650	253	129	9,5	0,9	0,5	10,9
Sul	149.925	7.194	1.251	995	4,8	0,8	0,7	6,3
Distrito Federal	8.544	27	312	45	0,3	3,7	0,5	4,5
Goiás	23.660	1.515	1.130	761	6,4	4,8	3,2	14,4
Mato Grosso do Sul	11.489	316	574	162	2,8	5,0	1,4	9,2
Mato Grosso	10.776	330	310	24	3,1	2,9	0,2	6,2
Centro –Oeste	54.469	2.188	2.326	992	4,0	4,3	1,8	10,1
Brasil	938.658	84.725	39.857	10.769	9,0	4,2	1,1	14,4

Fonte: SIM/DATASUS

TABELA 8.3
Número e % de Casos em Capítulos do CID-10
Faixa Etária: População Total / Local: Capitais e Regiões / Ano:1999

CAPITAL/ REGIÃO	Total de Óbitos	Número de casos			%			
		R98	R99	Y10-34	R98	R99	Y10-34	Total
Belém	8.638	42	388	196	0,5	4,5	2,3	7,2
Boa Vista	868	3	10	0	0,3	1,2	0,0	1,5
Macapá	1.557	3	80	1	0,2	5,1	0,1	5,4
Manaus	7.084	458	944	36	6,5	13,3	0,5	20,3
Palmas	408	9	11	2	2,2	2,7	0,5	5,4
Porto Velho	1.954	71	70	9	3,6	3,6	0,5	7,7
Rio Branco	1.489	276	37	55	18,5	2,5	3,7	24,7
Norte	21.998	862	1.540	299	3,9	7,0	1,4	12,3
Aracaju	5.645	108	173	172	1,9	3,1	3,0	8,0
Fortaleza	13.788	178	590	41	1,3	4,3	0,3	5,9
João Pessoa	4.482	749	103	1	16,7	2,3	0,0	19,0
Maceió	5.745	30	260	4	0,5	4,5	0,1	5,1
Natal	5.349	49	87	221	0,9	1,6	4,1	6,7
Recife	19.362	27	227	155	0,1	1,2	0,8	2,1
Salvador	16.262	17	398	386	0,1	2,4	2,4	4,9
São Luís	5.049	41	597	144	0,8	11,8	2,9	15,5
Teresina	3.981	14	13	22	0,4	0,3	0,6	1,2
Nordeste	79.663	1.213	2.448	1.146	1,5	3,1	1,4	6,0
Belo Horizonte	19.067	43	581	257	0,2	3,0	1,3	4,6
Rio de Janeiro	57.859	5	4.917	1.972	0,0	8,5	3,4	11,9
São Paulo	76.497	6	488	668	0,0	0,6	0,9	1,5
Vitória	4.244	122	135	8	2,9	3,2	0,2	6,2
Sudeste	157.667	176	6.121	2.905	0,1	3,9	1,8	5,8
Curitiba	11.533	18	120	75	0,2	1,0	0,7	1,8
Florianópolis	2.510	6	7	12	0,2	0,3	0,5	1,0
Porto Alegre	15.707	15	88	70	0,1	0,6	0,4	1,1
Sul	29.750	39	215	157	0,1	0,7	0,5	1,4
Brasília	10.523	28	370	9	0,3	3,5	0,1	3,9
Campo Grande	4.430	58	127	60	1,3	2,9	1,4	5,5
Cuiabá	3.831	18	248	2	0,5	6,5	0,1	7,0
Goiânia	9.363	366	316	196	3,9	3,4	2,1	9,4
C.Oeste	28.147	470	1.061	267	1,7	3,8	0,9	6,4
Brasil (Capitais)	317.225	2.760	11.385	4.774	0,9	3,6	1,5	6,0

Fonte: SIM/DATASUS

Recentemente, a Secretaria Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça começou a implementar o Infoseg, um de cujos segmentos consiste na sistematização dos Boletins de Ocorrência Policiais para diversos crimes. Até a data de elaboração do presente estudo, a Secretaria só tinha liberado os dados, por UF, das ocorrências policiais. Dentre os vários crimes divulgados, o que interessa para o presente estudo refere-se a homicídios culposos.

Mas, devem ser tomados, também neste caso, alguns cuidados.

- a) Os dados divulgados referem-se só ao número de boletins de ocorrência. Mas um boletim pode conter mais de uma vítima (boletim duma chacina, ou de vítimas múltiplas). Os dados referentes ao número de vítimas relatados nos boletins (Tabela 2 do Sistema) não foram divulgados, fundamentalmente, porque poucas UFs forneceram essa informação à Secretaria Nacional.
- b) Além de ter os mesmos problemas de sub-registro que o SIM (cemitérios clandestinos, corpos jogados ou enterrados em lugares inóspitos, etc), os boletins de ocorrência, principalmente nos casos de homicídios, pecam pela falta de acompanhamento posterior ao incidente. Assim, casos registrados como de lesão corporal, se a evolução posterior levou à morte da vítima, é pouco provável a mudança de figura delitiva no boletim de ocorrência.

Este duplo conhecimento: níveis de subimputação em cada UF e as estatísticas dos Boletins de Ocorrência Policial para Homicídios, permite fazer uma estimativa de ajuste dos dados originais de Homicídios contidos no SIM. Os procedimentos para essa estimativa são os descritos a seguir.

- a) Tomou-se como porto de partida a lógica que nas duas bases (SIM E INFOSEG) todos os registros caracterizados como de Homicídios são realmente homicídios. Mas, em ambos os casos, nem todos os homicídios são registrados.
- b) Foi realizada uma estimativa considerada “mínima”. Não foi interpolado o número de vítimas nos Boletins de Ocorrência (cada boletim foi considerado um homicídio), nem considerada a possibilidade de tendenciosidade da subimputação.
- c) Para ajustar os dados pela subimputação do SIM foi considerada a estrutura da mortalidade total de cada Estado para os casos contidos nas categorias R98 e R99, e a estrutura da mortalidade por causas externas, nos casos das categorias Y10 a Y34.

TABELA 8.4
Estimativas de Ajuste do Número de Homicídios
Faixa Etária: População Total / Local: UF e Regiões / Ano: 2000

UF/ REGIÃO	Número Homic. SIM	Subimpu- tação Homicídios	Primeiro Ajuste	Boletins Ocorrências Policiais	Ajuste Final	% de Aumento
Acre	108	28,8	139	102	139	28,8
Amazonas	553	23,9	685	548	685	23,9
Amapá	155	5,7	164	229	229	47,7
Pará	804	27,7	1.026	995	1.026	27,7
Rondônia	482	13,4	547	484	547	13,4
Roraima	128	7,8	138	65	138	7,8
Tocantins	176	20,4	212	189	212	20,4
NORTE	2.406	23,6	2.911	2.612	2.976	23,7
Alagoas	731	26,1	922	704	922	26,1
Bahia	2.037	25,8	2.563	2.381	2.563	25,8
Ceará	1.227	13,9	1.398	1.355	1.398	13,9
Maranhão	339	51,2	513	705	705	108,0
Paraíba	502	44,4	725	945	945	88,2
Pernambuco	4.141	24,6	5.160	3.602	5.160	24,6
Piauí	230	33,2	306	126	306	33,2
Rio Grande do N.	253	47,7	374	245	374	47,7
Sergipe	394	34,8	531	498	531	34,8
NORDESTE	9.854	29,0	12.491	10.561	12.904	30,9
Espírito Santo	1.442	17,2	1.690	1.492	1.690	17,2
Minas Gerais	2.089	22,9	2.567	2.361	2.567	22,9
Rio de Janeiro	7.335	23,4	9.049	5.369	9.049	23,4
São Paulo	15.622	18,1	18.456	13.156	18.456	18,1
SUDESTE	26.488	20,3	31.762	22.378	31.762	19,9
Paraná	1.777	9,9	1.953	1.472	1.953	9,9
Rio Grande do S.	1.656	12,3	1.859	1.280	1.859	12,3
Santa Catarina	420	12,9	474	263	474	12,9
SUL	3.853	11,3	4.286	3.015	4.286	11,2
Distrito Federal	775	3,5	802	660	802	3,5
Goiás	1.009	14,4	1.154	947	1.154	14,4
Mato Grosso do S.	644	13,2	729	679	729	13,2
Mato Grosso	998	6,8	1.066	614	1.066	6,8
CENTRO OESTE	3.426	10,2	3.751	2.900	3.751	9,5
BRASIL	46.027	20,5	55.202	41.466	55.680	21,0

Fonte: SIM/DATASUS. INFOSEG/MJ

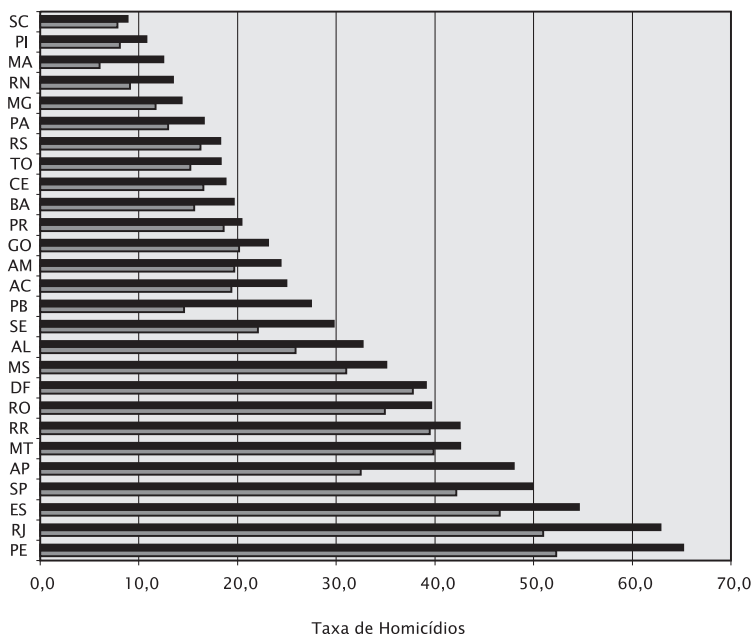
d) Realizado este primeiro ajuste pela re-imputação das categorias do SIM, foi observado o número de ocorrências policiais do INFOSEG. Nos casos em que o número de ocorrências do INFOSEG resultaram maiores que as imputações ajustadas do SIM, optou-se por utilizar os quantitativos do INFOSEG.

Os resultados destes procedimentos podem ser encontrados na Tabela 8.4. Para o ano 2000, isto representa um ajuste de 21% no total de seus homicídios. Mas para algumas UF's, como Maranhão e Paraíba, os valores praticamente duplicam. Como foi acima colocado, os maiores problemas de subimputação encontram-se nas regiões Nordeste e Norte do país.

Também é muito provável que os problemas de sub-registro apresentem uma elevada correlação com os de subnotificação, mas não temos meios empíricos imediatos para verificar isto.

Este ajuste levaria ao Brasil a apresentar uma taxa de homicídios bem mais elevada: 32,8 homicídios em 100.000 habitantes, mudando também, e às vezes de forma significativa, a situação das UF, como pode ser visto na tabela a seguir.

GRÁFICO 8.1
Taxa de Homicídios Original e Ajustada
Ano 2000



Fonte: SIM/DATASUS. INFOSEG/MJ

As alterações mais significativas podem ser detectadas nos estados de Amapá, Paraíba e Maranhão.

TABELA 8.5
Taxas de Homicídio Originais e Ajustadas
Faixa Etária: População Total / Local: UF / Ano: 2000

UF	Taxa Original	Taxa Ajustada	Posição Original	Posição Ajustada
Pernambuco	52,3	65,2	1º	1º
Rio de Janeiro	51,0	62,9	2º	2º
Espírito Santo	46,6	54,6	3º	3º
São Paulo	42,2	49,8	4º	4º
Amapá	32,5	48,0	9º	5º
Mato Grosso	39,9	42,6	5º	6º
Roraima	39,5	42,5	6º	7º
Rondônia	34,9	39,6	8º	8º
Distrito Federal	37,8	39,1	7º	9º
Mato Grosso do S.	31,0	35,1	10º	10º
Alagoas	25,9	32,7	11º	11º
Sergipe	22,1	29,8	12º	12º
Paraíba	14,6	27,4	21º	13º
Acre	19,4	24,9	15º	14º
Amazonas	19,7	24,4	14º	15º
Goiás	20,2	23,1	13º	16º
Paraná	18,6	20,4	16º	17º
Bahia	15,6	19,6	19º	18º
Ceará	16,5	18,8	17º	19º
Tocantins	15,2	18,3	20º	20º
Rio Grande do S.	16,3	18,2	18º	21º
Pará	13,0	16,6	22º	22º
Minas Gerais	11,7	14,3	23º	23º
Rio Grande do N.	9,1	13,5	24º	24º
Maranhão	6,0	12,5	27º	25º
Piauí	8,1	10,8	25º	26º
Santa Catarina	7,8	8,9	26º	27º

Fonte: SIM/DATASUS. INFOSEG/MJ

Considerações Finais

O percurso realizado ao longo das causas de mortalidade dos jovens brasileiros na década de 1991 a 2000 permite delinear um panorama que é, ao mesmo tempo, complexo e preocupante.

No contexto internacional, nossas taxas de mortalidade de jovens ocasionadas por suicídios são relativamente baixas. Isso não significa que não sejam necessárias e oportunas medidas para diminuir ainda mais essa situação. Mas o mesmo não parece acontecer quando entramos no capítulo das mortes ocasionadas por homicídios ou nas mortes derivadas de acidentes de transporte.

Nossas taxas de homicídios, se bem mais baixa que as de um país caracterizado por uma síndrome de violência endêmica como é a Colômbia, são ainda 30 ou 40 vezes superiores às taxas de países como Irlanda, Singapura, França ou Suécia. Mas é entre os jovens que as diferenças internacionais tornam-se realmente dramáticas. Nossas taxas são 100 vezes superiores às desses países.

Neste campo ainda, algumas situações encontradas ao longo do estudo são realmente alarmantes:

- Em 2000, no plano nacional, 39,2% das mortes de jovens foi causada por homicídios. Nas capitais do país, essa proporção se eleva para 43,6%. Nas regiões metropolitanas do país, essa proporção ultrapassa a casa de 50%.
- Tal vitimização juvenil vem crescendo de forma extremamente acelerada nos últimos tempos.
- Para o país como um todo, os homicídios representam, de longe, a principal causa de mortalidade juvenil. E em várias UF's, como Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco, os homicídios são responsáveis por mais da metade das mortes de jovens.

- Os avanços da violência homicida das últimas duas décadas no Brasil são explicados, exclusivamente, pelos incrementos dos homicídios contra a juventude. Se as taxas de homicídios entre os jovens pularam de 30,0 em 1980 para 52,1 (em 100.000 jovens) em 2000, as taxas para o restante da população até caíram levemente, passando de 21,3 para 20,8 (em 100.000 habitantes).

A AIDS, que no ano 2000 vitimou 738 jovens, foi responsável por 1,6% dos óbitos juvenis no país. Inclusive na faixa etária de maior incidência – a que vai dos 25 aos 34 anos – a AIDS matou 4.015 pessoas, isto é, 7,6% da mortalidade nessa faixa. Existe uma enorme preocupação e uma grande mobilização, que julgamos totalmente necessária e justificada, de combate a esse flagelo. Essas preocupações e mobilizações levaram o Brasil a se constituir em referência internacional em programas de prevenção da doença. A própria UNESCO, no plano internacional e também no nacional, é parte integrante desse esforço de enfrentamento à AIDS.

Também no trânsito temos exemplos relativamente bem sucedidos dessa positiva articulação entre preocupação, políticas públicas e mobilização social. Novas leis, campanhas educativas, etc, muitas delas realizadas em parceria com a própria UNESCO, possibilitaram não só deter a espiral violenta dos acidentes de trânsito, mas também diminuir significativamente os elevados índices existentes até 1997. Neste campo, em 1997, o pior ano de mortes por acidentes de transporte, foram registrados 7.816 óbitos de jovens. Para o ano 2000, esse número cai para 6.414, o que significa uma queda de 17,9% no número absoluto de óbitos. Já se tratando de taxas, essa queda é mais significativa ainda: cai de 24,2 para 18,8 (em 100.000 jovens) o que representa uma queda de 22,3%.

Mas, para um outro flagelo, causador de 17.762 mortes de jovens só no ano 2000, um mal 24 vezes maior do que a AIDS, um flagelo que vitimou mais que o dobro de jovens que o trânsito em seu pior ano, ainda são escassas e bastante tímidas nossas ações e iniciativas políticas de enfrentamento.

Sabemos não ser uma tarefa simples. No caso da AIDS, por terrível que tal flagelo se apresente, o inimigo se encontra identificado. Se ainda não foi encontrada a sua cura, já existem, ao menos, formas de tratamento. E mais ainda, são perfeitamente conhecidas as estratégias para sua prevenção e contenção. Mas para tentar entender ou explicar as situações delineadas ao longo dos diversos capítulos, entra em jogo uma enorme variedade de determinantes. De uma forma ou de outra, nesse campo, estamos sempre

atuando diante das conseqüências geradas por uma grande diversidade de fatores individuais, grupais, culturais, sociais, econômicos e políticos que se conjugam na explicação de cada situação concreta; fatores que, inclusive de forma isolada, não são fáceis de enfrentar ou de solucionar.

Essa precariedade explicativa agrava-se ainda mais quando se assiste a uma pulverização da violência, a sua banalização nos meios de comunicação e sua inserção na vida cotidiana com o conseqüente alargamento de sua abrangência e incidência, tornando ainda mais difícil a compreensão e o tratamento do problema. Como esclarece Zaluar²³, “ela está em toda parte, ela não tem nem atores sociais permanentes reconhecíveis nem ‘causas’ facilmente delimitáveis e inteligíveis”.

A incidência crescente de todas essas formas de violência, que torna nossos jovens, ao mesmo tempo, vítimas e algozes, exige do conjunto da sociedade uma análise mais aprofundada e uma atitude mais objetiva e responsável, se quisermos realmente limitar sua vigência em nossa sociedade. A violência também encontra um excelente caldo de cultivo na apatia, na falta de projeto de futuro, na ausência de perspectivas, na quebra dos valores de tolerância e solidariedade, fatos que fazem parte da crise de significações de nossa modernidade. Os impasses da sociedade geram a vigência de diversas formas de culto à violência como forma de solução dos problemas imediatos, adquirindo novas formas e novos conteúdos, sob a forma de violência gratuita. Essa crise de significações leva a uma situação de asfixia, em que os jovens não vêm nem saída nem mecanismos de articulação (movimentos políticos, sociais ou culturais) que funcionem como unificadores. O novo caráter da violência está na intensidade, na própria violência de questões sem saída, estimulando comportamentos violentos e um retorno à barbárie (Castoriadis²⁴).

Mas esse impasse pode e deve ser quebrado. O crescimento da violência nos indica, de forma indiscutível, que nossas atividades, campanhas e esforços sobre a questão são ainda insuficientes. Aprofundar a discussão e aplicar de forma séria e decidida as recomendações de tal análise é um bom início para combater e prevenir a barbarização de nossa vida cotidiana.

²³ ZALUAR, A. A Guerra Privatizada da Juventude. Folha de S. Paulo, 18/05/97.

²⁴ CASTORIADIS, C. *La montée de l'insignifiance*, Paris, Éditions du Seuil, 1996.

E os caminhos dessa discussão não são difíceis de delinear: dever-se-á procurar promover políticas e estratégias que estimulem a plena inserção e um papel protagonista para os jovens, que se articulem esforços e iniciativas do setor público, seja federal, estadual ou municipal, da esfera privada, das organizações não governamentais e dos próprios jovens. Estratégias que promovam o conhecimento, a revalorização e o fortalecimento da identidade juvenil e sua participação, como setor ativo e consciente, da construção da cidadania e do desenvolvimento do país. Se este documento contribuir, de alguma forma, para lograr esse objetivo, terá cumprido com sua finalidade.

BIBLIOGRAFIA

CASTORIADIS, C. *La montée de l'insignifiance*, Paris, Éditions du Seuil, 1996.

DUBET, F. *Penser le sujet*. S/l. Fayard, 1995.

DURKHEIM, E. *O Suicídio: Estudo Sociológico*. Lisboa: Presença, 1996

MELLO JORGE, M.H.P. Como Morrem Nossos Jovens. In: CNPD. *Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas*. Brasília, 1998.

MICHAUD, Y. *A Violência*, São Paulo, Ática, 1989

MINAYO, M.C. A Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública. *Cadernos de Saúde Pública* (10) 1. Escola Nacional de Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz, 1994.

OPS/OMS. *La salud del adolescente y el joven en las Américas*. Washington, DC., 1985.

PINHEIRO, P. S., et.all. *São Paulo Sem Medo: Diagnóstico da Violência Urbana*. Editora Garamond, Rio de Janeiro, 1998.

PORTO, M. S. G. *A violência entre a inclusão e a exclusão social*. VII Congresso Sociedade Brasileira de Sociologia, Brasília, agosto, 1997.

RAMOS de SOUZA, et all. Qualidade da informação sobre violência: um caminho para a construção da cidadania. *INFORMARE – Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação*. Rio de Janeiro, v.2, n. 1, jan/jun 1996.

SIM/DATASUS/MS. *O Sistema de Informações sobre Mortalidade*. S/1, 1995

UNICEF. *Retrato Estatístico das Mortes de Crianças e Jovens por Causas Violentas: Brasil 1979-1993*. Brasília, 1995.

United Nations Crime and Justice Information Network. *United Nations International Study on Firearm Regulation*. 1998.

VERMELHO, L.L. e MELLO JORGE, M.H.P. Mortalidade de jovens: análise do período de 1930 a 1991 (a transição epidemiológica para a violência). *Revista de Saúde Pública*. 30 (4). 1996. Apud: MELLO JORGE, M.H.P. Como Morrem Nossos Jovens. In: CNPD. *Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas*. Brasília, 1998.

WIEVIORKA, M. O novo paradigma da violência. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, V.9, nº1, 1997.

ZALUAR, A. A Guerra Privatizada da Juventude. *Folha de S. Paulo*, 18/05/97.

BIBLIOGRAFIA UNESCO

ABRAMOVAY, M. et al. Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

_____ et al. *Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Rio de Janeiro: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, SETUR e Garamond, 1999.

- _____(coord) et al. *Escolas de Paz*. Brasília: UNESCO, Gov. do Estado de Rio de Janeiro, 2001.
- _____ & RUA, M.G. *Violência nas Escolas*. Brasília: UNESCO, Coord. DST/AIDS do Ministério da Saúde, Séc. de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.
- BARREIRA, C. *Ligado na Galera*. Brasília: UNESCO, FNUAP, UNICEF, Instituto Ayrton Senna. 1999.
- CASTRO, M.G. et al. *Cultivando vida, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza*. Brasília; UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellog, BID, 2001.
- MINAYO, M.C.S. et all. *Fala galera: juventude, violência e cidadania na cidade de Rio de Janeiro*. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Fundação Ford, Fundação Oswaldo Cruz, Garamond, 1999.
- RUA, M.G. & ABRAMOVAY, M. *Avaliação das ações de prevenção às DST/AIDS e uso indevido de drogas nas escolas de ensino fundamental e médio em capitais brasileiras*. Brasília: UNESCO, UNAIDS, ODCCP, Ministério da Saúde, 2001.
- SALLAS, A.L. et al. *Os Jovens de Curitiba: esperanças e desencantos. Juventude, Violência e Cidadania*. Brasília: UNESCO, 1999.
- WASELFISZ, J. (coord) et al. *Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília*. S.Paulo: Cortez Editora/UNESCO, 1998a.
- _____ *Mapa da Violência: os jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Garamond, 1998b.
- _____ *Mapa da Violência II: os jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Ministério da Justiça, 2000.
- WERTHEIN, J. *Juventude, violência e Cidadania*. Brasília, UNESCO, 2000.

NOTA SOBRE O AUTOR

Julio Jacobo Waiselfisz. Argentino. Sociólogo. Mestre em Educação. Doutorado em fase de conclusão. Ex-professor de Metodologia de Pesquisa e Métodos Quantitativos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ex-professor da Universidade Nacional de Comahue, Argentina e da Universidade Nacional de El Salvador. Foi consultor internacional do IICA, da OEA e do PNUD. Implantou o sistema de avaliação do ensino público no Brasil (Convênio MEC/BIRD). Coordenou vários projetos de pesquisa e estudos na área de avaliação e planejamento educacional. Tem vários trabalhos publicados no Brasil e no Exterior.